



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LUGARES NO AVESSE DO DESERTO

Autor: Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa
Orientador: Milton José de Almeida

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 04/05/2007

Assinatura: *Milton José de Almeida*

Milton José de Almeida

COMISSÃO JULGADORA:

Milton José de Almeida

Mauro do Carmo Martin

Rui Aires da Silva

ano
2007



**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Costa, Alan Victor Pimenta de Almeida Pales.
C823L Lugares no avesso do deserto / Alan Victor Pimenta de Almeida Pales
Costa. -- Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador : Milton José de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Educação audiovisual. 2. Fotografia. 3. Literatura. 4. Cinema. 5.
Misticismo. 6. Arte. 7. Memória. I. Almeida, Milton José de. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

07-111/BFE

Título em inglês: Places on the other side of the desert

Keywords: Audiovisual education ; Photography ; Literature; Cinema ; Mysticism ; Art ; Memory

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Milton José de Almeida (Orientador)

Prof. Dr. Acir Dias da Silva

Profa. Dra. Maria do Carmo Martins

Profa. Dra. Marília Pacheco Fiorillo

Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Data da defesa: 04/05/2007

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : russo333@hotmail.com

RESUMO

Apresento um diálogo imaginal, fotográfico e literário, a partir de paisagens da Serra da Mantiqueira e Belo Horizonte, e do mundo imaginal da literatura e pintura persas, que se interpretam reciprocamente. Estudos, pesquisas e criação visual acerca dos lugares do olhar que tocam imagens plásticas e poéticas da Pérsia do século XII, principalmente de Sohravardî e Nezamî, e a arte filmográfica do cineasta Abbas Kiarostami. A pesquisa apresenta-se em três partes: uma composição fotográfica, um texto de criação literária e uma reflexão acadêmica que busca refletir sobre as formas lineares da representação visual da perspectiva renascentista, padrão da nossa educação estética, da fotografia e do cinema, em contraste com a ausência de perspectiva das representações persas em imagens do século XII.

PALAVRAS CHAVE: Educação visual, fotografia, literatura, cinema, misticismo persa, arte da memória.

ABSTRACT

This is an imaginal, photographic and literary dialogue created from landscapes of Serra da Mantiqueira and Belo Horizonte, and from Persian literature and paintings, interpreted reciprocally. Images and texts of Sohravardi and Nezami, and the cinematographic art of Kiarostami, are in the background of the research. This dissertation is presented in three parts: a photographic composition, a literary text and an academic reflexion.

Key-words: Visual education, photography, literature, cinema, persian mysticism. memory art.

ÍNDICE

Resumo/Abstract	iii
lugares no avesso do deserto.....	1
Primeiro Vale: lugares no avesso do deserto.....	77
O Mundo de Imagens Autônomas.....	83
Serras Puiúnas.....	91
O Anjo de Asas Púrpuras.....	95
Segundo Vale: Lugares da Memória.....	101
Vale da Lua: o influxo criador.....	113
lugares no avesso do deserto.....	125
Terceiro Vale: Luz.....	135
Kiarostami – duas ou três coisas que sei de mim.....	141
O vale das três luzes.....	145
Entrepágina	161
Bibliografia.....	165

lugares no avesso do deserto



PONTA DA CASCATA

- Quanto falta daqui no vilarejo?
- Pouco moço, mas aperte o passo que a chuva vem vindo. Aqui não chove. Já teve chuva de dia inteiro, de manhã, tarde ou dentro da noite, sem hora. Agora não vem mais não, fica presa no morro e morre antes. A gente vê só essa nuvem grossa que veio com a última e o vento não toca embora. Não vinga colheita sem luz nem sol.
- O senhor nasceu aqui?
- Na Tiupuiúna Mineira, vim há treze anos, com mulher e três meninos dela. Criei mais as do Viúvo, depois que ele largou as duas na beira de estrada e sumir. Outros também vieram trabalhar o café. Ficamos nós.
- Para onde foram?
- Me chamo José, senhor. Aqui o bolor cobre a comida da mesa. Os que não foram vivem de amassar o pão que os bichos não querem: eu e as duas que me restaram. Melhor ficar, temos quartos sobrando na casa.



Não penso em ficar. Quero ir e chegar logo à Fazenda, ainda vejo o caminho no resto de dia.

As árvores não têm sombra, o ar carrega esse cheiro grosso de entupir narinas e raspar a garganta. O cheiro é forte mas não incomoda, o ar é grosso, não incomoda. Um nó queima no estômago, torcido, ulcerado, uma dor aguda que é ponta de faca. Desfalque. Uma gente escondida por debaixo do vento gorduroso puxa de solavanco.

Os barulhos do fim do dia estouram meus ouvidos. As vistas se atrapalham.

eu com as quatro... eu com ela... eu sem ela... nós por cima... nós por baixo...

joão sem mão é um desastrado...

um homem bateu em minha porta... e eu abri...

Águas. Águas rolam. Enxurradas roladas me jorram nas costas. Rolam por cima as enxurradas da chuva. As águas me prendem de cócoras e forço as costas contra elas. Penso no que faço e quase rolo desequilibrado.

Não vejo, não, nada vejo. Me prende a cortina da cascata. Braços d'água de enxurrada. As águas tapam meu ouvir.

A confusão é o grito de crianças que correm. Se batem umas nas outras e me atacam, são risadas dessa condição de feto mal nascido. Meus ossos gelam, são agulhas de água de gelo por dentro dos meus ossos. As crianças gargalham zombeticas desse esconderijo aquático e idiota.

1... 2... 3... Umberto atrás do tronco... 1... 2... 3... sua vez de procurar

2.. 3... 4... só não corre o mais otário

Pernas dobram e rolo com água. Me mijo inteiro, mijo medo, medo da clareza, dos números e dos números do jogo de esconder, meninos ladrões, meninos polícias, estúpidos meninos sem esse medo estúpido de se mostrar.¹

Ele se sente levado por um corredor. As tábuas são frouxas, o rangido dói. Pela porta vê um amarelo fosco, uma poeira num quarto. Móveis cobertos com panos velhos que flutuam no ar, são vultos. No canto, uma penteadeira, uma menina refletida no espelho oval. Não vê, ele pensa por três vezes, nada vê e vê a menina. Quando o vê ela tira uma fita do cabelo e mete numa caixa, há outras coisas na caixa. Não o olha como quem vê. Olha como quem põe fim a uma espera.

O barulho volta, forte, confuso. Perde as vistas. Ele se desfaz.

Acordo e é noite. O assoalho treme. São os passos. Uma multidão entra e sai da casa. Sussurram umas rezas confusas.

Reparo na casa enorme, nos móveis e seus panos encardidos. Vejo a penteadeira, essa, aquela penteadeira da menina. Só que intocada como que esquecida. Levanto o pano, não vejo a caixa. O espelho em ferrugem não devolve meu rosto. Ela esteve aqui com aquela caixa e aquela fita. Não vejo e não me vejo, só há essa poeira coagulada na velhice do espelho, essa memória condenada de espelho.

Vou pelos sussurros das mulheres que saem, vejo uma vela curta e um rosário na mesa. Mais nada. As vozes somem por de fora.

Como do pão encarvoado, deixado com jeito na lenha apagada do fogão. O pão é quente e me sirvo dele. Volto pro quarto de dormir.

Nossa Senhora do Silêncio

rogai por nós

Santa Mãe entardecida

rogai por nós

Padroeira sem nome da hora vazia

rogai por nós

Leva de querubins carregadores da cruz

rogai por nós

nossas dores são iguais

quando dormimos para passar a fome

Águas da Prata, primeiro verão de 2006.

É noite.

Vim pra Cascata porque disseram que aqui vive meu avô.

Não tinha ainda deixado a casa. Passada a notícia, me arrumei aqui por dentro pra rever o vô.

Sai logo cedo e cá me vejo, perdido, cansado e sem ver adiante. Não é falta de luz, porque os dias amanhecem antes do Sol e se deitam tarde. Talvez eu não veja luz quando tranco os olhos e me ouço. Talvez tudo que me reste, um agora me sentindo a menos, seja matéria confusa, minha essa matéria crua de carne mirrada e seca, viva por meu sangue coalhado e amarelo quando seca, minha matéria essa erguida adentro por ossos quase ossos, esses ossos que são os ossos da vô. O que me fiz do vô me fiz pelas entranhas. Por essa su'alma inacabada, essa minh'alma, meu Um, meu poço cavado a mão sem desespero infantil, infante, minh'alma hierofante, o hara, meu sopro, meu vô pássaro passado rasante, presente e futuro, meu eu, a voz rosnante, o sussurro, minha fresta, meu rasgo, minha hora, est'é minh'alma à hora larga.

Talvez seja o ar. O ar rebelde das lembranças, o que me alimenta o sangue e o transtorna num escuro grosso, num vinho sem pouso. E talvez seja isso mesmo, o encontro que procuro e que não sei, o encontro do ar da alma das lembranças nas vermelhas águas que meu corpo pulsa.

O primeiro afobamento da notícia foi um procurar a Ponta da Cascata no mapa celeste das lembranças antigas. Aqui, nesse vilarejo velho, o que encontro é febre e suor, o sangue em fogo. O respiro grosso e encardido da memória de Lúcifer me inflama a carne até o silêncio. Desacordado em febre vejo mortos, ouço a chuva, tremo o frio até trincar os dentes e os tutanos mais duros. Acordo aqui. Não onde é.

Ele acorda congelado de febre num lugar que não conhece. É o quarto. Esse tem mais manso aquele cheiro de ranço e fungo de casa. Cheira a ar que não circula. Mesmo se tem vento, é assim um vento que não circula.

A manhã é quente e parece noite. Não é escura, é sem Luz. Uma luz que não ilumina. Alumia. Ele ouve, fino, o vapor do bule entra por onde a parede acaba e o vão sobe até o telhado sem forro.

Entra com na cozinha. Só vê sombras entre o vapor e o bafo que saem do bule. A força do vapor quando sai, sai misturada de vapor e fumaça preta, que espiralam caracóis brancos e sujos. Vê um moedor de café, negrido, girar arrastado a manivela do tempo, uma moringa machucada na bica e uma caneca amassada com memória; uma cumbuca, na mesa única, queimada e sem bancos, faz as vezes de saleiro, com areia branca e fuligem; uma pia sem água e um sabão de banha e cinzas.

- O senhor não deve ficar de pé, se apóie em mim e vamos pro quarto.

A menina, aquela, essa menina. A menina da noite entra e diz.

- Force não senhor moço, tem que primeiro recuperar a força, andando assim o senhor não se recupera.

- Quero de café.

- Então senta aqui um pouco, aqui, nos degraus da porta. O senhor está fraco por causa da febre alta.

- Mais confuso que cansado. Parece que me deram com uma tora na cabeça, aqui na nuca.

- Não pode, senhor, não passa mais ninguém aqui, e aqui só temos nós. Ontem à noite as vacas ficaram muito agitadas e Papai foi ver o que era. Elas não são de barulho, ele ficou inquieto e foi ver. Voltou correndo atrás de Adélia, que o senhor tava correndo no meio do pasto, o senhor berrava e corria. Mas não tinha mais nada lá, só o senhor. Te acharam caído no pé da Árvore.

- Não sei de árvore nenhuma, nem de vaca nenhuma, só que chovia muito e que levei um soco.

- Não moço, quando eles chegaram lá te acharam caído, não tinha mais nada nem ninguém. Também não podia chover, aqui não chove há anos, a febre é que foi alta e te enganou, o senhor dormiu dois dias inteiros e calor de febre faz coisas na cabeça da gente.

Sentado no batente a vista embaralha, vinha do escuro pro clarão de fora. A Menina traz café fresco e ovo cozido, ovo de casca nem azul nem verde, a gema mole é vermelha e grossa. Ele come. A fome que sente não é fome, é um calor ulcerado no estômago e umas falas circulando nos ouvidos.

não chove... não tem poça ou mato molhado... uns varais com roupa de cama e umas bacias carcomidas numa bica d'água, num filete d'água... a luz que há é a única e vaza das nuvens pro meio do quintal. De resto, tudo é penumbra e cinza.

Águas da Prata, primeiro verão de 2006.

tempo

tempo

tempo

)um último suspiro o levou ao deserto(...

as aves não trouxeram pão

os homens que imolaram seus filhos não tiveram respostas

os que esperaram na fé permaneceram vazios

para nós não há descanso no sétimo dia

Vim para Cascata porque disseram que aqui vive meu Avô, na Fazenda dos Prata. Soube que veio pra cá quando deixou a casa e a família. Veio arrastando aquele seu carrinho remendado de madeiras numa caixa velha de geladeira. Pele grossa e pé descalço, com um gênio de criar o que não se ensina e mais outra porção de coisas.

- Fio, firma na corda, pega pelo nó que a mão não queima, prende aí o pé na pedra firme que o peso não te puxa – o vô sumia lá no fundo da cisterna e gritava pra puxar o balde com terra, o vô sempre assobiava enquanto o balde subia, era assim até a água brotar do chão e ser o tempo de escorar as paredes, baixar o barro, a lama virar água cristalina e ir de lá pra moringa.

Às cinco a vó gritava. Antes dela o sopro do polvilho assado. Ela punha tudo na mesa, beliscava umas lascas e saía, nunca comia. Meu requeijão era cortado e derretido no café, eu mergulhava os biscoitos nele e comia como come um menino.

A gente levantava cedo, eles na cama e eu no chão. Gostava era do chão. O galo nem berrava o primeiro berro e eles já estavam sentados. Se ajeitavam na beira da cama já fazendo o sinal da cruz. Paravam os olhos nalgum canto e faziam, rezando de salto sem fala as três ave-marias de começar o dia.

As galinhas eram galinhas de ovos coloridos. Trepavam no galinheiro remendado de pau numas placas de latão.

deixo mãe
essa noite vou embora, não me levo
quando sair e for afora
quando for-me embora
quando sair sem rangidos
da casa de areia
vou na estrada e a hora toca
a pedra comprida
cumpro o passo carregado
sem ser dele o passo pesado que é das botas

sepultado por debaixo de línguas mansas
mais embaixo
ainda,
eu sei,
de mim mesmo

dessa terra
donde já me despedi
sem alma

minh'alma
aqui
sonhará com mulheres de trouxas na cabeça
com outros homens
outras passadas

PARÁBOLA

Um dia entrou um homem numa casa sem portas e se serviu do leite e da carne da mesa até matar a fome.

- Todos que entram nessa casa provam de minha gratidão - disse a voz de velha entrando -, e devem deixar por troca o que de mais precioso carregam.

- Mas nada do que trago terá valor pra senhora.

- Então você deve ficar até encontrar o que me sirva.

Os anos passaram e o homem notou que não ficava velho. Chamou a mulher, de quem não sabia o nome, e quis saber sua vida.

- Quando meu marido me deixou tive que aprender a viver com o pouco que tinha. As pessoas vinham e me deixavam sobras. Tudo aqui morreu e as crianças foram indo embora. Quando enterrei o último dos velhos acabei só.

- Desde que entrei em sua casa tenho comido do pão de sua mesa. Quando alguém se alimenta do pão de outra pessoa fica muito agradecido. Mas você me castigou e me fez prisioneiro dessa terra pobre.

- Não se apresse. Foi sua vontade de ir que te manteve aqui.

O homem se levantou e mostrou à velha o que trazia na bagagem. Um espelho, uma moldura sem retrato, uma chave e a imagem de um santo preto faltando a cabeça.

- No mais, são só as roupas do corpo.

- Você não tem que me dar nada. Desde que chegou minhas mãos não se cansam em cozinhar e nem mais se apóiam no descanso das pernas pra subir escadas. Fui aquela que essa terra matou primeiro, mas não pude morrer sem criar o filho que o velho não me deu.

O homem se olhou e se viu menino. Viu que a casa era de barro e não tinha mais móveis, e que a mulher não era mais uma Velha.

A Mulher mostrou ao Homem as plantações e tudo o mais que ele construiu enquanto esteve ali. O menino homem enterrou a velha mulher sob a roseira branca e torta. Partiu.

SERPENTÁRIA

Ela recolhe a caneca e te estende um pano pra secar as mãos. A manhã é um clarão de perenes penumbras. Você se levanta e vai ter com José.

José ordenha uma cabra, o leite jorra. O cheiro te enjoa. As galinhas passam soltas e ciscam um canto de terra e os pintos delas vão correndo atrás dum sabe-se lá o quê na terra.

- Venha aqui. As cabras gostam de ser alisadas quando dão leite.

Você toca a cabra na nuca, nos pelos oleosos da nuca da cabra, a carne é dura. Ela afrouxa, você sente, o leite jorra com mais força e é a força do seu toque.

Você se lembra das histórias que sua Avó contava quando era menino. Os finais eram estranhos e, fingiam um outro fim. Lembra que ela o amava, de um amor desses quase raros.

- O senhor pode dizer como me trouxe até aqui?

- Estava escuro. Vi você se jogar de um lado pro outro e corri pra chamar Adélia. Chegamos lá e te pegamos caído no pé da figueira.

- Senti uma paulada e...

- O senhor estava caído, deve ter batido em algum lugar. Quando o escuro embaraça a vista a gente vê umas coisas que não vê de dia. O povo daqui falava de uma Velha que assombrava os viajantes na estrada até os Prata, mas isso são histórias que o povo conta.

- Não vi nenhuma assombração não, meu senhor, só senti uma puxada forte pro chão.

José endurece. O leite pára. A cabra se mexe e se solta num puxão de cabeça.

Agora só ouve o assobio de José que sobe com a lata de leite nas costas na direção da casa.

Sueño com serpientes, com serpientes de mar
Con cierto mar, ay, de serpientes sueño yo.
Largas, transparentes, y en sus barrigas llevan
lo que pueden arrebatarle al amor

Oh, la mato y aparece una mayor
Oh, con mucho más infierno en digestión

No quepo en su boca, me trata de tragar
pero se atora con um trébol de mi sien
Creo que está loca: le doy de masticar
una paloma y la enveneno de mi bien

Esta al fin me enguye, y mientras por su esófago
paseo, voy pensando en qué vendrá
pero se destruye cuando llego a su estomago
y planteo con un verso una verdad²

ADÉLIA

Adélia é mulher triste de idade maior que a vivida. Tomou as vezes de mãe quando a sua faleceu, paralisada de veneno de Cobra de beira de rio. Hoje não existe mais rio e as cobras morreram. Não tinham dinheiro de pagar reza de missa e a alma ficou inquieta. Na noite do enterro o Viúvo deixou as meninas e sumiu. Correu treze dias treze noites sem olhar atrás com medo da Sombra vir cobrar as preces.

Para cuidar da irmã Menina, Adélia se deitou com os peões da roça em troca de feijão pastoso e farinha. Aprendeu a empunhar o facão do Pai para disputar comida com os cães.

Viajou longe. Serviu-se em troca de esmola nas festas dos vilarejos vizinhos. Até as esperanças de encontrar o Pai se desfazerem confusas nas sombras da Mãe. Voltou pra Cascata.

José nunca teve filhos. Criou cinco, das duas mulheres que não foram suas. Quando os três meninos se foram carregaram o que tinha valor. Choveu muito, a força da água afogou a plantação e a enxurrada revolveu a terra em pedra pontuda e fina. Nunca voltou a chover. José ficou. Esperou secar a água e aprendeu a plantar no brejo pra viver.

Deu cria às duas meninas como achou que devia. Juntos, limparam os móveis e os cobriram com panos brancos. Era assim que a patroa determinava, quando ela e o marido fossem se demorar mais tempo. Os patrões não voltaram.

MENINA

quem é ela?

vento

morte

sentinela

cravada em corpo nesse chão

que já se foi

seu corpo vira história

vira terra em reza e sol

histórias vem me contar

sua voz

o meio desse meu

silêncio

meu corpo irá me levar

- José sempre fica assim de manhã, não se preocupe. Ele acorda e ordenha as cabras. Não fala nada. Por milagre falou com o senhor.
- Como é seu nome menina?
- Aqui ninguém tem nome não moço. A gente se chama como acha que tem que chamar .
- O meu é...
- xxiu... tem razão de dizer não que já vi escrito nas suas coisas. Andei bisbilhotando não moço, é que quando a gente vê as coisas de um homem, mesmo fechadas e escondidas, não pode deixar sem reparo. Fui ver o senhor várias vezes, de noite. Ver como estava e trocar a toalha da compressa.
- Obrigado. A noite foi arrastada. Ouvir vozes, barulhos, a chuva, tive sonhos.
- Ah, meu senhor, a febre foi alta e o calor faz coisas com a gente. Minha mãe falava que quando a gente fica assim a gente ouve os mortos. Quando tinha febre alta, de passar o dia panhando café no Sol, ela via o vulto do Pai, que vinha acompanhado do Avô, pisando numa cobra enorme. A cobra falava com ela como se fosse uma voz feita da voz dos dois, só que saindo da mesma boca de cobra.
- Não sei onde estou. Vim atrás de meu Avô e não sei seguir.

Osmar. Osmar é o nome do bode. Osmar é o nome do bode que foi o primeiro animal que você encarou de frente, na infância.

Afocado de correr atrás do que se metesse na frente. Troncudo que era o galego, vinha com uma força impossível no pescoço. Baixava a cabeça fazendo que vinha e pronto. Trote certo. O bicho não parava quando o cabra coitado caía se o condenado não corresse mais que ele.

Osmar tinha pelo amarelo, viçoso, chifres cortados à serra e uma barbicha rala. Era jovem. Tinha os olhos estalados de uma selvageria verde. Dava pra ouvir o casco bater no chão, caótico, de bem de longe.

Foi no primeiro dia em que você o viu.

A fama do bicho te chegou antes. Pra fazer jus ao dito o maldito o bicho se empinou pro seu lado numa coragem firme. Você sentiu sufoco, uma vertigem horizontal, quase que foi pro chão ainda antes da trombada.

Foi o suor. Foi o suor que te esquentou e você riu do animal que vinha baixo com olhos pro chão. Foi o suor que deslizou seu corpo esquivo e sem presa. Osmar deu com as caras e se arreventou na terra seca, parecia um filhote aprendendo a andar.

De pé ao lado dele você viu tudo. Achou graça. Você pulou em cima dele fazendo farra, sátiro. Apavorado que estava e sem deixar saber, o bicho fez que investia de novo e veio. Dissimulando a fraqueza na cara de gozo você e o devolveu pro chão. O devolveu fazendo cócegas, como quem coceguea uma criança.

Os olhos se encontraram e você parou, se entendendo nos olhos dele.

Sonso, você se deitou na barriga de Osmar como se fosse um travesseiro, e Osmar bafejou um suspiro, adormecido. Você olhou seu corpo cansado e ridículo, acalourado e trêmulo. Ouviu respirações ofegantes, a sua e a dele.

Pense em mais nada.

ÁGUAS DA PRATA

- Adélia diz que aqui já foi cheio de gente. O povo vivia fazendo festa. Era plantio, tinha festa. Colheita, festa. Minha Mãe sempre cozinhava.

- O que aconteceu com Ela?

- Adélia diz que andava junto dela, lá em baixo na beira do rio. Estava grávida de mim, no oitavo mês. Aí uma Cobra, pequena e fina, gelada, veio e picou o pé dela. Ela gritou e o grito saiu como o nome do Pai. Ela caiu desmaiada.

De noite veio a febre. Correram na Prata e trouxeram a parteira. Adélia diz que só nasci por feitiço da Velha, que Mamãe não sentiu dor. Disseram que ela morreu por causa da febre, e que estava muito magra e pálida. Mas Adélia diz que só se as presas da Víbora fossem bem miúdas, porque não deixaram marca nenhuma.

- Sinto muito.

- Não sinta não moço. Se ela gritou nome do Pai foi porque o viu. Ele apareceu pra Ela, trazendo aquele cordão de sangue que os parentes trazem na hora da morte, pra deixar a alma mais tranqüila na hora da Partida, a única que a gente não tem como negar. Foi esse mesmo laço que jorrou Vida pra dentro de mim na hora de eu vir ao Mundo.

Tudo que sei de Mamãe são coisas que Adélia conta.

Ele pára um instante, de suspenso, olha a Menina que não tem nome, olha os anéis soltos dos cabelos da Menina, e as amêndoas curvas daqueles fios grossos, seus olhos de uma quentura verde parecem limpos da tristeza, como se a tristeza jamais os tivesse molhado, não a tristeza amarrada do esquecimento forçado, do perdão comedido, só, talvez, uma e outra tristezinha bela, dessas que brilham os olhos.

- Por que só vocês ficaram aqui?

- Essa foi uma grande Fazenda, moço. Vinha gente de todo lado da Cascata e mais, das Serras Puiúnas Mineiras e de todo o Vale que tem no meio delas. Lá na sede da Fazenda dos Prata a casa ficava iluminada e as pessoas faziam barulho. Eu não tinha nascido, mas Adélia conta as coisas

da Fazenda. Passava uma boa multidão de viajantes por aqui, gente de todo lugar. Conta das colheitas grandes e diz que chovia muito. Pouco antes de eu nascer aconteceu de vir uma tempestade que durou três meses sem estiar uma única vez.

- Vim pra Cascata porque disseram que aqui vive meu Avô. Eu era bem menino quando ele deixou a casa e se foi. Trago poucas lembranças dele. Soube por um conhecido que ele vive aqui. Vim dizer-lhe as Palavras que me faltaram, mas desde que cheguei minhas lembranças se confundem e é como se as vivesse uma segunda vez.

Águas da Prata, primeiro verão de 2006.

Que rosto mais coalhado eu tinha, moleque que era, vendo o vô partir. Corri no quarto pra contar uma coisa que tinha achado debaixo do pé da bananeira e ele tinha ido. Corri, moleque, atrás do vô partido. Com mãos molecas ataçadas pra apressar o vento e encontrar no espaço o toque, a textura da mão ressequida do vô. Lembro que corri, corri até um pedaço de pasto que nunca tinha visto. Corri com saudade, corri com ternura, corri com trevas na vista, porque a sobra de luz dos moleques é uma luz que cega, uma luz que é treva. Não tinha espinho ou mato bravo, nem carrapicho nem farpa de arame que atravancasse a carne, porque era luz aquele corpo, e trevas os meus olhos. Corri como corro agora, pelos vilarejos da Ponta Cascata procurando uma tal Fazenda dos Prata, procurando o lugar que meus olhos cegos de moleque anteviram.

Na partida corri pelo vô, busquei, rezei pra um Deus desconhecido e pedi, porque na hora que a vista falha a gente pede arrêgo, a gente ora, a gente excede. Naquele dia eu pedi como pede um menino, um botão. Pedi que o mundo fosse pequeno como o coração da bananeira, e que o vô voltasse pra ver o que eu tinha achado, porque o mundo é um lugar muito sozinho, e a gente chora com força quando alguém que a gente gosta vai embora.

Onde fica a casa do amigo?,
perguntou o cavaleiro no limiar da aurora.
O céu parou um instante.
Um passante ofereceu à escuridão das areias
[o ramo de luz que trazia nos lábios,
com o dedo apontou um álamo e disse:

Antes daquela árvore
há uma alameda mais verde que o sono de Deus
e lá o amor tem um azul do mesmo tamanho
[que as penas da sinceridade.
Segue até o fim dessa rua, que termina atrás da adolescência,
e então dobra em direção da flor da solidão.

A dois passos da flor,
fica ao pé da fonte dos mitos da Terra
e um medo transparente te dominará.
Na intimidade que flui no espaço, ouve um roçar:
olha uma pequena criança
que subiu num alto pinheiro para apanhar
[um filhote no ninho da luz,
e, então, pergunte a ela:
Onde fica a casa do amigo?³

Estranhe estar aqui. Não é claro pra ser dia e não se pode saber quando termina a luz e é chegada a noite. As plantas vivem por teimosia. As pedras são muitas, umas enormes e outras que não passam da cintura, nenhuma é miúda. Sente-se numa delas, olhe em volta. Veja, o terreno é curvo, diagonal, com morros que o cercam e envolvem. É uma bacia funda e tombada de canto. Na parte baixa, onde o Vale embarriga e encontra o sopé do morro, passa um rio ralo e barrento. De lá a pedra empareda até sumir por cima das nuvens. A casa de José fica no meio da baixada.

Sinta, no Lugar alguém sempre te olha, é assim que tudo te parece, tudo te olha. Pedras te olham, árvores, o ar. Tudo te flecha e você não está só. Seu silêncio é cortado pelos sons do mato que se confundem com uns restos de conversas antigas. Conversas suas e de outros que guardou na cabeça, sons claros como pensamentos tomados de forma. Sons de pensamentos claros que te vêm cobrar as contas.

- Você é mais jovem que todos e sabe o que diz, Menina.

É aqui que as Palavras resistem, à flor da infância madura, ao sopé das portas e dos umbrais, é aqui, de onde Você vê o mundo com uma cor que não te ofusca, que Você fica, que Você emudece.

- É assim meu Príncipe, que se apanha uma galinha. Vira o rosto, olha outro canto porque se tiver dó ela não morre.

- Não Vó, quero olhar, vou panhar o sangue que eu e o Vô gostamos dele cozido.

- Então olhe, meu Príncipe, então olhe.

As mãos da Vó, suas mãos magras de pele de papel invocam a firmeza de acertar no corte a veia certa. Numa certeza que ignora a tremedeira de sempre das mãos e temerosas. Aquelas eram mãos de ave, precisadas no corte materno de alimentar um filho.

- Vou preparar o almoço, o senhor precisa comer bem, está muito fraco.

Se levante querendo acompanhar a Menina na direção da casa.

Atrapalhe o passo e dê na trilha que desce.

- Isso, fique aqui que está mais fresco e repouse, quando estiver pronto eu chamo.

Não faça que sim nem que não. Desça.

As vacas sobem do pasto e passam a seu lado. Andam amassando o mato cozido. O Sol avermelha.

Avermelhe seus olhos nos olhos do Sol até as vistas te doerem. Então mire com força seu medo mais antigo e ele te dirá, seja Um com ele.

As vacas passaram sem dar por sua conta.

Você atravessa o capim e sente os cortes que te faz na pele. O mormaço te rouba o fôlego. O cheiro de suor é forte e é um ranço.

Você sai do mato e dá num descampado vazio de mato ralo e carrapinchento. Você mira em volta e está perdido. Repara de longe numa Capela tomada de arbustos. Siga em frente.

Sinta que te pulsa a parte da nuca. Pare. Você pára como se trombasse numa parede que não vê. Não entenda.

O silêncio dos ventos te puxam e você olha e vê. Parado, no canto mais baixo do pasto, Ele acerca seus caminhos, Ele olha, Ele seu íntimo, o avesso. De pé, só olhos, o Touro te olha e seu olhar te impede.

Não corra. Não fique. Não abra passagem. Mije.

Você olha, o mundo está distante, e trancado nos olhos do Boi, a distância entre você e a Capela. Ele não move um nada. Não domine o corpo. Trema. Não calcule.

Saio do mato num pasto raso e quente. Olho ao redor, não reconheço o que vi de cima. No outro lado uma ruína de Capela tomada desses arbustos de toda parte. Não vejo ninguém. Não busco socorro.

A sensação de ser visto incomoda. De relance, um vulto de gente. Ouço passos que não se aproximam. Me viro pra olhar e dou de cara com a Besta, um Boi de pé numa firmeza continuada do chão.

Não sinto nada, só impotência paralisada. Tudo é confusão, embaço, as vistas escurecem. O coração pula na boca. Suo tudo e mijo o todo.

PARÁBOLA

Era uma vez um bobo. Toda vez que alguém queria algo, qualquer um, bastava olhar que o bobo adivinhava a tarefa e a cumpria. Era uma vez um bobo. Todas as mulheres da cidade zombavam dele porque parecia mulher nos trejeitos do andar. Aquelas por quem se apaixonava o faziam de garoto de recado aos homens de verdade.

O bobo se alegrava em cumprir as tarefas e levar os recados pensando que era útil e fazia um bom trabalho.

Numa tarde qualquer apareceu morto na beira da estrada e ninguém sentiu sua falta até o cheiro do corpo empestear a pequena cidade. As sobras do bobo foram dadas aos bichos, mas eles não as comeram.

As mulheres lavaram as casas com água, gordura e cinzas, mas o cheiro podre não passou.

O Padre, que só passava ali uma vez por três meses, que três é número místico e de igreja, rezou uma missa para amparar a alma vagabunda, todos os habitantes estavam presentes, até os cachorros foram assistir à celebração. De nada adiantou.

A carne secou e só sobrou a ossada. O mato em volta amarelou e os bichos, além de não comerem os restos do bobo, não comeram mais nada.

Desgraçado que sou nessa terra que não é minha. Perdi todos os males sendo crucificado. Entre os céus e a terra estou à frente de minha morte. A morte é um espelho. Um olhar que me devolve a mim mesmo com violência exata. Como se daqueles olhos de Boi me olhasse o Tempo, e os olhares que meu Avô lançou sobre meu Pai um dia, dentre os dias que ignoro pra me sentir um pouco mais afim com o mundo. Olhar raso. largo. profundo. Olhar cego.

Aqueles passos são os passos de Adélia, ela sai da Capela. Corra até ela. Deixe, antes, a cabeça alta, altive-se e corra no rumo do mundo. Escute o trote a seu lado. Não olhe. Mantenha firmeza em Adélia como quem foge do fim. Se jogue no chão do mato querendo se esconder do medo. Se corte nos espinhos e arda suas pernas. Role e não contenha o pavor. Chie forte com seu peito, se sufoque, suma as vistas.

Ela vem acudir seu pânico e te leva de ombros pra dentro da Capela.

- Segure minha mão. Se acalme, os Bois não saem do lugar.
- Obrigado. Senti um sufoco e corri sem ver pra onde.
- Eles só olham, não saem do lugar se você não se aproxima.
- Achei que estivesse atrás de mim e que não fosse escapar.

De pé, ao lado de Adélia, sinta que sua pele corar de novo. Adélia seca seu sangue com a ponta da camisa. Vocês sobem com cuidado. Suspire ainda um último ar, afoito.

Você sempre corre do que não domina. O olhar simples do Boi imóvel tapa seu olhar inconstante. Seus sentidos são suspensos. Você não controla o que não lhe é de direito controlar. Você não sabe. Você ignora.

Não conhece os pingos grossos da última chuva, mas eles jorram sobre você como cascatas batentes, turbilhantes. Você não domina sua fúria, você é fúria. Como a fúria desenfreada dos elementos cantando sabe-se lá pra que deus perdido como você no não se sabe onde do mundo.

Vocês dirão que é pura estupidez a minha,
que é um desatino lamentar-se da sorte,
inda mais desta terra pasma
onde nos esqueceu o destino.

A verdade é que dá muito trabalho se aclimatar à
[fome

E ainda que diga que a fome
repartida entre muitos
vira menos fome,
a única coisa certa á que todos
aqui
estamos em meio a morrer
e não temos nem mesmo
onde cair mortos.

Ao que parece
a perversa vem direto para nós.
Nada de dar nó cego a esse
[assunto.

Nada disso.
Desde que o mundo é mundo
desandamos a andar com o umbigo grudado no
[espinhaço
e nos agarrando ao vento com as unhas.

Nos regateiam até a sombra,
e apesar de tudo continuamos assim:
meio atordoados pelo sol maldito
que nos afunda dia a dia aos pedaços,
sempre com a mesma seringa,
como se o rescaldo quisesse reviver mais.
Embora a gente saiba muito bem

que nem ardendo em brasas
acenderá a nossa sorte.

Mas somos teimosos.
Talvez isto tenha conserto.

O mundo está inundado de gente feito a gente,
de muita gente feito a gente.
E alguém tem que nos ouvir,
alguém e mais alguns,
embora arrebetem ou devolvam nossos gritos.

Não é que sejamos rebeldes,
nem que estejamos pedindo esmola à lua.
Nem está em nosso caminho buscar depressa a
[pocilga,
ou arrancar para a montanha
cada vez que os cães nos esfaqueiem.

Alguém terá que nos ouvir.

Quando deixarmos de roncar feito vespas em
[enxame,
ou nos volvermos cauda de redemoinho,
ou quando terminamos por escorrer sobre a terra
como um relâmpago de mortos,
então
talvez chegue a todos o remédio⁴

- Você passou um sufoco.

Te ri José. Adélia entra e vai buscar retalhos.

- Foi sim, achei era o fim vestido de Boi.

- Precisava correr não moço, era só sair mais pra longe que tava resolvido, sem querela. Os passantes daqui vivem por dizer que o Boi quando fecha a estrada não tem jeito, não arreda pé. É só ver um danado dum Boi que eles voltam perguntando se existe outra trilha. Né nada disso não moço, quem baixa a cabeça passa em qualquer canto desse mundo, o Boi nem nota, é só baixar a cabeça, sem perder respeito pela gente que isso é coisa que todo bicho desses que avançam sente o cheiro e vem de trote, é só saber baixar sem perder o respeito.

É tempo de esculpir com mãos crianças os troncos das árvores, de apontar a cabeça por cima da copa e gritar:

- o Rei da Árvore!

Árvore da Vida

, arvoredo de gangorras altas...

não é isso o que mais te dói: deixar Ele o andar criança, desapressar o passo calejado, pra alcançar o seu... nem o compasso das mãos de menino, recriadas nuas, cruas, pra alcançar no vento as mãos do Avô, hoje partido.

É o esquecer o que te dói, seu esquecer de as alcançar sorrindo...

Era o olhar do Avô

solto feito reza de má sorte

quando aquele olhar se perdia

Adélia anda há dias arrastando a irmã Menina. Ela pede. Adélia dá o caldo.

A Menina fazendo barulho pra beber.

- Onde vamos Adélia? Cadê Papai? Tenho fome.

Adélia dá pão, o último.

- Coma devagar Menina, assim você engasga.

É que a fome é maior que o cuidado. A Menina engole a massa crua de trigo e feijão.

Adélia menina mulher puxa a irmã. A Menina se irrita abanando os mosquitos.

- Péra, Délia.

- Anda que ainda é dia Menina, limpa o rosto e vem.

As árvores não têm sombra. As duas caminham.

Se ajeite na escada, Adélia te limpa os cortes. Que eles ardam.

Sentado no Batente, num degrau de escada surrada, não sinta, Respire, ouça, José fala, José não fala com você, fala atiçando as galinhas de volta pro poleiro.

Procure, procure os olhos, os olhos de Menina, aqueles grandes lagos ou manchas luminosas refletem os céus. Aqueles, esses olhos, Seus olhos, palavras sutis que escorrem dos céus como o ar dos verões, daqueles céus de verões escorrem rios até que sua terra se sacie e seja farta pra encontrá-los. Veja, olhe, os céus não terminam onde começa a terra, naquele espaço terra céu você caminha, você se lembra, menino só, no quintal enorme da casa do Avô. Naquele quintal maior que o mundo você vê toda gente que passa, eles não te vêem. A única que te viu na sua lembrança foi aquela cigana que te pegou pela mão, você sentiu medo, porque as avós sabem como ensinar a gente a ter medo dos ciganos. A cigana Sem-rumo te pega pela mão e não canta sua sorte. Mãos sem linhas não entregam seu destino. Você corre com mais medo da cigana que dos sentidos, sem linhas de destino.

- Precisa medo não, o Boi não avança, só olha. A gente que é da terra sabe disso e nem se dá com os olhos deles. Pra você que vem de fora não há de ser diferente não.

Quando eu era menino o Avô ensinava que na verdade o Boi não enxerga a gente, é como se a gente nem existisse. Eles só sentem que estamos ali, o calor do corpo, que isso é coisa que ninguém nega, todo mundo sente. Mas o olho do Boi não vê e ele fica ali só parado, olhando, querendo enxergar o que não vê.

Falava também que a alma, quando fica perdida e sem rumo, se perde porque não tem olhos de ver. Ela fica procurando o calor de quem passa e vai atrás. Mas isso são coisas que meu Avô contava. Também deve ter ouvido do Avô dele.

- É, mas quando eu corri ouvi que ele vinha atrás. Não olhei nem de lado. Achei que fosse me danar. Tropecei no mato, cai no espinho pra fugir dele, daquele Boi enorme.

- É, mas não ai acontecer nada não, é que o senhor não é daqui dessa grota Puiúna. Puiúna é nome de passarinho viu moço, que é única coisa que tem pra todo lado.

O moço dá licença que tenho que ir lá em baixo prender as vacas.

- Pois não José.

José da Costa é dos mais pobres do arraial. Vive numa casa caída com mulher doente e velha, mais por causa da miséria que dos anos. Vive com mulher e três filhos que carregou quando o marido dela foi-se embora. Aparenta saúde, mas José da Costa é incapaz. Sempre teve problemas com bebida e há anos que não tem força, principalmente quando as entranhas trancam e o fígado falta. Por esse motivo fica sempre com os trabalhos mais sujos: limpa os currais e as latrinas da Fazenda. Assim, ele acaba não servindo pra mais nada. Dedicar-se então a manter limpas as partes imundas. Ganhou apressado da patroa por isso. Tem boa vontade no trabalho. Nunca deixa um pedaço de chão sem seu asseio. Num trabalho como esse pouco importa se anda sóbrio ou bêbado.

Quando não está na sede da Fazenda ajuda o Padre com a Capela. Não que seja grande, mas naquela baixada onde fica sempre é lameada de barro e merda de bicho. Faz o serviço com o mesmo capricho e por isso ganha umas poucas bênçãos, e a promessa de ter dos céus o pagamento pelo trabalho.

Não ganha mais que comida e teto, mas seus braços não desocupam. José cumpre missão. Na Verdade, é isso ou morrer de fome.

Perdeu todos os males sendo crucificado. Veio pra Cascata na remessa de trabalhadores de café. José da Costa veio de um dos vários vilarejos do Vale das Serras Puiúnas Mineiras. O povoado mais próximo da Fazenda dos Prata é o da Ponta da Cascata, dois dias andando ou um no lombo do jegue.

Veio com outros, com uma outra gente solta e miúda feito ele, gente que anda com a terra. Gente sem nome e sem registro, gente viva e gente morta, vieram todos, trabalhar, crescer e multiplicar, fazer crescer a terra e não tirar nada.

- Aqui a terra é grande José, mas sua força foi embora. Choveu tanto que a terra barrenta escorreu e se virou em pedra, pedra dura, afiada, pedra que existe embaixo de qualquer pedaço de terra aqui nessas Serras. Só serve bem pra alimentar o mato e as pragas.

- Quando cheguei aqui, meu filho, tudo era paisagem. Por aqueles Tempos. Depois se resolveu o futuro do que haveria de ser. As pedras brotaram no lugar do alimento e junto com a terra todos se foram. Agora me vai você, o último dos meus três, meu último menino.

- Aqui o dia se fez Noite, José. Quando a chuva desce dos céus pela última vez, quando o céu fende e se derrama nas nossas cabeças, quando as estrelas se afastam e as montanhas mudam de lugar, quando o calor do chão é apagado e o frio o cobre com essa manta clara e úmida, então é hora de partir, com as covas reviradas, com precipícios entre as pernas e as vistas, porque as águas do céu podem faltar ou cair de sobra, fazer a terra morrer em buracos como as palmas de qualquer mão, ainda que qualquer dessas, com o tempo, insista em fechar-se num cabo de enxada ou de foice, a terra, também traçada de linhas como as palmas das mãos, pode negar o alimento, e todo o mais desse destino da terra está explicado nessas linhas estradas de ir e vir, entre torrões ou mato, entre o café, que encharca o ar na florada, e a flor brava, que não dá cheiro, como as palmas ou o deserto, que não firma suas linhas de areia em estradas nem indica caminho certo. Depois de tudo, José, tanto faz morrer ou seguir, já que daqui ninguém se vai quando é chegada a hora.

- Um homem pode andar por aqui uma vida toda sem se achar, se já nasceu perdido. Mas imagino que o frio e a fome, ou o calor lhe deitem à carne os caminhos que a terra não deu por ele, como uma doença que não lhe dá tempo pra pensar nisso, menos ainda de chamar por alguém, menos ainda de saber que as horas já o deixaram, que sua carne acabou para o tempo e a vontade de revelar-se mudou com a paisagem, numa vontade de esquecer. Lembre-se, meu filho, das linhas, da palma, dos nós dos dedos, das vidas de uma outra hora que são os ossos que sustentam seu corpo, que são histórias o que bombeiam suas veias, que são parte de sua vontade de esquecer e de partir. Então verá que os rios guardam, que seu sangue atormentado guarda, liquefeitos, a alma. A alma que sabe das histórias do que você fez, e do que deixou de fazer.

Quando vim pra cá, meu filho, com sua Mãe e irmãos, você era ainda um bebê. Parávamos de andar sempre que Ela te atendia ao choro esticando o peito, já de pouco leite, de um leite empedrado, pouco mais que o engano

da boca. *Eu parava com zanga e ficava te olhando ali dentro, naquele íntimo. Ela dizia que de certo minha cisma era que não sabia o que é carregar um filho. Certo que sim, porque nunca tive filho que fosse meu. Vindo das Puiúnas, meu filho, a vista é tão alta que de lá de cima a gente logo acha que o Mundo não é de todo conhecido por viva alma. Se escolheu partir, meu filho, leve um troncho desse chão contigo. Olha antes o céu daqui, que é um jeito antigo de ler essa página aberta em cima das nossas cabeças. À Hora Alta, defenda o corpo e proteja a alma, porque é nessa hora que começam a vir as assombrações pelos caminhos, passam leves feito um vento frio ou saem das portas arruinadas pra encontrar os viajantes, a eles fazem as perguntas que ninguém responde: quem é você? de onde vem? pra onde vai?*

- Essa terra virou um poço negro, silencioso e cheio de ecos. Ainda se ouve nas pedras a latida dos cães que já morreram. A vida aqui é um sussurro. A vida aqui é sempre um único sussurro de vida. O vento deixa a noite mais clara e a gente enxerga o passado, naquela areação clara da noite. Os ventos da noite mudam as cores das coisas. Os sonhos nos acabam, debilitam. E as vozes das recordações, sonhadas ou vividas de corpo quente, mandam chamar as vozes dos se foram, se é que algum dia a morte teve voz.

Não vou ficar, meu Pai, vou partir e parto já. Não quero as sobras de uma vida que não tenho aqui. Venha comigo meu pai?

- Ganhei uma sobra de terra, vou plantar milho. O milho pega bem lá e dá boas espigas. Também vou cuidar das duas Meninas que Maria da Glória deixou. A mais nova é criança e não agüenta Viagem.

Vai em paz Mundico, meu filho, atravesse essa velha ponte-do-acaba-mundo e, quando puder, levante a cabeça se lembre desse seu Velho Pai.

Águas da Prata, primeiro verão de 2006

O Agora é como se a vida fosse sendo lida por olhos estranhos. Olhos avessos, apenas olhos. Esses olhos que não podem – mesmo com toda a verdade que o olhar prova – esses olhos não podem me socorrer, testemunhar o que Vejo. É que a Verdade não é feita por testemunhas. O que vejo ninguém conta, eu mesmo não conto. Pode ser que eu saiba, mas sabendo como quem jamais vai entender o que vê. Esses os olhos que me lêem agora, nessas páginas, nos dias flutuantes meio-interno Vazio, meio-externo Palavras, são assim como os daquele Boi, que vê sem me ver, sem depois ter que Lembrar que me viu. Minhas Verdades devem estar, exatamente, nos Lugares que não posso Ver. A Verdade não deve ser pequena, assim, do meu tamanho. E depois não entendo. E depois não entendo o que não existe para ser entendido. Me veja agora apenas como alguém, com olhos soltos, vê. Veja:

Os anos o deixaram cada vez mais tranqüilo, de uma tranqüilidade insone, de olhares perdidos. Um dia se levantou do banco ferroso da varanda e sumiu. Pé descalço era comum nele. Homem alto. Tão mais alto quanto permitia minha infância. Pele vermelha de pele encardida avermelhada de um vermelho suado e forte. Não tinha ainda deixado a casa, mas seus olhos o antecipavam. Sempre foi de andar muito, por gosto, empurrando o carrinho feito a mão e sem dizer dia certo de voltar pra casa.

Quando fui procurar por ele queria dizer pra me levar junto. Tinha partido. Não disse palavra e partiu.

Pensei maldizê-lo. Esquadrinhar de suas entranhas um sol de sangue, cortar o cordão, queimar cabelos, rasgar do jardim mil e uma pétalas de dama-da-noite. Não faz sentido, pensei por três vezes. Achei melhor, sem esquecer as rachaduras no solo seco daquela mão, sem desviar o corpo dos tiros de sal e da sede que sufoca sem saliva, achei melhor me guardar trancado diante dele, como se não tivesse nada, e eu não tinha nada a dizer caso o tivesse visto. Melhor me embolar no seu ventre e fazer por mim a conta de não ter nascido. Mas eu queria dizer alguma coisa; e eu pensei, o Vô também tinha algo a dizer e eu não vou escutar, uma alguma

coisa que tem que ser guardada de cantinho, mas a única coisa que pude ouvir, sem tê-lo visto, foi um grito de Pai quando o filho morre no parto; ouvi seus olhos gritando o secume do corpo, soltando um hálito quente, mal cheiroso, e não pude dizer nada, ou até podia ter dito, quem sabe, mas meus olhos estavam escuros; mesmo assim eu podia ter dito. Podíamos demolir a casa, atirar os pratos de louça encardida e os relógios de areia pela janela; tocar fogo no mato, atijar os bichos com ponta de brasa, depois dar a eles toda a comida que tínhamos, junto com as moscas e os bichos de arroz, gritar com nosso vento até que as mangueiras centenárias ficassem sem folhas; não era impossível dizer: vamo Vô, cavar a terra doída e buscar água na cisterna pra amassar o barro e soprar nele a vida. Mas como eu podia empunhar as lembranças e refazer o silêncio da casa e das tardes na varanda vazia?

Era desse silêncio que eu precisava naquela hora, daquele olhar de um mundo velho e sem porteira, daquelas paredes de barro amassado no Dilúvio, daquele ventre de vento em pele de fogo; era, ainda é, aquele passo trôpego, recolhendo a força recatada do Pai de família, e o ímpeto áspero da língua que eu reconheço em mim; também o silêncio úmido dos olhares cabisbaixos que carrego com medo de descobrir as palavras que acobertam.

Foi assim que ele partiu, solto na corrente, sabendo de cor a sorte que leu no livro dos dias, cantando coisas ouvidas sem saber de onde nos últimos dias do momento em que nasceu; a verdade é que eu não queria nada com aquilo, criei essa verdade pra me deitar à noite, criei muitas outras pra não precisar dizer nada.

A Verdade tem que estar, exatamente, nos Lugares que eu nunca poderei entender.

A Menina entra e pergunta à Adélia por você. Ela diz que está bem e conta o acontecido. As Palavras de Adélia saem esvoaçadas daquele seu interior antes de encontrar a boca. Adélia fala pelo barulho dos ventos que vêm de dentro e machuca o ar quando mexe a boca, dizendo. Na verdade você só vê a boca dela se mexendo, não ouve. Pouco importa agora, oh meu Deus, pouco importa pra essa história o nome que você tem. Agora só te importa ver a boca de Adélia se mexer e os olhos da Menina tremeluzindo, adivinhando as Palavras que Adélia não pode dizer. São olhos com olhos do corpo os olhos da Menina, sem importar se você está ou não nos olhos dela, o corpo vê.

*Ele veio para Cascata porque disseram que aqui encontraria seu Avô.
Sentou-se sobre o batente da porta de pedra e ouviu a chuva que não caía.
Esperou chegar o dia. O dia não veio. Aqui os dias não são escuros, são
dias sem luz. Ele ensaiou um caminho, os olhares dos bichos o cercaram.
Sentou no limiar e ouviu.*

José volta do serviço com as vacas. Veja José. José sobe a escada, ele se arrasta no chão embolado com a terra, escorrega, baixa a cabeça pra tentar subir de quatro. José anda e a terra torcida se solta dele.

Olhe, firme a cabeça nas mãos e enxergue melhor. Suas mãos se soltam, solte, como as de José na terra batida. Por trás te chega a figura aflita de Adélia gritando um 'livrai-nos', ela acode com um sinal da cruz apontado pro Pai.

Você vê a mulher pondo aquela cruz na sua frente e pensa que ela vê um demônio. Você não vê o demônio, vê José, seu vulto. Você olha e vê, veja, José está dissolvido na terra, aquela confusão de terra que é José fala com você.

- Não carrega as memórias daqui, você trás no corpo uma saudade que não sabe de onde e não pode conter o passo. Veja o corpo morto que carrega nas costas. Você busca respostas, mas não conhece as perguntas, quer ouvir e não sabe falar.

Se ajeite, umedeça os lábios, solte nas costas do cristo a culpa que por ele carrega.

Seus olhos são espanto redondo e estalado espanto. Você fecha e abre os olhos, você esfrega os olhos e sente musgo pestilento e terra moída. Você ouve, ouça um verbo, um princípio de mundo, a terra não existe se não for fecunda.

Adélia traqueja uma aflição sagrada. Você firma os olhos em José e ele é a Víbora. Ela arrasta um corpo gordo na terra e José vem montado nela, na Cobra que te vem pedir a conta das faltas:

- Você faz coisas estranhas meu filho. Sempre teve um teto, a casa arrumada, a roupa limpa, mesa e alimento. Faça um esforço, não dissimule, não esconda nada do seu Pai. Você partiu sem dizer Palavra e também me deixou sem poder dizer.

A Cobra te vem com José nas costas, fala alto com você porque roubou a voz do homem.

- Acontece que muitos trabalham, meu Pai, gemem o tempo todo, exauridos por fazer o impossível, e nem assim acalmam a Fome.

- O pão sempre esteve à mesa meu filho. Nunca lhe foi negado o alimento e sempre foi esse o meu desejo: ver você à mesa na hora de partir o pão.

- Tive o pão, meu pão, mas não tive Lugar. Repartir o pão sem ter à mesa um Lugar é uma crueldade. Comer dele só alongava minha fome.
- Não há sentido no que você diz, só palavras doentes e blasfemas.
- Sim, blasfemas sim meu Pai. Sendo blasfemas é que me queimam a Fome de dizê-las.
- Fica quieto. Afasta o escarro das palavras e recobra a consciência do que está dizendo.
- As Cabras é que precisam matar a Fome, minha fome não é como a delas. Eu só precisava de um Lugar à mesa, querendo dizer o que nunca disse.
- E o que foi que nunca disse? O que foi que nunca disse filho?⁵

)

as horas

horas

dizem assim

nunca se diz

assim

o que nunca se sabe dizer

o chão molhado de luz

os astros

noites claras do deserto

o Sal

o sêmen

o suor da pele

em fogo

da pele lavada do Silêncio

(

- O que tinha a dizer, meu Pai, já não me diz nada. Pra que empurrar o mundo se já tenho as mãos atadas? Não vou agora dar a chance de me atar também os pés. Pouco importa o rumo que as coisas tomem. Já não vejo diferença em andar pra frente ou pra trás.

- Não é possível que só pense em si mesmo.

- É pensando em mim mesmo, pai. É pensando em mim que me lembro das horas, e escuto as vozes difusas perdidas naquele fosso que cavei sem me surpreender com a água transparente que ainda brota lá no fundo. E reencontro nesse sonho nossas vergonhas mais escondidas, traídas no corpo curvado, no amarelo dos dentes, nos olhos sobressaltados quando nos vem a ira. E é à mesa que me olho, com as mãos sujas de cultivar o próprio alimento, e me calo à hora exata, ao alimento nunca antes repartido da Palavra.

- Cale-se! Não vem desse fosso nossa água. Não vem dessas trevas nossa luz. Você não sabe o que diz. Não vejo sentido algum em suas palavras. Vejo apenas você e seu orgulho. Nunca te faltou nada, sempre pôde e pode dizer o que quiser, mas você nunca soube dizer, não soube e não sabe, porque nunca aprendeu a ficar em silêncio, e meditar no tempo e tirar dele o amadurecimento dos seus frutos. Até quando sua Palavra áspera me feria, eu aplacava meus olhos de Pai e te estendia apenas a medida exata que pede a boa educação em família. Não pode o Pai negar educação aos filhos, e a medida dela é coisa que só os pais sabem.

PARÁBOLA

Um dia, entrou um homem clandestino na cidade e mendigou alguns trocados. Naquela cidade era crime que alguém mendigasse, porque a colheita era farta e todos tinham o sustento de que precisavam.

Apareceram homens fardados e o pobre foi levado ao Juiz.

- Você não sabe que nossa terra goza de uma generosidade tamanha? e que aqueles que trabalham a terra jamais sentem fome? de modo que nessa cidade mendigar é um crime contra a boa vontade da terra?

- Sei sim senhor, mas minha intenção é ficar só um pouco. Como posso contribuir com tamanha fartura se meu desejo é partir? Só me resta aceitar a generosidade dos que passam.

- Você cometeu um crime, e será punido conforme o costume.

- Se esta é a lei, que eu seja um exemplo. Qual é minha punição?

- Você deve deixar aqui tudo o que carrega e caminhar de joelhos até o cume da Serra. Vestirá uma túnica amarela com desenhos vermelhos mostrando as vergonhas que denunciam seu crime.

- Quando eu chegar lá em cima, o que devo dizer?

- Não dirá nada. Aquele que mendiga o pão numa cidade como a nossa não tem voz. Você contemplará a colheita e agradecerá à terra.

- E depois?

- Será consumido pela dor, irá embora sem nunca mais voltar.

Assim foi e o clandestino partiu.

Na madrugada, você está exausto junto ao último regato. A água é negra de noite e não faz barulho corrente.

A Serra sobe aos céus, se perde lá por cima e torna a subir mais longe aos céus distantes

Você não saberá o crime que cometeu até que a Lua chegue.

Você não tem fome. Bebe as lágrimas e engana a sede.

Você parte

voe um vôo

branco

na Montanha que guarda o Deserto

um homem vestido de Sal o recebe

um Pássaro nunca visto repousa nos ombros do homem

seu corpo Clandestino jorra o suor que embebe o chão

no Palácio de Areia

o pássaro canta

com olhos fechados

a areia branca vibra aquele sopro de vida

seus ouvidos tremem clandestinos

mundos cessam e são refeitos num gesto de olhar

para mudar o que vê é só mudar o que sente

ninguém conhece os motivos de sua dor

uma vez que o Rei o tenha banido

a você, que se julga inocente,

só resta deixar de existir

- Levante-se, ouça a dor do pássaro – te fala o Homem no clarão da Lua. Outras dores choraram Homens de tempos antigos. Aqui, no alto da Noite, essas vozes se deixam ouvir quando os pássaros fecham os olhos e cantam as lágrimas de seus mestres, que atravessam terras lúcidas, ensombradas.

Homens que atravessam vales por onde não há a pretensão ou desejo. Sentem na alma o vento frio cuja violência devasta num instante um espaço imenso. Os sete oceanos já não são então mais que um charco de água; os sete planetas não mais que faíscas; os sete céus, um cadáver; os sete infernos, gelo moído. Sem sentido nem espírito.

E então, sem que se possa adivinhar a razão, a formiga, coisa admirável, tem a força de cem elefantes, e sem caravanas perecem no espaço de tempo que a gralha leva pra encher seu bico.

Para que Adão fosse iluminado pela luz celestial, anjos vestidos de verde foram consumidos pela dor. Para que Noé fosse o carpinteiro de deus e construísse a arca, criaturas foram privadas da vida. Por Abraão, mosquitos caíram sobre os exércitos de Nemrod para que esse rei fosse vencido; crianças tiveram a cabeça cortada para que Moisés visse aquele que É; pessoas tomaram o cinturão dos cristãos para que Cristo fosse o confidente dos segredos de deus. Almas e corações foram submetidos à pilhagem para que Mohâmmed subisse uma noite aos céus sob o cantar dos pássaros.

- Peça a ele que nunca cesse esse canto, para que as pessoas do Vale de onde venho também possam ouvir suas histórias.

- silêncio, liberte-se da dor da palavra. você julga ouvir algo, mas as palavras que jorram a Língua do Mundo são silenciosas. apenas os que se alimentam desse avesso da Noite e do Frio são capazes de ouvi-las. julga estar de pé sobre a terra e a poeira? todos os Vales que a vista alcança daqui são o mesmo Vale que agora se vê, suas histórias não são contadas por pessoas, mas pelo canto do pássaro que governa as Serras Puiúnas. tudo o que as vistas miram daqui, num giro, são as bordas do ninho, as

histórias que se ouve passante por esses Caminhos são contadas pelos próprios caminhos.

- Mas sendo Clandestino não compreendo as palavras dos que me julgaram.

- Queria alimento, o Canto do Pássaro lhe foi entregue. Queria aquecer seu sangue e o frio da noite o fez sentir que já estava quente. Queria ser Homem e as histórias do caminho me trouxeram até você.

Daqui todas as coisas te parecem mortas. Formas a um homem sem visão, que as paredes morfadas não entregam, pois que ele não as compreenderia.

É espantoso que esteja aqui, e não conheça esses Lugares. Como alguém que está em si e não sabe onde está. Esses Lugares envolvem seu espírito lúcido com o nevoeiro da dúvida, ansiedade e paixão. Os irremediados vivem um pesadelo desperto.

Olhe com os olhos fechados e ouça o canto do Pássaro.



Se sinta nítido, perceba que a sede, simplesmente sede, guarda segredos maiores que Palavras. Palavras não têm sede.

É Noite. Noite essa, aquela noite, noite que tingem de luz as asas dos anjos. Histórias cantadas e saudades, Lugares que não vêm.

A poeira do ar treme uma luz fina, seus olhos Clandestinos encontram, veja, sua própria imagem, seu corpo, seu respiro, você atravessa o Paraíso, vai por uma Estrada cujas árvores não fazem Sombra. Carrega mochila nas costas como quem traz um desejo que não conhece. Você te olha daquele Paraíso, denuncia aos seus olhos sua própria Presença, uma exatidão violenta.

Se assuste se debata contra si. Você, por debaixo daquele ar gorduroso se domina e se abate. Um cheiro grosso te entope as narinas e raspa a garganta. Um nó te sobe o estômago, um nó torcido duma dor aguda de ponta de faca. Você se agita, se agite de um lado pro outro.

Uma puxada pro chão com uma pancada na cabeça, suas vistas se fecham, minutos antes você se lembra, desacordadas.⁶

)

Não há, eis o deserto, o não haver.
Olhe, beba do sal do seu corpo, do sal que te escorre do olhos, olhe. Não
há punição, no deserto não há punição para seus crimes e esse é o
deserto, a intimidade do fogo, o chão em chamas, a volição da matéria, a
amplidão das vistas, o sussurro da vida te agita as vísceras. Busque
palavras e não as encontre. Seu não ser nada devolve ao infinito.
É seu grito que escapa, sua corja, seu esporro, seu sangue e suas chagas,
seu cuspe epilético. É você o homem baixo com porretes e tochas,
gritando, você, a rezadeira velha com terço na mão, olhe, veja, sua forja, o
quarto sujo de onde espreita a infância, seu sono latente, sua embriagues
pegada no corpo, a Verdade medonha e suja, seu sangue seco, sangue
amarelo porque está seco, dessa negridão que não reza, reza pra pedaços
de coisas, reza pedaços de coisas, reza os pedaços das coisas, adestradas
pelo medo, pela escuridão dos olhos sem água, sem alma,

pise castelos de ar
como aos três anos
onde as Serras mudam de lugar com o vento
um ramo de ???? na esquerda
três serpentes silvando na outra
o Agora planície
Agora montanha
Agora cidade

agora Lugar

o deserto é o que falta pra compreender
o deserto é o que te falta compreender

(

Águas da Prata, primeiro verão de 2006

À hora de dizer, ressinto.

Ou então não sei dizer porque só sei o que quero quando erro. A sombra do erro afasta o receio e estala os olhos, consagra a pele. É errando que não erro o que digo. É aí que teço malhas de frases que trançam o tecido opaco da vida, a tensão flutuante entre o que fiz e o que deixei de fazer, nessa vida que por tanto tempo cultivei secretamente. Ressinto dar as chaves, como se pudesse fazê-las Sentido. Ressinto sentir nos tecidos grossos do meu corpo o rasgo da incompreensão, o corte do entendimento. E eu, que pensava que encontrar minha Verdade fosse calmo e harmonioso, uma chispa, um isso e tudo estaria feito, e eu estaria livre. A Verdade o fará livre. Não contava que esse achar fosse um grande desencontro. Como as coisas que esquecemos e nem sabemos que esquecemos. A hora de encontrar é um perder-se de si.⁷

Quando eu era criança escolhia amigos imaginários pra encher meus momentos com suas vidas imaginárias que não deixavam de existir por serem imaginárias.

Como se a vida não fosse imaginária.

Como se pessoas não fossem sombras de Luz refletidas na Tela imensa da memória.

Também quando te vejo, se puder te ver e suportar sua uma presença que não vejo, invento um modo da sua presença desconhecida. Junto de você, que me lê e me imagina em Segredo, começo a me tecer em malhas de carne e de Palavras.

E não sei porque imagino essa sua presença e te digo isso. Não as digo à mim.

Talvez porque assim eu comece a morrer contigo e ganhe em você uma existência que não é minha.

Talvez contigo eu comece, sozinho, a aprender a não existir.

Até te deixar em paz.

Quando eu era criança vivia falando pro Nada.

O Sol declina. A claridade é fosca. A Luz tombada pela Noite molha o ar de uma tintura ruiva. Paro, olho o Sol e é a primeira vez que olho. A Menina passa, chora. Levou Adélia e a deitou no quarto, agora passa por mim e chora. Não vejo José.

- Vai ser sempre assim, sempre assim.

A Menina fala sem me ver. Está ali onde está, fala.

- Quer dizer alguma coisa? Pode fingir que não estou aqui, se ajudar. Diga, vai se sentir melhor.

- Não moço, tudo o que tenho a dizer é mesmo pro senhor, não deixo de olhar nos olhos pra dizer o que tenho aqui por dentro que isso é coisa que não faço. Não me olhe nos olhos o senhor, se quiser diminuir minha presença e isso for torná-lo mais seguro pra ouvir. Não é só Palavra não moço, o que sai da gente quando a gente fala.

José é o único homem conheço, toda Vida foi assim. Por esse Lugar passam poucos viajantes, nenhum fica, só os vejo de passagem e não dizem bom-dia quando passam. Eles vêm pela mesma estrada que o senhor e se vão por ela, subindo o morro que dá na Prata.

José e Adélia me criaram assim. Às vezes penso que Adélia é minha Mãe. Ela não diz. Ficou um tempo sem falar comigo quando perguntei isso. Foi como se a Palavra Mãe tivesse virado ela do avesso. Passou dias quieta na Capela, num oratório que não tinha fim. Até que aquele sinete tocando dentro dela ensurdeceu.

Minha Mãe não pode ter morrido de picada de Cobra não moço. Nesses anos nunca vi uma cobrinha a toa por aqui. Quando a gente cresce assim, só, não deixa de notar nem numa formiga que anda da cá pra lá carregando a mata pra dentro do chão, e eu nunca vi uma Cobra. A gente ouve os pássaros e conversa com eles porque eles trazem canções belas, que ninguém sabe de onde. Feito as que Adélia cantava quando eu era mais nova.

Minha mãe não morreu não moço, ela também partiu. O Pai veio buscá-la e ela foi junto.

José vai na Cascata às vezes. Nunca fui com ele, não sei como é. Ele sempre volta assim, com esse fogo no corpo, e cheirando mal, por dentro e por fora, é um cheiro azedo e travoso. Adélia diz que é bebida. José não é

mais José quando está assim. Mas meu Pai nunca deixa de ser Pai comigo. Quando Ele está assim Ele não me olha, não fala comigo.

Às vezes penso que é pura bondade dele.

Não sei falar porque quando Ele está assim Ele me rouba os olhos.

É. O Agora é. É simplesmente Agora. Entre você e ela, a raridade do ar, rosado, uma água suspensa, sem cheiro nem movimento. É, exatamente, Agora. Um Agora maduro. Pré-história do amanhã. Agora é o Tempo inchado até os limites. O Tempo freme como um balão parado. De repente chegará a Noite, que será Noite como Agora.

A Menina chora. Você calmo. Olhe os olhos da Menina que chora. Esses olhos calmos como pedaços de lagos chovidos dos céus. Olhos que olham sem procura. A maior coragem de um corpo, que também chove, sem saber pra onde, quando chega o Agora de ser um só com a terra chovida, é saber olhar o que não vê.

O amanhã será exatamente como o Agora. O amanhã será de novo um Agora.

De tão assustado, fique quieto dentro de si. Agora é chegada a hora de sentir.

Sinta que seu calor não é o calor do Sol, que esse calor também pode ser tranqüilo e frio como a Lua. Veja nos olhos da Menina sua possível Noite enluarada. Respire. Você a olha nos olhos e respira.

- Quando cheguei aqui tudo se fez Noite, não soube o que fazer. Não soube pra onde andar. Meu desejo era seguir em frente, mas eu não sabia onde ir e sou um viajante que não passa. Cheguei até aqui Menina, atrás de uma sombra de lembrança caminhei até aqui e cá estou, mas por si só isso não basta. Não me basto e no Agora te olho pela primeira vez. Não É como se eu nunca tivesse te visto, É o contrário, É como te ver por todos os lados.

Também quero te dizer o que É essa busca cega. Secreta. Como entrei sem entender nesse intervalo vermelho entre o claro e o escuro. Como ouço de você a verdade misteriosa das coisas.

É do Seu Silêncio, Menina, que preciso agora. Desse seu Silêncio avessado como a respiração das coisas e o caminhar dos corpos dos céus. Não sei se entendo o que falo, mas pelo jeito como me olha sei que não vou, porque não preciso entender. Estou tentando falar sobre como atravessei o mormaço e o ar gorduroso até o Agora me incendiar a cara e fazer ver o deserto.

De repente é isso. Te olho daqui como quem pede, ainda, os últimos restos do Mundo. Cada vez mais e mais e mais remoto, remoto que sou, continuo a pedir, a me agarrar aos últimos restos do que sou. Cada vez mais tento não me levar pelo sono desse ar que envolve e traz ao deserto.

Eu pensava que o deserto fosse calmo, Menina. Que suas formas fossem como são Agora. Mas descobri que o deserto é vivo, e tive que entrar nele pra descobrir isso. O deserto é um milímetro de tempo que pode iluminar uma Verdade ou fazer perder tudo o que vi. Nesse momento não sei saber o que dizer, o que perguntar. Isso é porque já tenho a resposta e não sei a pergunta. Sem entender a resposta, fico no Averso tentando encontrar o que quero saber.

O deserto é vivo de uma vida que inflama. Um fogo que coagula os olhos e faz o deserto ser meu quando sou o deserto. Mas não um meu que caiba nas mãos. Meus punhados de areia nos dedos.

Também não é tão areado assim, todo o tempo. Porque pra eu poder colhê-lo nas mãos ele também quer ser meu. Nos intervalos em que o Tempo pára e as areias ficam nas mãos é quando tudo na gente pára, e somos o deserto recolhido por alguém, nós – veja, aquele deserto, este – nas mãos.

Quero dizer Agora Menina, o que meus olhos não dizem, mesmo que eu os abra e te mostre aqui por dentro.

Olhe o deserto. Você sabe que esse olhar te levará a andar com um cajado por muito tempo. Muitos foram e são os que andam com cajados no deserto. O deserto não tem adornos. Não tem montanhas. O deserto não tem grotas rochosas. Nem a Noite salpicada da Chuva que não chove. Chovem os olhos da Menina, que te mostra a Noite e os desertos.

Agora a dor não é mais isso que se chama dor. Dor não é dor. Dormi acordado contigo. Anestesiado pelo sonho é que posso ver, Agora, em seu sonho, Menina, que os Lugares são vivos. Tudo é como um amor desconhecido que me desaba. Amor que não é amor.

Meu estar acordado e a procura foi um caminho mais longo, um Lugar maior que Eu. Isso porque quando vim pra cá eu procurava Ver, não Ser, os Lugares. As pedras não passam de minha cintura e são maiores que eu. As pedras passam de infinitos pra infinitos sem perceber. Sem-perceber é a chave que você me deu.

Busco meu Avô porque preciso de alguém que não seja o que quero que seja. Seja. Espantado com a força dos ódios e amores. Seja. Um alguém que não precisa entender o que sente.

- Nunca senti medo moço, porque nunca tive do que me sentir. O medo pra mim é uma casca dura que a gente usa pra se amarrar e não sentir nada que não seja medo. Os medos que sinto são os de José, de Adélia, que são um sofrimento de grande saudade. O medo deles é um procurar alguma coisa que é perdida e faz falta. Aí vem a espera e essa esperança é o medo maior que eles carregam. Eu sinto aqui comigo o medo deles, essa espera. Esse medo às vezes vira uma alegria daquelas que tomam a gente e não dão Lugar pra sentir mais nada. É uma alegria Avessada do medo. Posso ver isso saindo da pele deles dois, pela pele que é grossa e cheia de Palavras.

Adélia conta, mamãe contava, tudo o que a gente sente, não sabe que sente. Porque a esperança gruda nos sentimentos e a gente não sente. Dentro da gente não existe nada, moço. Porque quando a gente vive, a gente vive pra fora, e o que está fora não é como o que está dentro, a gente senta e espera, e emedresce. A gente fica olhando daqui do nosso chão a passagem delas, das coisas, e não as encontra porque não pode, porque a esperança é que elas entrem na gente.

Mas as estrelas não giram no céu por nossa causa moço. E foi isso que Mamãe disse pra Adélia e Adélia não me contou, mas eu sei que Mamãe disse.

Cresci olhando, vivendo por dentro uma vida que é igual a que eu vivo por fora. Não quero que as estrelas desçam porque tenho estrelas no meu dentro.

Vou vivendo por dentro uma vida que é igual a que eu vivo por fora. Sem mim, as estrelas continuam nos céus, o Sol nasce e se apaga, chuva cai e vento geme. Não são por mim as estações. Tenho por mim um querer que é igual ao delas, o de estar aqui seguindo, girando, não mais que estar aqui.

- Quando pisei esses Caminhos eu era ainda o que sou Agora, uma lembrança e a vontade do Avô. Agora inda sou o que Agora me carrega. Por fim, a desistência tem que ser uma escolha. E não há como escolher quando desisto porque o esforço pra escolher é o mesmo de desistir.

Vi você com meus olhos, menina. E sei que quando vi foi porque você escolheu ser vista. E sua entrega a mim é o único ultrapassatempo que não me excluiu. O seu deixar-me te ver me fez tão maior que não mais me vejo. Me vejo tão grande como uma paisagem de longe. Te vi e você me mostrou, quando te vi, tão mais remoto em minhas montanhas e meus rios. Era eu ao longe, tão mais longe que tudo aquilo que sinto. Quando você me escolheu e se entregou ao meu ver vi que o mundo independia de mim. Quando você me escolheu e se entregou ao meu ver vi que o mundo independia de mim. Escolhi pensar que é inútil tentar encurtar um Caminho, como quando se cai e não se pode escolher parar de cair, porque tudo é solto, como as estrelas são soltas, não se escolhe parar, e os caminhos não são apenas um modo de ir e vir.

Essa minha procura é o impedir que eu encontre, também eu me vivo uma espera, também eu desejo que as coisas me encontrem e me libertem delas. Só me deixo enxergar por meus desejos e me vivo um mundo de desejos. Me deixo enxergar por meus desejos e me vivo uma espera.

- Seus olhos são molhados, moço, e essa agüinha que eles escorrem tem uma luz que é luz de estrela. O senhor tem suas próprias estrelas e não pode encontrar palavras que as mintam pelo senhor. As palavras tentam ser o que somos e quando somos, não somos palavras. Tudo está em nós, quando não somos.

- Talvez o que somos não tenha nome. Ou talvez tenha, não importa. Eu, que sempre vivi para o fim do caminho, não mais me importo. E quando eu te levar pra dentro e te cobrir como me cobriu quando cheguei, quando minha querência for unicamente te ver dormir, eu estarei ali te vendo, não mais que te vendo dormir. Então a noite me cobrirá e eu verei a noite sendo noite, e seguirei o caminho pela Estrada que me traria ao fim do que tanto desejo. Seguirei o caminho buscando o fim pelo começo. E seguiremos os dois, eu no aqui de lá e você pelo caminho ali, seguiremos, enxergando um no mundo pelos olhos do outro, sem nunca mais voltarmos a nos ver. Venha se deitar, te cuido para que você se deite acordada sonhando na estrela, até que eu possa sonhando acordado olhar, e te ver sonhando sair e se vestir de um tanto delas. Ficarei aqui fora te olhando lá no alto a me olhar com seu corpo de luzes de estrelas. Aí o mundo será meu porque eu mesmo não serei mais nada, te olhando sonhar e me vendo do alto. Aí o que eu disser eu sei que não vou entender. É que não mais sou, então eu olho. Então eu olho o mundo e o adoro.

É Noite. A Noite está nos céus e cá estou eu só porque todos foram se deitar. Levei a Menina e a deitei, e vim cá arreparar na Noite.

Amanhã logo cedo parto. Se Agora eu desse com o Avô eu não diria o que há por dizer. Tenho uma coisa para dizer, mas tenho antes uma coisa a saber. Talvez eu diga, mesmo que depois eu esqueça. Ou que tenha de abraçar sozinho esse sofrimento, o sofrimento de não ver meu Avô ver em mim a pessoa que eu era. Talvez eu devesse encontrar pra mim um outro Nome, mais fiel, mais eu, com o gosto insípido que tem a hora de encontrar o Nome.

Quero voltar pra casa. Talvez porque a Lua úmida tenha me dado saudades de minha Vida.

Sento numa pedra que é como uma banquetta. Sento quieto, me suo inteiro e abraço Fogo. O Ar queima feito Fogo. Como se esse Fogo me entornasse pra dentro tudo que não Vejo, cristais de Tempo, a Substância mesma das fraquezas ou da sorte, que é uma fraqueza de bom dia. Ou

como se, enquanto em mim elas existam, me seja impossível deixar de transpirá-las.

A Vida parece tão pouco cabível dentro de mim que talvez apenas vivendo a vida do mundo eu a viva. O Mundo é essa parte misteriosa da alma que não me pertence, e é por isso que me entrego a ele e o adoro. Me entrego como quem toca uma fronteira que não transpassa, porque no fim das contas viver o Mundo é deixar de transcender e ficar quieto. Eu a transpiro e me torno Um com ela. Não entendo o Mundo. Essa forma não minha das coisas que mais me pertencem. Só me distancio dele sendo aquilo que em mim menos sou. Eu.

O suor acende até chamoscar e arde, quando me entra trivento pelos sete buracos da cara. Olho a noite e procuro nas estrelas um desenho antigo, um desenho que não diga nada. Olho sem que me importe a escuridão dos olhos. Estou isento de mim. Posso Ver. Vejo a vida secreta da Noite. Quando me afasto é o mesmo que deixar que ela me olhe. A noite não me amedronta, me deixo ser Noite. No céu sul as nuvens maiores, mais escuras. As mariposas e os cupins-de-asas vêm voar perto da lamparina da casa. Círculo rodeando a Lua Cheia, sem tocar. Não penso em nada. De agora em diante posso chamar qualquer coisa pelo nome que eu inventar. Me procuro na amplidão da noite.

Aqui, sentado na pedra, maior que a dimensão das Serras, com gargantas rochosas, mais extenso que os planaltos ao Sul das Puiúnas, contemplo o presente, aqui e mais além das cristas dos Morros.

E essa foi uma visagem muito ligeira e me pego de novo naquela tremurazinha de não dar atenção a nada e que me vem de dentro e me vira numa chuvinha fina.

Olho o presente, como uma criança vestida de branco e sonolenta. Presente que é esse, aquele, o mesmo presente daquele último, sentado na rocha olhando a Noite, sabendo que o presente será dia. Esse mesmo presente, quando o for, também me levará daqui.

E, assim, dormiram as coisas.

Fico um tempo quieto, reparando em meu Fogo, trazendo madeiras antigas da Memória pra renovar-lhe a lenha.

José pára e me aponta a árvore, com voz de meio-dia.

- Foi embaixo dessa árvore que confessei meu amor a Maria da Glória, a mãe das duas Meninas.

Quando a gente não diz o que pensa não consegue viver com isso. De alguma maneira eu precisava dizer. Disse, e convivemos melhor com isso. Seu marido era um homem sóbrio, de bom trabalho, respeitado pelos peões. Nunca o víamos ao lado dela. Mulher só, de alma solta. Ela se sentava embaixo dessa Árvore pra ouvir o vento, a Harpa da Grama.

Ouçõ calado a história de José. Nunca sei o que dizer quando alguém me abre seus silêncios. Essa alma que afoita o sono, que sai aos poros, calorenta, e não diz seu Nome. Essa minh'Alma que não cessa os gemidos e só se abre em Segredo, seu breve e impermanente segredo, quando diz aos outros o que não digo a mim. Quando, em Segredo, o esforço de lembrar se confunde com a vontade de esquecer.

- Foi bem aqui. Ela estava alta e clara, olhando sabe-se lá o que no mato ralo e branco dançado calmo pelo sopro do vento. Parecia que ouvia algo de atenção presa. Foi a face mais tranqüila que já vi. Estava grávida da Menina menor. Eu disse tudo a ela sem saber se estava ouvindo. Cheguei sem deixar que me visse e disse. Não se mexeu. Disse que na noite anterior eu havia sonhado com ela se banhando no Mar. Nunca vi o Mar, mas ele estava lá e eu sabia que era o Mar. Ela se banhava nua e as águas a beijavam. Então apareceu uma serpente pequena e fina, vinha levá-la, leva-la em seu ventre de água transparente. Me atirei pra agarrar a Cobra mas ela se desfez em Sal e me escorreu pelas mãos. Maria ficou calma, não me viu. Apenas me olhava, mas seus olhos trespassavam meu corpo. Ela cantava e se misturava de novo na espuma salgada do Mar.

Foi o que eu disse a ela, sem deixar que o medo tremesse as palavras, sem querer novamente que me ouvisse, apenas disse que a amava e saí.

disse que a amava e saí... apenas...

disse tudo o que precisava dizer e não disse

não disse...o que não digo...

*permaneço trancado à porta do ventre materno e não enxergo
as Palavras me calam e não encontro dizeres que dêem prova dos sentidos*

- Aquele foi só o começo. É que não contei tudo a ela. Não contei tudo. Naquela tarde choveu como há muito não chovia. A Fazenda entrou num alvoroço de bichos e pessoas, todos gritando e correndo da Chuva. De noite tudo estava mais quieto, me vieram pedir pra correr na Prata e trazer a parteira. Quando a levei de volta não precisei adivinhar as palavras da Velha, soube logo que Ela, minha Ela, havia partido. A criança estava salva, mas o Pai tinha sumido. O Pai das duas Meninas não agüentou e sumiu. Na manhã seguinte disseram que a irmã mais velha, Adélia, tinha ido atrás do Pai com a Menina no colo. Pensei que nunca mais as veria. Uns anos depois dei com as duas na beira da estrada, a pequenina já andava e forçava umas palavras. Ofereci abrigo e comida em troca apenas de tê-las por filhas.

Nunca me arrependi do que fiz. Mesmo quando a Fazenda arriou e a água tomou conta de tudo, e o bolor cresceu matando os bichos e as plantações. Mesmo quando todos se foram e os patrões me deixaram aqui tomando conta dessa terra que não se tem em mapa. Mesmo assim não me arrependo, são as filhas que Maria me deu, são o Sal que me restou, elas a devolveram a mim.

Fico quieto, parado e quieto. Olho a árvore de José, de Maria da Glória e de José. O tronco, galhos tortos, a copa imensa. Olho a árvore como quem vê suas lembranças de árvore. Como quem passeia solto pelas páginas dos dias. Como quem lê, de volta, as Palavras que nunca disse. Ali, parado diante de José, sem dobrar a língua no murmúrio que se torce a perturbar o silêncio, desassossegar meu centro, emendar os traços das histórias que ouço e sinto, soprar meus ventos sobre o mato ralo. Vejo o Sol soprar as barbas da grama até confundir minhas vistas. Ali eu alço o Mar, seus sopro molhados, seus cheiros, suas horas de areia.

Ali José muda sua figura. A cara retorce e se torce na cara marcada. É a cara, a mesma cara que é a cara do Avô.

- Vim te ver. Dizer o que me falta Vô. Dizer o que nunca disse.

Ele continua lá, me olhando. Camisa aberta e peito suado. A pele em chamas. Ele me olha, me olha solto.

- Vim dizer que queria ter vindo junto. Que fui um covarde e me escondi atrás da porta azul do seu quarto quando te vi arrumar as coisas. Que sou um covarde e ainda me escondo atrás da mesma porta, do mesmo olhar e do mesmo desejo. Minha vida tem sido um estar de lá pra cá sem saber ao certo onde, e ainda que me diga não vou saber encontrar porque vim até aqui e não consigo achá-lo.

- Você me encontrou antes mesmo do primeiro passo. Antes de vir ao mundo já estava aqui, na minha frente, com a cara cheia de perguntas que não entende, o estômago incendiado e as costas duras de quem busca nas respostas um sentido pra dar à vida. Você é um Príncipe de Cabelos de Ouro e foi protegido de si mesmo. Mas o cordão de sangue que pulsa em seu corpo não o traiu e você caminhou até aqui, onde eu nunca estive.

- Vim para a Cascata porque disseram que estava aqui. Dei com rastros da sua presença no caminho. Adoecei. Tive febre e não te encontrei.

- Não me encontra porque não é a mim que você procura. Adoece porque não pode entender.

Você atravessa portas erguidas por homens e elas o afastam cada vez mais.

ponta de pedra de terra vermelha

é terra de lá

sangue de terra de veias

água de bica

seu corpo

lavar

harpa de grama, esteira, moringa

alguidar

vento sopra da Serra na grotta

no chão

sua mangueira florada

sua mangueira florada que a flora

não dança

Você vive dentro de um Quadro com molduras bem marcadas, de estacas bem plantadas.

Em seus primeiros tempos mal ousou espiar por detrás das frinchas. Quando suas tempestades trincam a Tela os fachos de outras Luzes puderam penetrá-la. Aí você viu, aí você vê, veja, o Mundo além do Mundo. Essa claridade parece sempre maior quando você não nota, com os olhos soltos da superfície da Tela do dia. Foi essa claridade, meu neto, que mais tarde começou a te incomodar.

Então o Tempo te deixa cada vez mais tranqüilo, de uma tranqüilidade insone, de olhares perdidos.

Um dia você se levanta do banco de ferro pintado no Quadro e parte, com os pés descalços, pele vermelha de terra, maldizendo o mundo e maldizendo a si, pensando reler as páginas que Eu lia. Mas eu nunca soube ler, meu neto, nunca soube escrever meu nome.

As palavras perdem força, distanciam, acabam antes dos ouvidos. O dia é limpo como naquelas horas em que, criança, eu brincava nas ruas, tremendo as tardes com gritos. Quando até a lama podre que tinge o concreto dos muros e dos tornozelos reflete a Luz do sol.

É isso o que Vejo, o que vejo noutro Tempo, Agora, desavessado no presente dos olhos.

Estou aqui nesse Lugar sem ruídos. Ouvindo os passos de José batendo nas pedras. Suas mãos me apontam a árvore. Pela primeira vez reparo nas pinturas da paisagem, com as árvores e a estrada subindo na linha dos morros pra se recortarem num fundo azul, onde muitos passarinhos miúdos tomam banho de vento, o branco deles quando voam é um branco tingido de azul. Os passos de José são lúcidos como o Mundo.

Me levanto do chão pra andar com ele. Passamos pela árvore, essa, aquela árvore, passamos pela árvore na estrada de onde viemos quando cheguei aqui. Olho as mesmas casas. De uma delas vejo uma senhora que vem de dentro e desaparece como se não existisse.

- *Serpentária*, senhor, uma praga que só espera as pessoas saírem pra invadir a casa. Dizem que amaina febre malsã, feita por picada de cobra. Aqui ela cresce por todo lado, como o senhor vê.

- E você José, não pensa em sair daqui, partir? procurar outro Lugar pra você e as Meninas?

- Quando a hora de partir chegou eu quis ficar com Elas. Pensei que seriam anos difíceis porque meu rosto transparecia como se não tivesse mais sangue, minhas mãos estavam murchas, não se via meus olhos. Adélia veio a mim e pediu que ficássemos. Não disse porquê. Apenas me olhou fundo e pediu.

Não penso que tenha ficado por Elas, não penso ter ficado pela Espera. Quando vim pra Cascata, trabalhar essa Fazenda, trouxe comigo mulher e três filhos. Nasci na Tiupuiúna Mineira, no alto da Serra, indo pelo outro lado, o próximo povoado depois da sede da Fazenda dos Prata. O homem da mulher tinha morrido e ela não tinha como dar cria aos filhos. Eu os trouxe comigo e dei. Todos se foram, ela foi a primeira, só o mais caçula olhou pra trás e deu Palavra a seu velho Pai.

Cuidei das Meninas da Glória e elas me cuidaram. Não foi só o amor que eu sentia por ela, não foi só o sonho o que me fez ficar. Foi o jeito de olhar e pedir da Adélia, ou pode ser que não tenha sido isso.

Essa terra é passagem pra muita gente, os viajantes passam sem rumo e nunca voltam, vão na mesma retidão. Vão mantendo os passos mesmos até a parte alta da Prata e de lá pra frente mais um tanto. Você também ficou, você também não sabe porquê. Você ficou.

- Você nunca ouviu falar de meu avô. As Meninas também não. Eu só queria encontrá-lo, como você, à Maria da Glória.

- Aqui ninguém tem Voz não, moço. Aqui, há muito tempo, as águas carregaram as Palavras, e ninguém nada pra dizer. Só ficaram as lembranças mais nós três, clandestinos, presos dentro delas. Todos se foram das Serras Puiúnas.⁸

Caminhamos juntos, as Palavras de José param. Meus olhos noturnam.

Águas da Prata, primeiro Verão de 2006

Tudo começou quando a casa me pareceu pequena. Os jardins apequenaram. Os céus se fecharam em paredes de claridade. Quando a velha Casa do Vô trincou suas paredes foi que vi pela fresta imagens que por fora eu não via. Todo o Mundo era uma só fresta por onde eu via o passar dos dias, e todas as pessoas passantes pela estrada infinda. O Mundo era uma estrada infinda olhada com olhos de menino por uma fresta na parede velha. Tudo o que se via detrás daquela Tela na fenda da parede era umas pessoas passantes em uma estrada Vazia.

De primeiro não achei estranho, brincar menino de olhar o mundo escondido e ir dormir tranqüilo. Um Dia esperei pra espreitar a Noite. E a Noite escondeu as Formas do Dia e aprisionou meu Mundo no único canto de um Pássaro que eu não via. Mas meus olhos meninos encontraram o Pássaro na sombridão profunda, e eu menino brinquei de cantar com o Pássaro de olhos fechados pra clarear a Noite com a imagem do canto que se ofuscava na Luz do dia.

Agora a Estrada que José me aponta vai se estendendo pelo mesmo horizonte por onde aquela fresta se perdia.

- Vou lá, adeus – e vou-me indo.

José se apóia num mourão de cerca e bate as botas pra fazer poeira. De sua pancada na terra seca vão se desmoronando pedras, como se a última coisa que dissesse fosse um desmoronar de pedras.

à minha família
alan victor pimenta
inverno de 2006

¹ Deste ponto por diante, as partes itálicas constituem o Lugar das lembranças, parábolas e páginas de diário que entremeiam os personagens da narrativa percorrida pelo viajante.

² *Sueño com serpientes*; Sílvia Rodríguez.

³ Sohab Sepehri (1928-1980) é um dos mais importantes poetas modernos do Irã. Entre suas obras encontram-se: *O Oriente da Tristeza* (1961), *Viajante* (1966) e *O espaço verde* (1967). Abbas Kiarostami dedicou a esse poema seu filme *Onde fica a casa do meu amigo?*. Tradução de Nasrin Haddad Battaglia.

⁴ Poema de Juan Rulfo em *O galo de ouro*.

⁵ Esses lugares no avesso da deserto possuem, de uma forma ou de outra, avessos de presenças – como texto, esclarecimento ou idéia, como nome ou como afeto, hora presenças citadas, hora formas de uma presença efêmera que se dilui na minha e já não posso saber quando sou um ou outro – quando cada palavra toma forma em meu corpo e se faz texto, sem deixar saber direito o que de fato, em mim, eu sou.

Toda a conversação entre o pai e o viajante é um emaranhado de minhas letras com as palavras próprias de Raduan Nassar em *Lavoura Arcaica*.

⁶ Como narrativa espiralada, herdada de minhas poéticas persas, o Clandestino, que é Viajante, se vê de um outro Lugar, se vê desse plano intramundo, que é o mundo no qual se desenvolvem as parábolas e que é esse mesmo mundo real do Viajante, aqui Clandestino. Aqui, o Viajante se vê como está logo que chega ao vilarejo, quando não suporta sua própria presença e cai desacordado no pé da primeira Árvore.

⁷ É perder-se como me perdi pela escrita de Clarisse Lispector, me estendendo seus vazios neutros nas páginas de *A paixão segundo GH*, com o qual entremeei essa parte.

⁸ Antes do fim eu diria ainda que a alma dessa história foi partilhada dos Caminhos de Juan Rulfo em *Pedro Páramo*, e que as Serras Puiúnas são carregadas do mesmo *Chão em Chamas*.

APRESENTAÇÃO

Um homem caminha no deserto. Não posso dizer o que seria para um homem, ou mesmo o que seria pra mim, caminhar no deserto. O deserto pode estar em ruas de cidade e ainda assim ser deserto. O pretexto desse trabalho é apresentar ao leitor, entremeados em minha escrita, textos e imagens para serem olhados por você como a um Caminho e seus Lugares de Memória, dessa memória que as coisas e os lugares deixam na gente, em pedaços, camadas lembradas e sentidas de uma qualquer coisa que o olhar mire quando se caminha fora de si, sem busca, flutuante no ato de olhar enquanto caminha. Penso um estar fora de si que seja estar suspenso, alheio à certeza, e um olhar com movimento inverso: não mais a casa querida da infância que nos faça lembrar de nós mesmos, meninos; mas o permitir-se que uma volição interna de Memória se projete nos Lugares, pelos Lugares, qualquer Lugar, para assistirmos ali nossas lembranças a moldar formas de concreto, mesmo as mais desconhecidas, na Imagem lembrada da casa da infância. Caminhar de passos e lembranças.

Um caminhar assim passeia nos passos um movimento espiralado de estar sempre voltando, sem que seja ao mesmo lugar. É um caminhar caminhante de estar sempre estando em casa ou em qualquer outra parte. Para mudar o que sente basta mudar o olhar.

Penso um estar fora de si como um estar solto para encontrar o novo, um estar aberto para ligar-se a ele e fazê-lo seu, por ação ininterrupta da Memória. Dessa Memória construída no presente, no gesto de olhar; e também da Memória que se realiza no achado de pequenas coisas passadas, que encontramos quando caminhamos e que nos fazem lembrar outras lembranças, mas que se desenvolvem em conjunto no ato de olhar lembrando no presente. Podemos, então, caminhar no asfalto molhado que é deserto de areia. E se nos permitirmos, o asfalto, a água e o cansaço dos passos não só nos farão lembrar, mas trarão Memória ao corpo: como um estar lá estando aqui, presente, caminhando junto e sendo o homem que nos caminha no deserto.

Organizei esse trabalho em duas partes: a primeira como uma obra de criação narrativa minha, escrita a partir da idéia da Viagem Es(x)tática; na segunda, um trajeto pelos textos e imagens da poesia persa que, de alguma maneira, me remetem à temática da *presença ausente* e da trajetória iniciática sufi. Esse segundo momento também buscará nessas imagens uma forma de presença que nos leve pelas estradas do cinema e das idéias de Abbas Kiarostami.

Olhando os textos e imagens que compuseram o material de pesquisa desse trabalho, o passar do tempo fez notar que, de certa forma, também eu participava do desejo que eles evocavam: o de revelar ao olhar uma solidão essencial em busca de absoluto.

Para quem nasceu e foi criado na cidade, com seus barulhos de cidade, sua solidez em edifícios, túneis, sua linguagem publicitária aos solavancos, a solidão tem um significado totalmente diverso. Talvez isso tenha sido não a maior, mas a mais vital das minhas descobertas. Em minha opinião sincera, essa solidão de que falo, essa ausência, não é a solidão de estar desacompanhado ou impossibilitado de realizar nossas habituais necessidades modernas. Me aproximo mais daquele sentimento que todos temos de estarmos só, acompanhados. Falo mais de uma solidão que partilha do sagrado, do encontro com essa unidade íntima.

Foi nesse des-encontro provocado por meus estudos que me percebi, num dado momento, a recriar minhas imagens urbanas sem nem perceber que o fazia. Não as vi mais à maneira inicial como se apresentam, requerendo a superfície de minhas atenções. Não mais seu aspecto material imediato, mas matéria acompanhada e acompanhante de uma carga de Memória, Memória das formas que a todo momento se forma e se mistura à minha. Percebi ser eu o construtor de mim e das imagens vistas. Assim, só assim, observei a maneira como as imagens educam e desejam conduzir a maneira imediata de compreensão ação no mundo que a vida contemporânea monta.

O trabalho do tempo de pesquisa tratou essa memória íntima e tornou seu mecanismo evidente demais para que eu o suportasse. O que aconteceu foi que, de então, olhei mais as coisas como se as visse pela primeira vez. Daí que olhar se tornou também um permitir-me criar na

intimidade a memória da coisa olhada, conviver com ela em todas as suas camadas, sons, cheiros, barulhos e texturas. Foi a partir dessa contemplação-criação que os Lugares mais passageiros me revelaram suas belezas. Foi quando percebi todo o esforço feito no ato simples de simplesmente olhar.

A primeira parte desse trabalho surgiu do desejo de dar movimento a essa intimidade, na qual lembranças e formas concretas se desenvolvem com a mesma importância, já que nesse campo mecanismo de ação da memória, os dois aspectos, os dois mundos interno-externo, por assim dizer, são partes de uma mesma substância material, e seu tempo é o tempo presente. Me permito essa afirmação considerando que ver seja imaginar no agora imediato, e que quando imagino realizo de corpo presente uma forma de ver em minha intimidade, na tela de meus pensamentos, uma imagem qualquer que eu já tenha visto e que me retorna junto da imagem do agora.

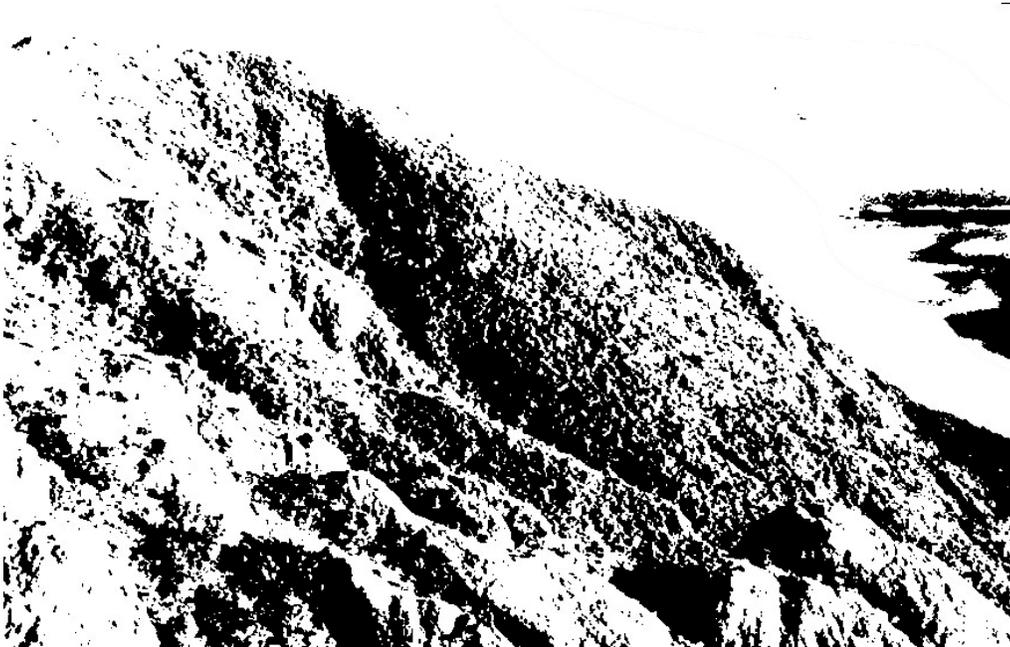
É por isso que o Viajante dessa primeira parte vê lembranças vividas ou aprendidas de parábolas, fábulas e lendas que o habitam. Elas passeiam nos Lugares pelos quais ele passa, todas elas amalgamadas no desejo de encontrar o Avô. Desejo esse que é a união de muitos outros, todos os outros, permanecidos na vontade constante de se encontrar na ausência do Outro.

Na segunda parte, iniciada com essa Apresentação, retomaremos essa trajetória imagética, você e eu, acompanhados de tantas outras imagens das plásticas e dos textos de meus documentos, e tentaremos contemplar-criar esse nosso Lugar-Mundo da Memória vivida por nós e por outros, e por nós nos outros, espiralados no retorno que não leva ao mesmo início, na Memória que se mostra por e nas Imagens de nosso Presente.

Assim, tentarei desenvolver este trabalho como um retorno às Imagens primeiras de minha pesquisa, como uma busca cuja trajetória me possibilitou vê-las despontar na narrativa da memória cinematográfica de Kiarostami. Não, evidentemente, para afirmar que esse diretor contemporâneo as tenha revivido em seus filmes, mas para tentar ver o que, no trabalho silencioso da Memória, essas Imagens do passado podem nos mostrar no presente. Tentar ver o quanto elas podem aumentar, sem

mudar seu tamanho, não apenas essa obra cinematográfica, mas o próprio mecanismo do olhar. Ver não só Imagens, mas também nossos desejos e os desejos de nossa Memória sobre elas.

PRIMEIRO VALE:
LUGARES NO AVESSO DO DESERTO



Depois vem o vale onde não há pretensão ou desejo, nem sentido espiritual a descobrir. Desta disposição da alma ao desprendimento eleva-se um vento frio, cuja violência devasta num instante um espaço imenso. Os sete oceanos já não são então mais que um charco de água; os sete planetas não são mais que uma faísca; os sete céus, um cadáver; os sete infernos, gelo moído. Então, sem que se possa adivinhar a razão, a formiga, coisa admirável!, tem a força de cem elefantes, e cem caravanas perecem no espaço de tempo que a gralha leva para encher seu bico. Para que Adão fosse iluminado pela luz celestial, milhares de anjos vestidos de verde foram consumidos pela dor. Para que Noé fosse o carpinteiro de Deus e construísse a arca, milhares de criaturas foram privadas da vida. Por Abraão, milhares de mosquitos caíram sobre o exército de Nemrod para que esse rei fosse vencido; milhares de crianças tiveram a cabeça cortada para que Moisés visse Deus; milhares de pessoas tomaram o cinturão dos cristãos para que Cristo fosse o mahram dos segredos de

Deus. Milhares de almas e de corações foram submetidos à pilhagem para que Mohâmmed subisse uma noite ao Céu. Aqui não é o novo nem o antigo o que tem valor; e tu podes agir ou não.

(Attar; 1991)

Glórias Àquele que dispõe soberanamente dos dois universos. O Ser passado do tudo que foi, existiu por sua existência. O Ser presente de tudo que é, existe por sua existência. Ele é o Primeiro e o Último, o Revelado e o Oculto; Ele é o Vidente de todas as coisas. Que as orações e boas vindas estejam com os enviados às criaturas, e muito particularmente com Mohammad, o eleito, por quem se fez cumprir o selo da profecia. Salvação a seus companheiros e aos doutores da religião. Que a complacência divina esteja com eles!

Um de meus amigos, o mais querido, me plantou um dia esta pergunta:

- Os pássaros se entendem mediante uma linguagem?

(...)

(Sohravadî)

Allá é o único Deus, e Mohâmmed seu profeta.

deus é o único deus.

o homem é o único homem.

o ser é o único ser.

Eu poderia dizer que a quantidade de Imagens e referências literárias de que me vali na composição da primeira parte deste trabalho, por meus *lugares no avesso do deserto*, é interminável. Não um interminável de infinitude numérica, que é, aliás, de pouca medida, mas na maneira como se proliferaram, por desdobramento ou transmutação, à medida que me deixei percorrê-las. Cada Imagem, textual ou plástica, pode ser uma imensidão represada nas medidas que as impomos, se olharmos sem nos permitirmos as possibilidades do olhar.

Raras vezes nos deixamos trazer à atenção as imagens do cotidiano, ali, inteiramente à nossa disposição, costumeiras. Como também é raro atentar às marcas que essas imagens nos deixam. Via de regra, costuma ser imediata nossa oposição entre as coisas que vemos e as que imaginamos, no entanto, não estranhemos quando falamos em *visões de mundo* para nos referirmos às diferenças culturais ou para distinguir ideologias, sem nos determos a que um *ponto de vista* se refira ao lugar de onde vemos as coisas, e nos demoramos ainda menos nos atributos da expressão *diferentes perspectivas*.

Dispensamos pouca atenção às relações que espontaneamente fazemos entre o ato de *ver* e a forma como entendemos e agimos na realidade que se nos apresenta. Como quando atribuímos aos poetas a faculdade de *ver o mundo com outros olhos*. Sem notar, dividimos o mundo em *real* e *imaginário*, privilegiando o primeiro quando tratamos das necessidades que supomos concretas, e legando a um segundo espaço o sonho e a fantasia. Mas ainda assim, falamos em *revisão* quando pretendemos dizer mudança de idéias, e habitualmente referirmos ao olhar essa alteração de convicções práticas ou dizeres da fala e da escrita.

Fazemos isso comumente e sem estranhamento, e também nos parece muito natural a crença que depositamos em nossos olhos. Cremos que as coisas e os outros existem porque os vemos, e cremos que os vemos porque existem. *Ilusões* e *alucinações*, formas-pensamento, são palavras que revivem a força que depositamos em nossa crença numa *visão clara* de mundo, ou num mundo que se ordena, por força de nossa crença, numa forma correta de visão, de existência e de expressão. Dest' arte que nos

carregamos com a fé na existência de uma visão una e verdadeira, que corrigiria a ilusória. Somos espontaneamente realistas.

Comumente atribuímos ao olhar a detenção máxima da verdade. Quando entendemos algo e soltamos espontaneamente um *é claro!*, quase nunca nos deixamos notar a aproximação que fazemos entre certeza e abundância de luz, legando às sombras toda dúvida e esquecimento. Automaticamente damos à *clareza* e à *visão perfeita* das coisas e dos fatos a equivalência de verdade, sem que nos pareça um impedimento o fato de não raciocinarmos com os olhos e da falta de luz não necessariamente ofuscar o pensamento.

Quando queremos reivindicar de alguém atenção total ao que vamos dizer, chamamos: *veja bem...* Relação esta que também estabelecemos quando chamamos *videntes* aos profetas, àqueles que recebem e proferem a palavra divina, sem indagarmos por quê ouviriam vendo, nem por quê mensagens e prodígios sagrados tendem a procurar nossos olhos. Quando pretendemos designar aquele que conhece o futuro, ou ainda o que tem sonhos impossíveis ou sem-lugar, imediatamente nos utilizamos da palavra *visionário*, pretendendo distinguir aquele que vê mais ou além de nós. E também nos parece muito natural que os tempos passados possam ser *vistos*, como quando aconselhamos alguém a *olhar* ou *não olhar para trás*; não só estendemos ao tempo o poder da visão, como afirmamos naturalmente e sem notar a possibilidade de *ver* o invisível. E mais, que o visível está povoado de invisíveis a ver e que, vidente, é aquele que enxerga no visível sinais invisíveis aos nossos olhos profanos. É estranho nosso realismo.¹

É estranho porque cremos que a visão se faz em nós vinda de fora. É estranho porque não atentamos na visão simultânea que se faz de nós para fora. Porque, em geral, acreditamos, sem incômodo, que a visão se inicia em nós. A Imagem que desejo com esse trabalho é uma Imagem que pretenda um sair de si e trazer o mundo para dentro de si. Uma visão que exponha nosso interior ao exterior. Essa visão que os outros recebem

¹ Desenvolvo esse esforço de reflexão me guiando na excelência textual de Marilena Chauí, 'Janela da alma, espelho do mundo.', parte da coletânea de textos *O Olhar*, editado pela Cia. Das Letras em 2002.

projetada por nós e que constitui, também, nosso modo de ser e estar no mundo. Nesse ponto, o cinema explicita, aos olhos de quem o queira ver, a visão visionária de, logo que absorva a visão do mundo, projetá-la aos olhos para ser novamente, silenciosamente, apre(e)ndida por nós. Poderosos olhos a despir, devorar e compor o mundo.

Para compor o material deste trabalho me concentrei principalmente na imagética poética de Nezâmi² e Sohravardī³, sem, todavia, desviar a visão das obras de Farid ud-Din Attar, Ibn' Arabi e Jalal ud-Din Rumi, tendo em mente que o correr da leitura desses textos ampliariam as Imagens daqueles sobre os quais me debrucei com maior atenção e desejo. De qualquer forma, as Imagens desses Homens de sabedoria de fato se cruzam a todo instante, enquanto revelam sentidos os escondendo, por palavras que se modificam a cada vez que tornamos a lê-las, e imagens que nos prendem o olhar e se revelam totalmente outras quando nossos olhos tornam a elas.

O que me parece importante dizer nesse momento é que todas elas possuem em mim uma textura de presença, mas de uma presença ausente. Essa ausência que noto, você também a notaria comigo, é a mesma que me une a você, que me lê, e que carrega com essa minha presença o espaço e o vento que separa seus olhos dessas páginas. É o desejo de encontrar a ausência o que busco nelas.

Eu bem que poderia dizer que esse trabalho se inicia por uma proposta. Mas me tranco num lugar mais tranquilo. À mim, me é mais fácil começar esse trabalho por um convite, alimentando a lenha do fogo, querendo dele a forma única da inconstante forma, gritar o que não tem nome, aceitar de ti o convite que me foi feito também pelos poetas que chamo de meus, feito a eles pelos ventos silenciosos do avesso, soprados pelo Enviado do Ser. O Ser é o único Ser.

² Nascido no ano de 1138, na cidade de Gandja.

³ Shihâboddîn Yahyâ nasceu ao noroeste do atual Irã no ano 549 da Hégira Mohammediana, 1155 de nossa era cristã. Estudou em Maraghah, viajando depois para Ispahân, cidade na qual tomou contato com a tradição aviceniana e principiou a escrita de seus primeiros trabalhos. A partir daí começou uma vida intinerante que o levou a Alepo, na Síria, onde manifestou abertamente suas discrepâncias com os *foqahâ*, os doutores da lei, que o denunciaram perante Salâhoddîn, o famoso Saladino das Cruzadas; este, desdenhando a oposição de seu filho, Malik Zâhir, unido a Sohravardī por uma profunda amizade, o encarcerou na cidade de Alepo, onde morreu em circunstâncias não muito claras em 587/1191, com a idade de trinta e seis anos.

As palavras que escrevo atendem a um convite que você me fez e faz, a cada nova palavra que lê e me permite fremir seus silêncios. O que desejo com esse trabalho é simplesmente que você também leia e caminhe comigo por essas palavras imagens, olhando o mundo se compor sem decifração, alheio à certeza. Olhemos e imaginemos, criemos. Imaginar é exercer liberdade íntima, partilhar do sagrado. Creio que olhar as Imagens dos poetas do passado com intensidade despreocupada seja como atentar ao antigo ditado: ‘Tinha dois olhos e pediu mais dois emprestado.’

O MUNDO DE IMAGENS AUTÔNOMAS

Quando a maioria de nós afirma sua crença na figura de um Deus, em Jesus Cristo, ou quando se afirma que *não há outro Deus além de Alá, e Mohâmmed foi o selo dos Profetas*, muitos significados diferentes podem estar aí envolvidos. Mas de qualquer forma, a crença em algo atemporal e além dos limites do espaço, em uma forma de presença que não se mostra de todo, mas que sempre existiu, existe e existirá, ou pelo menos enquanto nosso corpo for animado com a vida, é, em geral, o que chamamos de fé. A fé não deixa de ser, para os que a alimentam, uma forma de experiência e de conhecimento, e tal conhecimento não necessariamente leva em questão a reflexão acadêmica sobre a esfera das experiências religiosas. Mas, se afirmo que fé é conhecimento, tal afirmação deixa transparecer que me refiro a um *saber* que não se opõe à *crença*, sendo o contrário também verdadeiro.

Henry Corbin, o grande estudioso do Islã, sobretudo do çufi, jamais cessou de chamar atenção ao fosso ocidental entre a percepção dos sentidos, com seus dados empíricos, e as instituições ou categorias do intelecto.⁴ A *imaginação poética*, na forma como a desenvolvemos na

⁴ ...*não resta esperança de recuperar a realidade sui generis de um mundo supra-sensível, que não é nem o mundo empírico dos sentidos, nem o mundo abstrato do intelecto. Além disso, já há tempo nos tem parecido radicalmente impossível redescobrir a realidade de fato – diríamos a realidade no ato – própria daquele ‘Mundo Angélico’, uma realidade prescrita em Ser ela mesma, não de alguma forma um mito dependente de infra-estruturas políticas ou socioeconômicas. É impossível penetrarmos no mundo real, no universo da angeologia*

tradição ocidental pós-renascentista, atua nesse fosso, tanto que a maioria de nós entende as potências da imaginação apenas como ficções e mitos. Do ponto de vista de Corbin, seguindo os sábios, o sentido literal ou pragmático que evocamos das coisas é, ele próprio, uma forma de ausência de visão. O que, de meu ponto de vista, me parece muito verdadeiro. Entre o mundo sensório e o intelectual os sábios sempre sentiram um reino intermediário, *intermundo*, ao que chamaram *mundo de Imagens autônomas*.

É bastante comum entre nós a crença na busca por um eu autêntico, original, mas de um original que se aproxima mais de nosso vício contemporâneo do subjetivismo, e que nos afasta do significado do termo de *busca pelas origens*. Nossa incansável busca pelo literalismo nós a expressamos no constante desejo de saber como aquela pessoa, ou nós, somos 'de verdade'.

É verdade que os sábios çufis buscam a Deus e a si mesmos. Mas num ato de busca que é também um re-conhecimento de um eu mais profundo que é parte de uma plenitude que é Deus, um Deus mais humano que qualquer um cultuado por nós. A sabedoria persa concede-nos um Deus a conhecer e nosso eu, quando nosso eu se deixa conhecer por Deus. De minha parte, penso um Deus como uma nossa imagem ausente, imagem da ausência, imagem ausente. Quando o Amado é ausente, o Amado é Deus.

As Visagens Çufis podem ser vistas como imagens espiraladas, o Caminho em Espiral, percorrido pelos viajantes na companhia do Amado. As Viagens não só percorrem a espiral como são a espiral. À diferença do círculo, em seu retorno sobre si, a espiral retorna noutra tempo, além do tempo, como um estar aqui estando noutra Lugar.

A seu modo, o Viajante se conduz pela *haqiqah*, palavra espelhada, sem início nem fim, que literalmente significaria Realidade, ou Verdade. Ser. *Haqiqah* espirala um estar aqui e noutra tempo lugar, em perpétua flutuação pelos ciclos e períodos do mundo, no mundo. O Viajante, em

existência corpórea, positiva, não está, por ação da espiral, submetido ao antes e ao devir. O Viajante é o antes e o devir.

O que é espantosamente belo é que, a forma como naturalizamos nosso estender tridimensional do tempo, numa linha reta que vai do passado ao futuro, sequer entende o que seria um tempo espiralado na imensidão do agora, mas na tranqüilidade, na ausência, que constitui a transmutação ou transfiguração, vemos o presente se perfazer na imagem mais perfeita da eternidade.

Posso traduzir *haqiqah*, nessas linhas, para uma equivalente clara em nosso idioma: Realidade, Verdade. Mas como traduzir essas palavras do português da palavra para a Realidade que ela traz? Talvez eu pudesse criar uma forma humana para isso, buscar lindas palavras, pintar uma tela e fixar uma moldura, inventar um sonho, contá-lo, aspergir um perfume, cores, preparar um prato e dar sabor a sua boca. Mas como dar a você, ou a uma parte sua, a Realidade das coisas, as serras e os mares, as visões de um sonho, verdadeiro ou falso? se mesmo o sonhador, desperto para a Realidade, ao retornar de suas visões deixa o mundo-sonho de suas imagens autônomas e veste o mundo que sua lucidez cria para aparelhar-se numa imagem de mundo real. Acontece que os sonhos não param quando acordamos o lúcido, e o que faz o sonhador, quando desperto, é segurar as imagens que esse mundo pede para se fazer Real. Com palavras imagens que simulam o mundo.

A Realidade resiste aos limites da enunciação. Os homens çufis que enunciei desenvolvem sua poesia nesse entremeio sutil da palavra com o corpo. Embora a realidade cronológica e tridimensional do tempo e do espaço seja de uma assimilação mais comum para nossa realidade cultural – pois que compõem a raiz de nossa política dominante, que por natureza própria deseja traçar os limites exatos entre sonho e real – não seria absurdo ler nas imagens poéticas deste trabalho o encontro desses mundos realidades: um materialmente histórico, lúcido, outro interior, impermanentemente poético. Do ajuntamento dos dois temos nós, o deserto.

O deserto é a revelação, austera e efêmera, corporal. Suas formas são nítidas e voláteis, acediam os olhos com sua luz, Lua e Sol, e espaço

circulante, temperatura e vento. Os céus do deserto são abarcantes, majestosos, terríveis, refletem, às vezes, as imagens da terra e os desejos do viajante. Ao deserto tornamos no cerrar dos olhos, a ele vão os profetas e eremitas, peregrinos e exilados. Ao deserto dos olhos vamos nós, não para fugir da Realidade, mas para encontrá-la.

Quando digo revelação, falo mais do Ato do Tempo que dos possíveis desdobramentos da coisa revelada. Como não notá-la?, anos a fio procurando respostas que não chegam, revirando as covas dos mais velhos, consultando seus textos em segredo, a sós, abrindo gavetas empoeiradas de suas memórias, suas imagens, e depois de tudo continuar sabendo que não se sabe nada. Até o momento do deserto, o bem além dos textos e do tempo. Nesse átimo pelo qual a resposta simplesmente é. Um solavanco na alma, um rasgo, o sentimento impotente de haver tido respostas sempre diante dos olhos sem poder vê-las, e no momento ela simplesmente é. À nossa frente. E o que então temos nas mãos é como um pouco de poeira das estrelas, um fragmento do arco-íris.

É nesse espaço que desejo estender a você, que me lê, as imagens do que quero dizer. Nas vistas invisíveis de seus olhos cerrados, no anterior dos olhos, que é espaço escuro e de memória.⁵ Porque o que a poesia e suas imagens dizem é o que se diz de corpo a corpo, e o corpo dessas páginas, minhas e suas, é o avesso desse nosso deserto. Feche os olhos e ouça.

Os desertos são as moradas do Amado.

Amado, Enviado de Deus, o Companheiro, Anjo das Asas Tingidas com Púrpura. Ele vem aos Viajantes do deserto, embriaga a noite com seus perfumes de almíscar e temperos quentes. Emanam cantos, olha, beija em saudação o rabo do asno que carrega o Viajante, com cara de chamas confusas, deformadas.⁶

⁵ Penso uma poesia que, mesmo em seu caráter original de incompletude, seja criada para alcançar uma unidade. Quando minha imaginação se mistura com ela, a poesia torna-se minha. Mesmo quando a poesia se permite o contar de uma história, ela nunca o faz de pronto e imediato. O que ela oferece são imagens. Representando-as em minha memória, apoderando-me dela, despindo-a, tragando-a, posso elevar-me a seu mistério.

⁶ Meus Lugares desérticos não tem anjos porque não penso neles. Nem no Amado. Jalal ud-Din Rumi (a Lua da Revelação) amou ama Shams ud-din de Tabriz (o Sol da Religião), esse homem o mostrou o mundo e o mundo atrás do mundo. Rumi foi grande inspirador da tradição çufi – palavra que ventila a boca quando falamos – dos dervixes dançantes. Fundou a Ordem dos Mevlevi na província de Balkh, Pérsia do século XIII, hoje Afeganistão.

O deserto interior é imaginado pela língua persa na palavra *taçawwuf*. Do radical *çafa* (pureza, simplicidade), contido em *taçawwuf*, estendeu-se a palavra *çufi*, de onde o ocidente forjou *sufismo*. Se for necessário encontrar no português um termo similar à *çufi* ele será isso, simplicidade. Simplesmente seja.⁷

Leiamos o que diz Sohrawardi em seu *Livro de teosofia oriental*:

As realidades supra-sensórias encontradas pelos profetas, os iniciados e outros aparecem-lhes às vezes em forma de linhas de escrita, às vezes no ouvir uma voz que pode ser delicada e doce, e também aterrorizante. Às vezes eles vêem formas humanas de extrema beleza, que lhes falam com as mais lindas palavras e conversam com eles sobre o mundo invisível; outras vezes essas formas lhes aparecem como delicadas figuras que vêm da mais refinada arte dos pintores. De vez em quando são mostradas como numa moldura; outras vezes as formas e figuras aparecem suspensas. Tudo que se percebe em sonho – montanhas, oceanos e continentes, vozes extraordinárias, personagens humanas – tudo isso são tantas outras figuras e formas auto-subsistentes e que não precisam de substrato. O mesmo se aplica aos perfumes, cores e sabores. Como pode o cérebro, ou uma de suas cavidades, conter as montanhas e oceanos vistos num sonho, independente de como concebamos ou expliquemos essa capacidade? Assim como o sonhador, ou o homem de imaginação e o contemplativo, entre o estado de vigília e o sono, retornando de sua visão, deixa o mundo de Imagens autônomas sem ter de fazer qualquer movimento nem ter o sentimento de distância material em relação a ele, também assim aquele que morre para este mundo encontra a visão do mundo de Luz sem ter de fazer qualquer movimento, porque ele próprio está no mundo de Luz...

Compôs o conhecido giro *çufi* girando sobre si mesmo e sobre um centro imaginário, desértico, para invocar a presença de Shams de Tabriz após sua última partida. Disseram que partiu para a Síria. O giro, como palavras e imagens, aclara a presença do Amado, entrega a Ele o corpo, até que possa se mostrar em secreto. Penso mais um Amado assim, amado de corpo concreto.

⁷ Caberia melhor um dizer, sussurrar, do que definir etimologicamente um sentimento, uma imagem, uma palavra. Não é possível, sem alguma carga de delimitação, nomear alguma coisa, e só é delimitável aquilo que possui forma específica, quanto mais aplicá-la a contextos determinados e delimitá-la no tempo. Agora, se meu propósito se volta a refletir sobre formas sutis, me é impossível prendê-las a pontos de vista puramente teóricos. Quando fechamos os olhos não vemos o que os poetas viram, mas coabitamos essa forma da presença deles em nós, se quero traduzir *çufi*, quero que seja assim. Simplicidade e unidade poética.

As duas expressões que mais me sobressaem às vistas são o *mundo de Imagens autônomas*, a Hurqalya, e o *mundo de Luz*, o Norte cósmico. O que há nesse trecho espantosamente poderoso de Sohrevardî que mais me toca é sua incidência sobre a ausência de movimento, a tranqüilidade. É o momento pelo qual o sábio, sonhando acordado, se retira da Hurqualia, ou o pleno iluminado místico percebendo a Luz em que ele próprio já habita.⁸

Essas Imagens, podemos notar, são ao mesmo tempo artísticas e visionárias, porque a Hurqalya participa desses dois modos de apreensão. Nas palavras de Ibn' Arabî, ela não é o lugar onde a alma se funde com Deus, mas antes onde a alma se vê como a veria um anjo, sozinha em si e consigo, inteiramente em paz. A Hurqalya, sendo um mundo intermediário, é um Lugar de passagem, para visionários que sobem e anjos que descem. Porém, Corbin adverte sobre ela que suas Imagens são anteriores às criações poéticas. Retomam sim ao maravilhoso recital de Ibn' Arabî que nos deu uma *Terra da Verdadeira Realidade*, cujo emblema é a palmeira, irmã de Adão. O que se passa na Hurqalya vai além do sentimento imediatamente prático ou empírico da realidade, e, no entanto, é ainda individualizado como puramente pessoal. Num ápice de lucidez, Corbin diz numa frase bem mais do que eu diria com todas essas palavras:

Hurqalya é a Terra da alma, porque é a visão da alma.

Não vejo o Amado porque não chamo por ele. Não quero. Mas não posso me impedir o sentimento de amplidão. Amplidão que é causa de e é o vazio. O deserto. A escolha é minha. Se aceitei seu convite, este, aquele do Enviado que é Você, você que me lê e imagina em segredo, sem asas tingidas de púrpura, só posso dizer que o Amado, que é você e eu mesmo, foi quem aparelhou os Caminhos diante de mim e avisou as pedras, os Lugares, que eu ia chegar, acompanhado de ti, para que acolhessem minha incompreensão.

⁸ Segundo Corbin, a figura da Hurqalya aponta para uma direção: para a Luz do Norte como limiar do além, para as moradas do alto Norte que são as moradas interiores a secretar sua Luz própria.

Nossa Viagem, meu Amado, mostra Farid ud-Din Attar, Ibn' Arabi, Sihâboddin Yahyâ Sohravardî, Nezamî e Jalal ud-Din Rumi, Eu e Você, numa só pessoa, numa ausência.

Mas é a mim que cabe impedir-me de dar nome a Ele e a Você. O nome é um acréscimo, impede o contato. O nome é um intervalo.

Mas antes de terminar esse capítulo, preciso ainda me deter sobre a entrada humana no mundo da Hurqalya. Esse Eu que adentra é simplesmente a alma que vê, não como quem vê um fato externo a si, mas como o verdadeiro meio em que se dá o fato.

E, no entanto, como podemos perceber das escritas de Sohravardi, tem de haver também o guia, o Amado, que seja distinto do Eu no *intermundo*, embora não tão inteiramente distinto em sutilezas mais completas. Hermeticamente, o guia é o próprio Viajante num momento posterior ao conhecimento. Tal observação nos permite verificar que o guia, esse poder latente, não pode recorrer num guia coletivo, numa manifestação coletivamente idêntica para cada alma de Luz. Se falo, imitando os sábios, que os reinos sutis estão ligados a uma individualidade espiritual, a Visão torna-se inconcebível, pelo menos desse ponto de vista, numa absorção totalizante. O Enviado de Deus é o próprio Deus relacionado com a existência individual. O que o Amado é para as almas de Luz, Deus o é como um todo. Mas é na imensidão sutil de cada alma que se dá, individualmente, a relação que constitui a iluminação extática. O que Deus é para as almas como um todo, o guia o é para cada alma. *Estar em si* é se vestir pelo Amado, não *com*, mas *como* Luz.

Deus é nossa imagem ausente, imagem da ausência, imagem ausente. Quando o Amado é ausente, o Amado é Deus.



Sîmorgh é o nome do pássaro. A figura do pássaro *Sîmorgh*, nome feminino, desempenha um importante papel na poética *çufi* iraniana. Sua intervenção nos textos refere à invocação do Espírito nas narrativas das Viagens *çufi*. O nome desse misterioso pássaro figura no *Avesta* de Zoroastro na forma de *Saena meregha*, que conduz à forma persa do *Sîmorgh*.

Da mesma maneira como posso eu dizer que existem tantas estradas, e memórias, quanto viajantes, digo que não há apenas uma *Sîmorgh*, senão muitas. A própria concepção *çufi*, permite enxergar em cada um, um universo total e particular, um deus microcósmico, um deserto de memórias. Sob esse aspecto múltiplo, *Sîmorgh* corresponde à Natureza Perfeita das coisas, e pode, se você permitir, se confundir, de forma diferente mas confusa, com o pássaro sagrado que da forma à chegada do Espírito Santo. Sempre que esses mesmos homens santos retornam ao deserto.

A *Sîmorgh* é uma relação espiralada, tangente, dos dois mundos – o mundo dos sonhos, imaginal e de formas esparsas, e o mundo da matéria permanente – que se encontram nela, feita pássaro⁹. Encontrei nela a maneira mais clara de figurar minha concepção desértica. O Amado de Sohravardî o aconselha a olha-la através de um espelho, ou qualquer coisa que o sirva como tal. Este cai em deslumbre, com uma pulsação na cabeça, como quem se sente Revelado pelo raios reflexos da *Sîmorgh*, do próprio Sohravardî.

Durante o dia, na abundância da Luz, a *Sîmorgh* descansa em seu ninho, a montanha de *Qáf*, as Serras Puiúnas. Essas montanhas personificam nosso campo corporal, tudo o que vemos num raio de visão, num giro, são nossas bordas e as bordas do ninho do pássaro. Tudo o que vemos nesse giro nos devolve a nós mesmos, refletidos no espelho, no deserto.

À noite, quando as sombras se confundem melhor com nossas imagens de memória, a *Sîmorgh* se levanta e nos dá o alimento do sonho, que é um devolver-se a si mesmo, de forma latente e direta. Nesse espelho o que se vê é uma imagem total de si, como é natural que, em sonho, sejamos nós mesmos tudo o que há nele, *estradas, cascatas, moringas*.

Poderíamos ainda tentar um outro sentido: a *Sîmorgh* como forma do Homem Perfeito que o Viajante *çufi* vê quando adentra ao Paraíso.

⁹ Voltarei a essa forma espiralada da visão quando for tratar das imagens fotográficas e do cinema. Por hora me é necessário apenas dizer que ela seria como se vissemos, ao mesmo tempo, duas imagens sobrepostas, como camadas em transparência do mundo material, e do mundo da memória, sem saber ao certo qual é uma e qual é outra.



Shihâboddin Yahyâ Sohravardî figurou seu Caminho na penumbra de um homem velho e inteiramente branco, que algumas vezes, conforme o ângulo refletido da luz da Lua, deixa revelar suas asas, tingidas com púrpura. O velho o mostra a si mesmo. Para isso, mostra-lhe o mundo, o influxo criador dos números, as virtudes cabalísticas das palavras, a beleza da noite na vida dos sonhos, as causas místicas da alternância do dia e da noite, as transformações e permanências das substâncias, os metais sendo cosidos no seio da terra, o tempo que não é tempo. A Viagem Estática.

Cada uma dessas coisas é revelada pela imagem de seus filhos, que falam com o Viajante pela boca do velho, Amado. Nesse *intermundo*, localizado no mais alto ponto do Tempo e no mais baixo grau de Eternidade, o Amado mostra desertos. Como as imagens da poesia e da imagem, o Viajante vive suas contradições, a Realidade vive de contradições, porque como ela, as imagens e poesias, o deserto é um mundo de imagens, onde a alma corpo se vê como a veria um Anjo, sozinha e consigo.¹⁰

E você pode perguntar porque minhas próprias palavras ainda resistem, ou o que tem você com as histórias de um garoto. Volto ao deserto, onde o garoto Sohravardi canta versos que fazem ver o que a palavra não mostra. Imagens intoxicadas, libertinas, loucas, embriagadas no oceano da Unidade, instruídas nos mistérios, santuário do que não têm Lugar no Mundo, imagens que são o Mundo. Os escritos de Sohravardi são uma cadência poética que possibilita a unidade matéria-sonho. Incorpora lendas corânicas, *hadits* do profeta Mohâmmad, tratados teológicos, a vida de homens santos e quanto mais for preciso para clarificar uma intensão, visão ou sentido.

Nesses termos, emprego ainda uma segunda inversão. A de não conseguir caracteriza-lo com a mesma precisão que as formas da Analogia me serviriam para exercer um suporte simbólico à Linguagem. É da natureza do procedimento analógico criar símbolos a partir de fatos para logo sistematizar algo a partir dos símbolos como se fossem fatos. Nessas

¹⁰ *Hurqalya* seria um termo *çufi* a designar o mundo da terra celestial, um Lugar de passagem, um mundo intermediário, e o que se passa nela vai além da visão prática e corrente, e no entanto é ainda individualizado como visão puramente pessoal, ao contrário do mundo Angélico, onde fica a memória.

palavras lugares de Sohravardi, o símbolo está completamente descaracterizado, pela própria natureza poética de sua palavra, de forma que qualquer analogia seria completamente incompleta, já que o Símbolo analógico deveria se propor de acordo com as qualidades às quais é referente, pretendendo uma identificação. Feche os olhos.

Trabalhar com a evidência da visão poética tem que nos deixar preparados para a surpresa. Mesmo que as evidências que a visão sugere nos assentem por cima. Olha só pelo que lutei e luto com essas páginas: exatamente o que eu já tinha antes. Mas me lembro, de outras páginas, que o entendimento só acontece quando não estamos mais diante da Revelação. A Revelação é um buraco entre o número um e o número dois.

Me lembro sim, de um Anjo sem asas.

Me lembro sim, foram muitos. Mas os avessos do deserto não enluararam suas asas. Mesmo assim, essa Luz pálida os projetou em minhas retinas e os imprimiu, pelo avesso dos Lugares, na tela desértica da memória.

Amado, você, o Anjo, José da Costa, Adélia, Meninas e outras Meninas, que são o mesmo Você e Eu, são também o anjo, Raduan Nassar. Penso que meu texto guarda um grande carinho por ele. Projetor dos anjos memória em minha Tela de anjos sem nome.

Raduan Nassar conduz meu texto pelo intramundo do Deserto. Impressiona a luz lunar da Viagem, estática, e alonga o meu, o seu, àquele este convite. Agora irei falar sobre meus Lugares da Memória.¹¹

¹¹ A temática da Viagem çufi será retomada por um inúmero de poetas e visionários islâmicos. A forma que mais nos interessa no percurso deste trabalho é aquela apresentada por Sohravardî e Nezamî, e a desenvolveremos de forma mais atenciosa no capítulo seguinte. O que convém dizer nessa nota é o elemento comum que pude notar na poética dos dois.

Não reconheço que os céus, templos celestes, os paraísos percorridos pelos sábios sejam metáforas, nem teorias ilustradas. O que posso dizer, a partir de meus estudos sobre o Olhar e a Visão na imagética islâmica do século XII, é que as formas experimentadas por meus poetas, eles realmente as viveram, ainda que noutra plano de consciência. Elas os marcaram e levaram à esfera espiritual, concêntrica ao plano que entendemos como terrestre.

É claro que tal divisão se desenvolve numa forma mais didática à nossa compreensão, pois quando falo em esferas concêntricas de planos terrestres e celestes, falo num estar aqui, terrestre e ao mesmo tempo iluminado, nos céus. O que interessa de fato é perceber que essa divisão é puramente imaginária e conceitual, diante da infinitude das formas poéticas, iniciáticas, de conceber e atuar na natureza.

Memória que é esparsa e una na Imagem memorada. Quando, num dia qualquer, chegarmos os dois, você e eu, a nos conhecermos, você poderá ler em mim uma infinidade de palavras que são meu Eu ao mesmo tempo Seu, unificados em minha figura. A História, à maneira da Memória, nos amplia ao infinito, permite absorver e aspergir lembranças dos/aos Lugares por onde andamos e, contrária ao ato de nos desvendar, nos envolve em mistério. Querendo entrever a multiplicidade, o intervalo, a infinitude carregada num homem, que já não é um, senão muitos, iniciamos e terminemos essa parte com a leitura da *Linguagem dos Pássaros* de Farid ud-Din Attar:

(...)Para que Adão fosse iluminado pela luz celestial, milhares de anjos vestidos de verde foram consumidos pela dor. Para que Noé fosse o carpinteiro de Deus e construísse a arca, milhares de criaturas foram privadas da vida. Por Abraão, milhares de mosquitos caíram sobre o exército de Nemrod para que esse rei fosse vencido; milhares de crianças tiveram a cabeça cortada para que Moisés visse Deus; milhares de pessoas tomaram o cinturão dos cristãos para que Cristo fosse o mahram dos segredos de Deus. Milhares de almas e de corações foram submetidos à pilhagem para que Mohâmmed subisse uma noite ao Céu. Aqui não é o novo nem o antigo o que tem valor; e tu podes agir ou não.

Valha-me mais o querer dizer que o tê-lo dito.

Meus poetas dão Imagens ao encontro com seus íntimos. A Viagem que realizam rumo ao 'Oriente Místico'. Aliás, essa é outra característica da Viagem Iniciatória: a Viagem, mesmo que para nós mantenha, didaticamente, a orientação qualitativa e hierárquica de etapas de purificação na vertical, da terra rumo aos céus, nos escritos de Sohravardî e Nezamî ela se dá na horizontal, de um Ocidente sombrio dominado por formas bestiais, natureza hostil, até o Oriente paradisíaco. Sendo que as orientações geográficas alcançam apenas um patamar imaginário, já que ocorrem corporalmente, aqui, no Agora e mesmo Lugar do corpo. Por isso imagino, nesse trabalho, uma Viagem Extática, do mais interno êxtase, e também Estática. Viagem Ex(s)tática.

SEGUNDO VALE:
LUGARES DA MEMÓRIA



*O tempo, o tempo, o tempo e suas águas inflamáveis.
E se acaso distraído eu perguntasse 'para onde estamos indo'?*
(Nassar)¹²

¹² Faz vinte e dois anos que o paulista descendente de libaneses Raduan Nassar anunciou publicamente sua desistência completa da carreira de escritor. Até então havia publicado o romance *Lavoura Arcaica* (1975) e a novela *Um copo de cólera* (1978), além de um número reduzido de contos, reunidos posteriormente sob o título do mais extenso, *Menina a caminho*. De lá pra cá se dedica unicamente à vida de fazendeiro no interior de São Paulo.

De sua desistência a única coisa que diz é uma citação de Otto Rank: *Desisti de escrever porque há um excesso de verdade no mundo.*

Há algo que eu gostaria de dizer. Umhas pensaduras poucas sobre a forma como a Palavra me toca. Daqui, desse íntimo, escrevo como quem escreve e não vai ler depois. E você, que me poussa os olhos, poderá esquecer também. Vou dizer. Os santos homens do deserto bem souberam sabem que a única maneira de esconjurar um demônio é chamar-lhe o Nome.

De nossos sentidos, somente a audição, que referimos à linguagem, rivaliza com a visão. Os demais, quando presentes, na maior parte das vezes servem apenas como metáforas para a visão. Talvez isso aconteça, a suspeita é minha, porque cremos que o olhar usurpe os outros sentimentos. O olhar apalpa as coisas, viaja e poussa sobre elas, o olhar dá o que só se tem à distância, sem precisarmos nos apropriar do que é visto. No não se apropriar reside um mistério, no detalhe, o mistério se faz por detalhes. Evocada desde a primeira Imagem desse trabalho, a possibilidade material da operação visual é que sobressalta o corpo. É o que me sobressalta quando olho com o corpo, quando alcanço, de meu Lugar seguro detrás dessas páginas, a amplidão da Imagem olhada, do universo sonhado, sem pretender do olhar a finitude do corpo. É na saída de mim, na volta a mim, me sentindo, também pelos olhos e não apenas, que enxergo a matéria em transmutação pela força revelada da Imagem.

É na arte, com e sem reverências, que tenho o abraçar da beleza ao corpo, no intramundo e além. É pelas janelas do corpo, por onde a alma frui a beleza do mundo, onde a alma carna, me sinto volir em querências. Nessa necessidade de me alimentar do Agora. Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de sorver as imagens do universo? A arte e a beleza são em minh'alma um espelho que se veste com a cor do que olha e se enche de tudo quanto há.

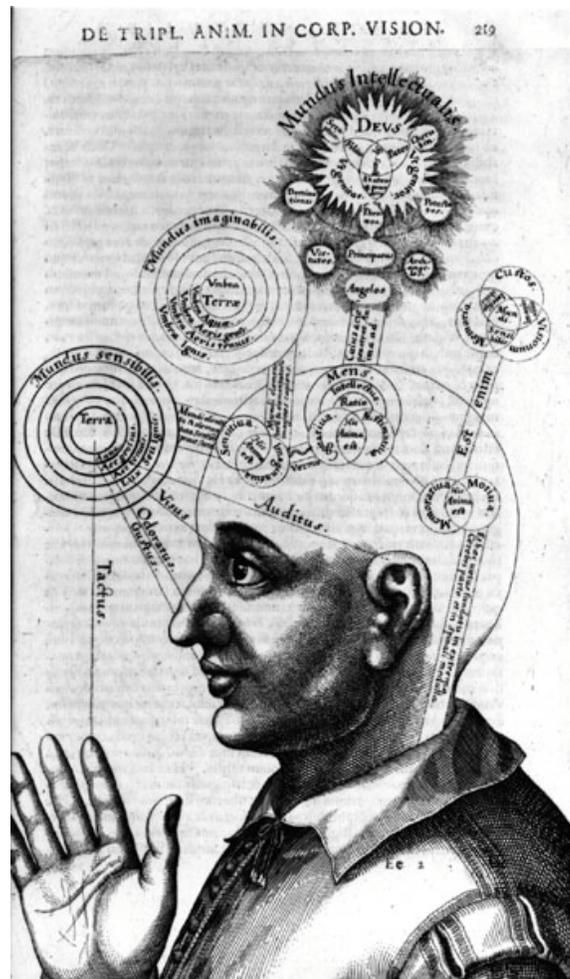
Quando algo nos acontece – e tudo o que acontece é um inesperado acontecer, mesmo que a certeza diga o que pode ou não ser o provável, no momento me que acontece, o acontecido toma poder de fato a tudo aquilo quanto, de diferente da certeza, pode poderia acontecer – uma profunda mutação se passa no caminho Lugar iniciado pela experiência de ver, ouvir,

cheirar, transpirar... até nossa resposta mente-racional, até o *pensamento* do sentir, quando passamos ao juízo.

E no fim das contas me pergunto: o que é ver?, e mesmo que encontra a resposta, outra vez perguntaria: o que vejo?, e mais: vendo, que sei eu da visão que tenho?, é minha visão uma idéia?, ver é tomar conhecimento?, é ter conhecimento? ter conhecimento é entender? Esse laço da visão com o conhecimento, da naturalização de um olhar inteligível, nos separa em entendimento de formas *exteriores* e *interiores*, e literaliza a visão como busca pela *forma própria* das coisas. Esse laço criou a crença de que o ato de ver fabrica um *substituto* do visto, e não um tê-lo presente por dentro. A idéia de *representação real* pretenderá a imagem vista como algo que se reflete no espelho, não como o próprio espelho. A partir de então, ver se torna algo representativo e passível de ser semelhante, verossímil, provável e sujeito ao domínio.

Nossa gama de sentidos é de uma amplidão inesperada. Se o olhar toma conta de todos os outros, do conhecimento sensível, menos espantosa é a relação que fazemos entre a visão, dominante, e o conhecimento intelectual. Desde a interpretação dos neoplatônicos herméticos e cabalistas da Renascença que a Luz é o princípio primordial, o mundo é obra da Luz, e a verdade, a proximidade de um Deus supremo, arquiteto. Enquanto que ao homem resta um olho receptivo a contemplar sua Obra. Nossa crença na imaterialidade da visão pura prepara os olhos para a transferência imediata ao intelecto, ao verossímil. Não espanta que homens de gênio de nossa cultura ocidental, como Giordano Bruno e Leonardo da Vinci, tenham categoricamente afirmado da visão que ela fosse *o mais espiritual dos sentidos*, como se esta, ilusionista, pudesse absorver todos os outros.

Interessa-nos aqui refletir um pouco sobre a forma como conferimos à visão o poder de ápice sobre a totalidade do sentir. Sobre como e por quê se dá a passagem do visto ao saber intelectual. Tenhamos em mente a imagem de Robert Fludd sobre o funcionamento cerebral da Memória:



Sobre a fronte flutua o diagrama circular do universo tal como é perceptível pelos sentidos. Está subdividido em cinco círculos elementares relacionados com os cinco sentidos do homem, em que a terra corresponde ao tato, a água ao paladar, o ar ao olfato, o éter ao ouvido, e o fogo à vista. Este *mundo sensitivo* é *imaginado* na primeira cavidade cerebral, pelo poder transmutador da alma, num duplo sombrio, e em seguida transcendido, na cavidade seguinte, a da capacidade de juízo ou de conhecimento: graças à sutileza do espírito, a alma penetra o *mundo divino do intelecto*. A ultima cavidade é o centro da memória e do movimento.

Robert Fludd *Utriusque cosmi historia...*¹³

¹³ Robert Fludd *Utriusque cosmi historia...*, Oppenheim 1617.
<http://expositions.bnf.fr/ciel/grand/sq11-07.htm>

Na busca por desvendar o enigma do olhar, os pensadores da Renascença fendem o que nossos sábios e poetas iranianos mantêm unidos: a simultânea passividade e atividade do olhar. Da re-nascença dessa busca por diante, a visão tem dependido ou das coisas que são causas ativas do ver, ou de nossos olhos, que fazem as coisas serem vistas. Os olhos são então simulacros que capturam e aprisionam todo o espaço, dele mantendo a forma e a figura por um breve tempo. À semelhança de fantasmas que alcançam os olhos e são por eles capturados.

Definimos o processo de apreensão sensitiva do mundo pelo prisma intelectual, aceitando que este capta do corpo sinais reais de um mundo externo que se incide sobre nós de forma mais verdadeira através nos olhos. Explorando as faculdades desta visão, pensamos e caracterizamos o mundo e o dividimos em conceitos inteligíveis e abstrações assimiláveis. Fazemos isso comumente e sem nos darmos conta, e não nos surpreende a rapidez como transformamos o olhar numa idéia e, como tal, num postulado conceitual e categórico.

Esse olhar, cuja função aproximamos do ofício de Adão: conhecer e dar nome a todas as coisas, se fez medida e juízo de tudo quanto há e estende o antigo princípio hermético que diz que *No princípio Deus Geometrizou*, numa fórmula Moderna de concepção do mundo pelos olhos, olhos do olho-intelecto.

Daí nosso costume de não nos demorarmos na observação daquilo que vemos, ou da verdade científica necessitar o testemunho experimental e classificatório da visão para ganhar procedência. É também muito comum que aceitemos da imagem o poder de criar conhecimento, como se este emanasse dela, como se também, e principalmente, não fôssemos nós os responsáveis por criá-lo, a partir delas. É que mais uma vez cremos que a visão só se faz de *fora para dentro*.

Essa nossa forma de *cultura visual* intelectual nos cerca nas imagens do cinema e da televisão, nos textos e em movimentos de leitura, como feixes de expressão de um pensamento politicamente organizado de forma a se mostrar como idéias claras e inequívocas. Não nos toca o fato do inequívoco ser vazio e inconsistente, não nos atenta a ausência de

movimento que existe na certeza, em sua capacidade de neutralizar qualquer discussão na qual a dúvida possa se insinuar. Nossa forma política não suporta as sombras e, à moda das Igrejas, reproduz o Olho puro, onipresente e vigilante de Deus, naturalizando discursos e pontos de vista e nos fazendo imperceptivelmente reproduzir em nossa individualidade conceitos universais e objetivos.

Acrescentemos agora esse meu palavrório à *Utriusque cosmi* de Robert Fludd num duplo movimento: o real que é apreendido pelos mecanismos do sentir se reproduz nas cavidades internas em conformidade com suas categorias de organização classificatória, de forma semelhante àquela postulada pelas instituições das quais nos dispomos historicamente, compondo em nosso interior a organização do mundo material; mas não deixemos de notar o feixe inverso, pelo qual atuamos no real e o modificamos, só que o modificamos de forma a perpetuar o primeiro movimento, que nos impressionou com a forma aprendida das mesmas instituições, que nosso movimento criativo, de *dentro para fora*, re-constrói e mantém. Desse ponto de vista, o movimento de criação e reconstrução característico da memória, perfaz circularmente um eterno retorno aos princípios aprendidos como universais e universalizantes. Vemos e criamos o mundo que fomos treinados a ver e a criar.

A Renascença dos neoplatônicos inaugura não só a separação entre corpo e alma, entre o participar corpóreo no incorpóreo divino, como reafirma com intensidade a desconfiança para com os demais sentidos. De então, ensina-se o caminho da *verdadeira visão*, daquela que só é capaz de se realizar por meio do intelecto. Aceitar essa diferença ainda é, para nós, o primeiro passo na via da Ciência. Nosso saber da *terra da realidade verdadeira* exige desprendimento do corpo sendo um com ele, o fechar dos olhos carnisais para a abertura do olhar sapiente. Passamos do olhar ao olho. Mas o que é o olho?

Dessa passagem, revivida no ocidente pela Renascença, onde a distinção entre corpo e espírito é feita, a união de ambos passa a ser irrelevante para os estudos da visão. Agora, o universo resulta um cálculo, e Deus, o criador, o implantou em nosso intelecto, e somente através dele podemos conhecê-lo.

Intelecto, fonte e receptáculo de Luz, portador das *chaves do mundo*. Esse prodígio humano, auto-iluminado e iluminista, se faz critério e medida para todas as coisas, externas e internas, libera-se da Luz sobrenatural e se opõe a si mesmo quando pretende escapar à prisão dos outros sentidos. Não surpreende que essa tradição tenha sido capturada pelos teólogos cristãos, esperançosos de que a Luz divina fosse capaz de libertar dos malefícios da Luz natural.

Penso agora em nossas crenças ancestrais. E não me incomodo em dizê-las a você, desde que me deixe dizê-las baixinho. O que se ouve mais baixinho se ouve de inteiro. Nossa crença na força da visão tem servido para nós, de século a século, como caminho uno para o pensar. Via de regra e à bem da verdade, o olhar parece, para nós, capaz de neutralizar tudo aquilo quanto sentimos que seja rebelde ao pensamento literal, pautado pelo juízo visual. Assim o aprendemos e perpetuamos nas Escolas, no mecanismo de recebimento e projeção da memória. Fazemos isso fazendo da visão a testemunha que põe o visível e o vidente em esclarecimento dos desvios.

Em contrapartida, o que temos em vista dos sábios çufis são olhos que não só recebem o fogo das coisas, mas que são, eles próprios, o fogo emissor de raios de Luz que, deslocando-se no espaço, chocam-se com as coisas materiais, esse encontro é o responsável pela visão. O olho viaja pela matéria e a toca para fazê-la visível e reconhecê-la como sua. Ver nos lança pra fora.¹⁴

Isso me ajuda um pouco a entender porquê, nesse trabalho, tenho demonstrado tanto interesse pela *ilusão*. Essa é aquela que, no sentir, resiste à visão imediata, ou como aquilo que, no sentir, espera. Aquilo que espera no Lugar entre o sentir e a alma, até que sua hora chegue. Aquilo que espera numa hora vazia.

Penso em nossos mitos, tanto na busca por um *puro olhar*, que seria linguagem pura, quanto por um eu verdadeiro. No olho que mostra *as coisas como elas são* e que é mestre da verdade. Mas penso e me

¹⁴ O mistério da visão na terra da Hurqalya, como pudemos notar, participa dos dois modos de apreensão, daí ser a terra da verdadeira visão, já que nela, o iniciado vê, não como quem vê um fato externo a si, mas como o intermeio em que se dá o fato. A visão não se processa somente pelos olhos receptora da Luz, senão que com olhos de Luz.

pergunto: o que amam os olhos? o que olham os olhos? o que vêem? o que querem os olhos com a visão? Penso ainda no que vêem os olhos dos poetas e dos sábios, e se esses olhos talismãs mantêm presente a forma dos corpos e das coisas ausentes. Olhos que são figura do mundo. E no porque dos olhos do poeta e do adivinho, do reflexivo e do oráculo, serem causa, em nosso imaginário, de imagens carregadas de sobra, sombra dos mortos, sombra de fumaça, sombra esfumada de desenho, claro-escuro, aparência e ilusão, quando não inteiradas na figura própria da cegueira. Como se exatamente a falta de visão lhes conferisse vidência. Como se a busca pela *ausência* da imagem deixasse criar sua forma completa.

Imagino aqui um espaço vazio, inacabado, sem limites: um Silêncio. Um espaço em busca de um fundo, de uma fundação. Imagine a vidência cega desses homens de Palavra. Penso em nosso jeito de viver imagem e palavra em separado, como se não fosse a palavra, ela própria, uma visão, cheiro, suor, na figura completa da Imagem. A Palavra visionária dos poetas, dos sábios, conferem imortalidade no louvor de seus silêncios. Palavras imortais porque mágicas: fazem Ser o que é dito e põem no sensível o que a palavra diz. Por isso escapam ao esquecimento, desavessam manifestas a realização do que é dito. São palavras religiosas e de poder, pois o visionário, falando, torna visível o invisível, fazendo-o Ser.

*À hora de dizer, ressinto.*¹⁵

Quando, desatentos, falamos em *ponto de vista*, aceitando que idéias e opiniões dependem do Lugar de onde vemos o real, o que diríamos daquele que enxerga do alto e de longe, viajante, informante e mensageiro? A questão da *perspectiva* também nos ensina que a visão feita nas alturas, que abarca até os confins do horizonte e o mundo circundante, faz do olho a medida do visível e prepara, por obra da transmutação, o início do mundo – esse começando não só com ela – porque, do Lugar de onde se encontra, se vê tudo completamente.

Quando damos a uma criança um brinquedo, logo esbravejamos se ela o quebra por inteiro. Não retemos senão a vontade infantil de destruir e de

¹⁵ *Lugares no avesso do deserto*, p.54

quebrar, esquecendo que a força que move sua ação pretende deixar os aspectos exteriores para ver *outra coisa*, ver além, ver por dentro, em resumo, integrar-se à visão íntima. Ao nosso olhar, inquisidor, o brinquedo proporciona apenas uma solução normal de ser *coisa*, à nossa vontade de olhar que não necessita, diferentemente dela, das *profundezas* do objeto. E essa estranheza é coisa que a *educação* bem sabe criar em nós, mas que a *imaginação* transgride seja como for. Para além da literalidade que ofereço com meu exemplo, na tranqüilidade a visão alia-se à criação e prevê uma perspectiva do oculto, uma *perspectiva* das trevas interiores da matéria. É essa vontade de ver no interior das coisas que confere *substância* à Imagem e à Palavra.

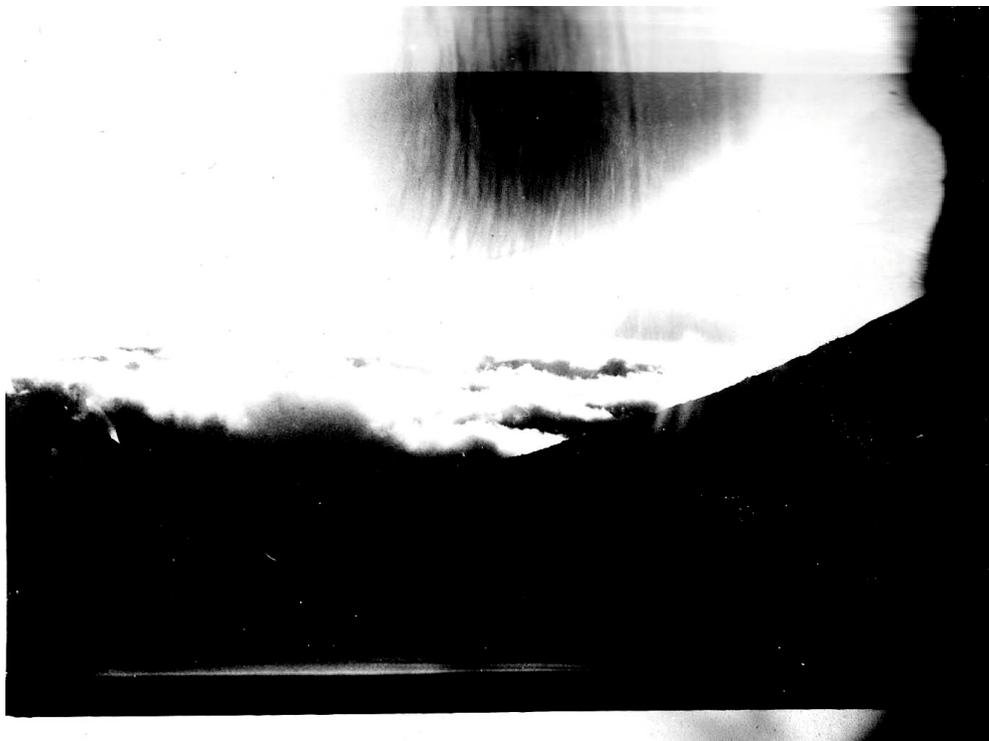
Ver as palavras que se nos mostram. Delas chegar perto. Contemplá-las. De imediato, são coisas visuais e, como todo visível, possuem mil faces. A palavra possui mil faces sob sua superfície neutra. Antes que espalhe *sentido*, que a vejamos em sua nudez.

E diante das palavras, quais iremos escolher? É certo que temos, réus confessos, uma palavra que é também igualitária, que executa por dentro seu trabalho de composição, em código universal de escrita, o que sentimos quando falamos. Essa palavra compartilhada nas assembleias, cuja origem encontra força na vontade da persuasão. Palavras escolhidas: a prova, o indício, o argumento e o exemplo. A palavra se faz medida do homem.

Distinguindo alma e corpo, a Renascença consolidou não só o modelo científico de verificação empírica dos fenômenos naturais como também separou Imagem e Palavra, tendo a palavra desde então servido unicamente como forma representativa do que é dito, ao contrário do que nos ensina a cabala e a magia.

Essa idéia preparou também a cisão entre o olhar e a linguagem, e tal rivalidade pôde conduzir à expulsão de um deles: o empirismo analítico contemporâneo, a simulação de uma *linguagem correta*, o senso crítico, são exemplos do *cuidado* para com o olhar. Referindo ao olhar, a Renascença germinou e os Iluminismos consolidaram a verdade como pureza do trabalho intelectual. Há a cisão entre *ver* e *ter*, entre o olhar e a palavra, já que atentamos à segunda simplesmente como forma

representativa da idéia. De então que a pura retórica tornou o *dizer* um simulacro, exercício, trabalho, e quis da palavra a literalidade daquilo que ela representa e conceitua, não mais. Não mais a mágica invocatória da palavra presença, o Ser dos sábios pela potência de seus silêncios. Como explicar, por palavras, o aprisionamento da palavra sob o poder sacralizado do olhar corretivo? Ou ainda: como explicar que o olhar liberado seja subjugado pela palavra da verdade?



*No princípio criou Deus os céus e a terra, o todo era confuso e nada havia sobre as superfícies. As trevas cobriam os abismos e o espírito de Deus esvoaçava sobre as águas.*¹⁶

No princípio criou Deus..., ou ainda, nas palavras do evangelista João: *No princípio era a Palavra (o Verbo), e a Palavra estava ante Deus, e a Palavra era Deus. Ela estava ante Deus no princípio.*¹⁷ Mas pergunto: em que princípio? ou ainda: o que onde é o princípio? Do texto bíblico – também estudado por nossos sábios poetas do Islã – entendemos que Deus criou o mundo sendo Palavra. Os cabalismos judaicos exortam ao entendimento da Palavra-presença: falar é criar; como contar a criação do mundo é também criá-lo, para sabê-lo e ensiná-lo aos outros; ainda que, contemporâneos, desejemos entender que essa *criação* se passa

¹⁶ *Libro do Génesis 1*; La Bíblia Latinoamérica; España: San Pablo, 1995, p.5. Td. minha.

¹⁷ *Libro de San Juan*; Ibdem, p.164. Incisto em salientar minha parte na tradução dos textos bíblico a partir do espanhol, já que o exercício da tradução, ou mesmo da leitura em outro idioma, oferece possibilidades reflexivas que ficam restritas quando lemos em nossa língua materna.

apenas na esfera do entendimento intelectual, preferindo pensar que *mitos* sejam apenas o intento de uma sociedade ansiosa por se explicar e se fazer ver em suas histórias. A nossa maneira, pensamos os mitos apenas como *formas figurativas*, imaginárias ou etéreas, visualizamos em todo, seus aspecto antropológico, e passamos a ver o aspecto no lugar de ver o mito. Nosso raciocínio, firmando-se na meta do *entendimento* daquilo que são vórtices da alma e seus ritos, se processa num plano exterior ao mito, desejoso de entendê-lo, mas sem olhá-lo por inteiro, em nosso dentro.

Se pensarmos nas tradições cabalísticas do deserto, o nome sagrado de Deus, esse aquele que os Israelitas nunca pronunciam e que os antigos sacerdotes diziam uma vez por ano, entremeados pelos gritos da multidão, selado pelos profetas, é a chave de todas as ciências, divinas e humanas. יהוה é o nome pelo qual Deus atende como atendemos ao nosso, porque o nome de Deus é Deus e, criador, Deus é o mundo.

Os livros Talmúdicos e os do Zohar nos ensinam que falar é criar: palavras são presenças.¹⁸ Por isso pronunciar o Nome é criar o incriado. Daí que os antigos jamais o pronunciam ou escrevem, usando para tal artifícios reverentes como Adonai – literalmente: meu Senhor – ou Eloim – potência.

Fato é que, voltando à narração bíblica: a Palavra é o princípio, e o princípio é o que é, sendo a Palavra o meio e a plenitude para seu desenvolvimento: *falar é criar*.

Falar é criar. E os cabalistas da Renascença infundiram esse princípio à faculdade *criadora* da Luz *Intelectual* de Deus, restringiram os atributos da Revelação ao pronunciamento palavreado da plenitude profética. Mas, antes de tudo, quem é você que tem esses meus escritos entre as mãos já tendo começado a lê-lo?

Nos dias de hoje a Cabala é tida como ciência falsa, um artifício de enganadores ou ilusionistas. Certo é que todo meio possui seus charlatões, e que falar em *cabalismo* é também um referir-se à sorte de diversas tendências contemporâneas de pensamento, unificadas feito caldo místico

¹⁸ Cabala, qabalah, significa literalmente *Tradição*, e diz respeito a ensinamentos místicos judaicos que receberam influências dos Hermetistas e Gnósticos cristãos. Recebeu esse nome na Espanha do século XIII por Moisés de Leon (Moisés Bem Shem-Tov), o rabino

cultural sob o nome da Cabala.¹⁹ Não são essas as formas que desejamos. É que comumente temos, contemporâneos que somos, a política pressuposta de deslizar diretamente entre opostos, da Ciência vamos direto a seu contraponto de Fantasia.

Para fins de compreensão da proposta desse trabalho pensemos na Cabala politicamente derrotada pela força monoteísta de nosso pensamento científico cristão, de verdades unívocas irrefutáveis – pela força político religiosa que a sustenta, ou pela força raciocínio lógica que a estrutura – praticado desde os métodos renascentistas até nossos modelos acadêmicos.²⁰ Invocamos aqui uma Imagem de Cabala que cultue a dúvida, as múltiplas formas do contar da criação.

Penso aqui uma linguagem que esconda formas latentes em seus segredos, não apenas um conjunto de palavras imediatamente inteligíveis. Esse imediatismo tem seus propósitos históricos, servindo séculos adentro como a mais eficiente forma de dominação imperialista, e não me serve. Daí o mesmo fascínio dos Impérios pela lingüística organizada e aprisionada em parâmetros gramaticais.

Penso uma linguagem herege, uma linguagem buscadora, por intermináveis combinações, de uma forma-palavra do indizível, a Obra de toda a poesia, o avesso mais rebelde do pensamento dominante.

É difícil de falar algo que não seja palavra, falar/pensar sobre a substância mesma do pensamento: temperar os elixires, aprisionar seus perfumes, cultivar o tempo no descanso com o qual os vinhos se fazem, dosar as faculdades e a medida do calor e do frio, inventar a pólvora. Dentro de nós há uma alguma coisa que não é palavra nem imagem. Existe algo que não é palavra-imagem, mas as usamos para explicar essa alguma coisa, que não as é. Fazemos de ambas um ícone mediador que se posta no lugar de nossas volições, querendo dar a elas uma forma, para que você as compreenda.²¹

Simeon Bem Yohai, Autor do *Livro do Esplendor o Zohar*. O Zohar, como o Talmud, inclui as antigas tradições orais que não constam na Torah.

¹⁹ Vide concepções místicas atuais sob o envólucro da Nova Erra, da Cabala do Dinheiro e do Sucesso, e do impulso moderno de busca pelo sucesso a qualquer preço ou medida.

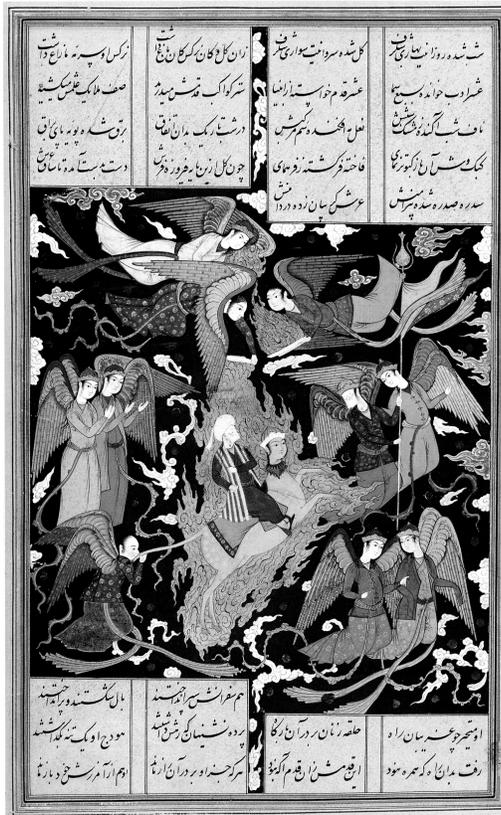
²⁰ Se quisermos uma data política para lembrar a superposição do método racional científico religioso, podemos considerá-la a partir da morte de Giordano Bruno. Ver Francis Yates, *Giordano Bruno e a ciência hermética*.

²¹ Nessa hora sou eu seu Amado que é você noutra tempo.

A palavra/imagem, sendo representativa, nunca é o que é. Flor não é flor. Quando lemos: *cor*, *cor* não tem cor, nós a completamos com uma qualquer cor que nos seja predileta.²² Esse *completar* é parte de nosso desejo sobre a palavra. Mas quando encontramos a palavra em sua nudez, quando deixamos de carregá-la com nossos sentidos para simplesmente tê-la, ela é aquilo que é: o Eu Sou dos céus de Moisés, o desejo de EvaAdão diante da Oliveira, o Profeta, os jardins. E então a palavra *serpente* serpenteia e dá o bote, sentimos dor, e o cajado dos sábios, *intramundo*, se transmuta nela.

Para nós palavra é recordação, ouvir é lembrar ver por dentro o que a palavra diz, é perfazer sua forma por seu conteúdo. Mas não nos assusta, estranhamente, que quando ela está em nós nos faça rir e chorar, que a palavra se faz por sua matéria corpo de palavra, e que ouvir nos ressoa: antes que falem, as vemos em sua nudez, as vemos em sua Potência de Palavra, fluido alquímico que cria várias faces de mundo sobre sua face neutra de palavra. O Aleph judaico, Primeiro Vale, por si um só, e o todo. Memória, Lugares de Memória. Poeticamente, a palavra *vôo* voa. Quanto mais alto voamos menos vemos, menos coisas nos restam.

²² *Mas eu só queria saber, posso perguntar de que cor é o leite? – Branco. – Então quando ele pensa em leite, pensa na cor branca. E quem faz o leite? – A vaca. – E o que come a vaca? – Grama. – Prado, chuva, nuvens, céu, astros, universo, Deus, se assim quiserem. Universo, astros, céu, nuvens, chuva, prado, grama, vaca, leite, muuuuh, vaca, leite. Uma imagem viva de Deus, se assim quiserem. – É uma blasfêmia!* Giordano Bruno, um filme de Giuliano Montaldo.



No *princípio*, na solidão luminosa de Deus, o mundo é interminável, não tem finalidade, não tem fim porque é pleno de sagrado, como a magia da palavra. Posso trazer a você o nome de Deus ou do Anti-Deus, posso criar como destruir, pois no *princípio* a matéria não está desligada do espírito. No *princípio* o azul não é substantivo, é azul e, lendo, o azul se vê nas coisas vistas.

E então e enfim me pergunto: o que é a palavra? que sentido ela jorra? que som emana? ou ainda, em que *intra-mundo* faço lida a palavra que leio? A palavra mística dos sábios çufis é lida como se pedisse para ser cantada. E quando lemos pensamos que a palavra possui existência própria. Em nossa incansável crença no aspecto *exterior* da coisa olhada palavra, não estranhemos nosso essencialismo categórico, não nos estranha que busquemos a profundidade das coisas apenas por sua superfície forma palavra, quase como se fosse essa uma natural característica humana. Desde as explicações acerca da *eloquência* e da *retórica*, retomadas a partir do século XVI, e aceitas por nós como parte

integrante de nossa constituição natural intelectual, que armamos infinitas categorias palavrescas que se eliminam ou se ajuntam em nosso esforço de *representar* o real. Desde essa nossa crença no *sentido* e na *finalidade* da existência que montamos/herdamos um esquema mental analítico e julgador do que vemos lemos ouvimos. Esse nosso juízo que impõe limites ao plano das realidades *internas*, como ilusórias, e *externas*, como reais. Ai é que vemos a incansável persistência do poder político, feito esquema de pensamento em dominar o que *deve* e o que *não deve* ser entendido com seriedade, o que *deve* e o que *não deve* ser *visto*. Afastamos de nossos centros imaginários toda forma de *realidade autônoma*.

Não estranha que a dominação capitalista combine bem com o vencimento dessa nossa *forma de pensar*, imediata e objetiva, literalizante. Não estranha que nosso essencialismo nos faça buscar a forma *real* das coisas. Só o *real* é passível de ser dominado. Só posso dominar um mundo que seja para mim um *sujeito*, inda mais um mundo tão palpável que se desenvolva como ordem cronológica de sujeito, predicado, substantivo, adjetivo passado, presente e futuro. Mas penso, e preciso que você se esforce comigo, um verbo que me sirva de conjugação para o *interminável*, por exemplo.

Nascemos num emaranhado de formas organizativas, políticas e lingüísticas, e o que temos é um mundo *visto* e *interpretado* pelas esferas dominantes. Mas o que quero explicar é uma outra coisa que não é só o que estou explicando. Se aceitarmos que o sentido da palavra está fora dela – pois que nossas categorias de *sentido* são apenas uma parte do raciocínio que para melhor o notarmos/dominarmos, fragmentamos em conceitos – o *sentido* é uma parte de nossa ausência de visão. E se é verdade que nossa palavra é uma forma que se revela pelo som, a função de toda política dominadora é a modulação da forma pela perfeição geométrica das normas da língua. Se quisermos ser mais teóricos que atentos à palavra, acabaremos também por imaginar uma máquina que colha do sistema os fluidos com os quais forma as palavras que alimentam esse mesmo sistema. Em círculo, não em espiral. É por isso que, educadores, não nos cansamos de *corrigir* as crianças.

Seguidores sem aviso dos aristotelismos, nos impregnamos com a idéia de que criamos conceitos a partir das coisas que vemos, mantendo *coisa* e *conceito* em separado. Somos espontâneos em afirmar que a *forma* indifere do *conteúdo*. Nossas crenças religiosamente científicas buscam em tudo um *sentido* e um *significado*, uma *finalidade*. Nos detemos apenas em conceitos *puros*, como formas sublimes, lapidadas, de alcançar Deus, a razão luminosa de tudo quanto há, e desfechamos nossas vidas sob essa liturgia laica.

Nossa imediata relação entre aquilo que dizemos e o que pensamos não nos incomoda. Daí que acreditamos no poder da palavra apenas pela *forma* como exprimem um *conteúdo*, não nos retendo no poder da Palavra Revelada ou da Imagem Poética, para as quais *forma* é *conteúdo*. A pesar disso, não nos estranha o olhar da Tradição para o fato dos homens profetas, *visionários*, enxergarem a Palavra divina, já que a Palavra de Deus é Deus. O Ser é o único Ser.

Nos olhando adentro: qual é nossa verdade? nosso *conteúdo*? o que buscaríamos em nós a partir desse método maior que supõe um conteúdo? *Conteúdo* disforme que abstrai a *forma*, enuncia propriedades abstratas sem no entanto carregar as faculdades do objeto de análise. Essa nossa forma universalista e universalisante de nos relacionarmos com a matéria das coisas, volatilizando-a em conceitos, quer pretender a essência das coisas para então postulá-la categoricamente. Esse nosso desejo de descrever para dominar, já que descrevendo, interpretamos – e toda forma de descrição é uma interpretação, mesmo que se proponha neutra. Interpretando, lapidando as disformidades e anomalias, agrupando afinidades e aplainando oposições, temos a coisa-objeto por entre as mãos, aspirando seu domínio pela apropriação do *conceito natural* que a rege. Conceituando exercemos nossa vontade de dominação.

Nosso desejo de encontrar a verdadeira natureza dos fenômenos compõe o todo de nossas estranhas manias, a de entender o mundo por intermédio de Leis de comportamento e funções estabelecidas, nosso esforço para distinguir o real do imaginário, nossa vontade de estabelecer limites exatos, agrupados, como o próprio limite que separa e classifica os atributos do corpo dos da alma. Se atentarmos um pouco mais a essa

limitação, poderemos nos perguntar com certa franqueza se sabemos apontar conceitualmente o Lugar onde o corpo termina e passa a ser alma, o Lugar onde a carne finda e é feita mente. Como um pretender separar a secura da boca e a sede. Poderíamos, se assim o quiséssemos, extrair de nós e do mundo uma teoria que nos fizesse entender o que buscamos; mas nós, e o mundo, participamos dessa *verdade*?

A palavra só pode se realizar em sua presença transmutante, não me interessa sua progressão pedagógica. Prendo-me na palavra que, à maneira do Amado, irá se prender a mim e despertar-me como estrangeiro no mundo, suscitar minha conjunção com sua unidade de palavra mundo. Essa união que proporciona a implosão das dimensões polarizadas e manifesta a palavra em toda sua simplicidade.

Para Sohrevardî, o Conhecimento do Oriente é um conhecimento presencial: sendo iluminação, é igualmente *tornar presente*. Mas essa faculdade é proporcional à desmaterialização do corpo, que seria também um materializar da alma. Chegar à presença total, à Luz, que em totalidade é Sombra, é transfigurar os sentidos. Existir é ser presente.

A palavra não se limita às dimensões que as damos, nem à temporalização, mas se estende, viajante, no Intramundo das Imagens, das Inteligências, cada uma delas tendo a mais sua temporalização própria. Assim, em nossa densidade opaca, presenciamos as transmutações das luzes absolutas da palavra em nossa miragem, mi'raj, nossa *visão*.

Ver é ser e só vemos conosco.

Poderíamos até maltratar o mundo, como teóricos maltratando a matéria, para extrair dele nossas verdades. Torturar a carne, à maneira Inquisitória, até que ela nos diga o que já temos por ouvido de antemão. Então o mundo nos diria, não o que ele é, mas o que pensamos; e viveríamos em conforto com nossa mentalidade separativa do que as coisas são em sua forma e o que nos valem, na finalidade praticista de seus conteúdos.

Agora estamos aqui, eu e você, com um problema sem fim por entre as mãos, já que tocamos numa briga histórica que é o processo moderno de criação da *verdade*, criação de uma *noção de verdade*. Desejemos aqui uma verdade que, para a encontrarmos, teremos antes que criá-la,

extraíndo-a das coisas. Precisaremos, se acreditarmos nessa necessidade, dar *forma* à *verdade* para expressá-la conforme nossa educação verbal. Até que essa nossa criação se torne um destino a buscar e a percorrer.

É essa nossa crença de que temos que nos apoiar numa *verdade* o que me tira o sono, já que, pensando, logo existo, o sonhar se faz numa sombra de sagrada inexistência. E então, inexistindo, posso me ver de fora de mim, como um conceito, que é um fazer da *verdade* no que sou historicamente educado a querer ser, ou numa busca a admirar e a percorrer. Se eu ficar apenas com a verdade histórica serei inevitavelmente Inquisidor, e em meu lab-oratório irei torturar a *forma* do mundo até que ela prove aquilo que eu quiser ouvir, sentir e ver. Se fico imerso em contemplação, e não me estranha que a arte da renascença tenha-se chamado *contemplativa*, estanco. É por isso, e não só, que o escavar dos tempos, até trabalhar a precisão correta dos décimos segundos séculos de meus poetas, me causa encanto e assombro, porque requerem do tempo a unidade da *forma* no e pelo *presente*. Além disso mais nada eu diria.²³

Não há nada mais aflitivo que uma tal alegria.

²³ O teórico não presta atenção ao discurso do Enviado e põe-se a refletir e a examinar o assunto com seu raciocínio ('aql). Esta é a situação na qual se coloca aquele que enfrenta o Conhecimento com a ajuda de evidências racionais, escrutando as coisas por meio da reflexão teórica. O outro candidato tipifica os 'adeptos do Profeta' (atbâ al-Rasûl) e aqueles que a ele se conformam quanto ao Conhecimento que o Profeta lhes comunica sobre o divino Demiurgo (Sâni'). Finalmente, esse Enviado que os nossos dois homens seguem, com atitudes opostas, tipifica o Profeta que instrui.

Desta passagem da *Alquimia da Felicidade Perfeita*, de Ibn' Arabî, temos que o teórico renuncia à primeira prova de Iniciação, recusando-se e se perceber como unidade. Deus empreende então desvendar-lhe os olhos para que veja todas as luzes que no grau da ciência lhe pertenceriam. Assim, de repente, o descrente vê no outro as vestes (o corpo) de sua própria ciência, para quem nada custou conseguiu-la. Ele busca em si mesmo alguma parcela daquela ciência. Nada encontra. A seu lado, o outro observa com atenção tudo o que acontece. Vê que o mal constitui a própria ignorância desse erudito que não se vê. Doravante o teórico acredita, porque se instituiu a visão, não mais a prova formal. Essa é a prova e a razão que ele exigiu do Enviado, como essa prova não pode ser fornecida, ele recusou-se a segui-lo: a prova objetiva exterior agora tornou-se objeto. Eis realmente a punição mais terrível que pode atingi-lo, pois ele conserva a lembrança da ciência que possui mas não detém, e está bem consciente de ter renunciado a ela. Vê seus olhos desvendarem toda a ciência que teria possuído em si: ele se encontra de repente sem nada saber. Ele carrega à eternidade a lembrança da ciência que jamais terá. Tal inferno consiste em carregar na alma/corpo as saudades do que nunca se pode alcançar.

É assim que componho meus desertos visuais: com as areias informes da memória. Nunca há uma ordem, às vezes é o cheiro primeiro, às vezes uma fala, um gosto. Atravessamos desertos em ruas de asfalto.

Quando olho uma foto querida a visão me fecha os olhos. Agora que vejo não posso ver. Porque a melhor forma de ver uma foto querida é de olhos fechados. A via crucis do corpo. O deserto.

De olhos fechados ouço a imagem. Perturbo meu centro. Presencio a presença. Vejo em Verdade.

Com os olhos abertos caminho pela Estrada, vazia. Com olhos abertos, jorro memórias retidas ou esquecidas pela estrada vazia. Lugares da Memória.

Sobre o papel, a Palavra *caneca* – a minha, a sua, *amassada pela memória* – ou uma *moringa de barro machucada na boca*, muitas palavras o Caminhante encontra ao entrar tateando a minha sua, a cozinha da Menina. A palavra é algo que divide o um em dois. A *caneca*, uma qualquer caneca que usamos num gesto tão banal quanto levá-la à boca, é essa mesma *caneca*, essa, aquela, que eu e você, desérticos, vimos no Agora de encontrar nossas memórias na palavra que simplesmente diz: *caneca*; que podemos machucar ou não, com o espelho reflexo da nossa, a minha e a sua, memória.

Veja.

Não há palavras no espelho que digam, diga você, o que sinto, sinta, não dizer. Como as palavras salgadas que dizemos antes de conhecer, veja, o mar. Escrever ler é sondar, invocar e esquecer, o que nos há por dentro. Prefiro que não seja apenas tinta no papel.

Talvez por isso as Parábolas me encantem tanto.²⁴ As Parábolas me ajudaram no problema de tradução que encontrei. Não a tradução de uma Palavra em idioma estrangeiro, mas de Palavras num idioma que não é idioma, palavras de silêncio. Clandestinas. Da mesma forma que as lembranças me preenchem o tempo todo, onde quer que esteja, as

²⁴ Os discursos e viagem *linguagem dos pássaros*, de Attar, são permeados por parábolas, memórias e corporificações estreitamente relacionadas com o corpo da história, o primeiro material, e guiam, o leitor vidente ouvinte, ao modo do Enviado, nessa Viagem.

lembranças me preenchem e preenchem os Lugares onde estou. Nas Parábolas os cantos falam, os Lugares, a grama sopra sua harpa e ouvimos a palavra grama.

Elas me ajudaram no preenchimento de um vazio natural em minha narrativa: os momentos das Lembranças viajantes no Agora desértico da memória. Não como um recriar do ontem, mas um agora não superficial. Um agora inteiro da parábola memória agarrada à Matéria dos Lugares que as memoram. O hoje um Lugar disperso, o mesmo de ontem e pré-história do amanhã, que será de novo um agora.

As lembranças preenchem esse nosso mesmo tempo, enquanto converso escrevo contigo, no um espaço sutil que te impressiona a retina e te faz me ler em palavras. Nessa hora do Agora, participamos em corpo, eu e você, do mesmo espaço e tempo. São lembranças tracejadas nessas linhas o que você lê agora, nessas linhas que te lêem. Leia. Quando ler, leia com lembranças, porque as minhas lêem você. *Caneca, moringa e alguidar.*

Aí posso me imaginar, me lembrado nessas suas lembranças, e ser um contigo, que é comigo e me caminha junto. Aí digo que te vejo, veja, entre mim e a sua minha *moringa*, suspensos na água do ar, na superficialidade que são as três horas da tarde.



Meus poetas espiralaram de dentro seus desertos. As formas de seus desertos criaram o medo, o medo que não se vê no espelho. E para dar forma ao medo o leão de Nezâmî acordou um rei no deserto²⁵. Não posso te dar o medo em Palavras. A Palavra medo não provoca medo. Mas as palavras de Nezâmî, no deserto, podem te tragar para a noite e te mostrar o medo, pondo o leão à sua frente. O leão é o medo. Leão medo dos seus medos.²⁶

Nunca vi um leão selvagem. Se for necessária uma memória geográfica própria, memória lúcida, trago memórias do deserto de Atacama, ao norte do Chile. Mas não conheço desertos de areia em lúcida matéria, de areias informes que mudam sua paisagem com a passagem do vento. Em meus desertos, as areias informes querem dar forma aos sonhos, às lembranças, à memória. O deserto sou eu, quando me deixo adivinhar e ver a memória se formar visão, cheiro cor e sentidos, quando passo sonhando acordado pelos Lugares por onde caminho. Qualquer Lugar é um canto total do Mundo. Meus leões lúcidos também não são selvagens, por detrás daquelas grades de onde os vi, anestesiados. Veja. Mas sei e imagino o que seria sentir medo deles. Eu sim já vi olhos de Boi, quando o Boi fecha o caminho na Estrada, e sei o que é sentir o medo.

Outra traição em minha tradução de querer te dizer que, do Persa, traduziria, se conhecesse o Persa, Leão como Boi.

O Boi é meu medo.



²⁵ *Lês Cinq Poèmes de Nezâmî*, citado às páginas 24 e 25 nesse livro que leio e que cujas páginas não são marcadas com números.
A noite mencionada é uma aliança entre o Amor e o Vinho.

²⁶ Aqui dentro sinto, sinta, que São Jorge não matou o dragão nos desertos da Capadócia

É difícil apontar, como quem olha um leque aberto, nossas paternidades poéticas. Até porque hora as escolhemos, hora somos nós os escolhidos por elas. Sem contar as que queremos esquecer e apagar costumam ser as mais marcantes por nossa insistente escolha, a de lembrar com o esquecimento.

Quando li *Lavoura Arcaica*, deprimido numa pedra enorme, *Pedra do Forno*, no interior de Gonçalves, sul de Minas Gerais, alguma coisa de seriedade leviana aconteceu em mim, aqui dentro. Muitas das imagens que me dão maior carinho também trazem de volta esse demônio. Esse avesso esquecido e apagado, feito assombração e sonho – sonho, essa forma latente de sermos nós mesmos. Posso ainda pensar, e que você me ajude, que quando caminho, acordado, meus sonhos não cessaram, e imanto as formas do dia com essas sobras sonambulentas da memória noturna. Então há uma Estrada real e, nela, uma memória de Estrada em sonho. Difícil saber, assim tão de imediato, qual das duas puxa a outra, qual se revela primeiro; como quando passamos por um Lugar desconhecido e temos a clareza de já o termos visto antes. Memórias nos Lugares da Memória que antecipam o primeiro encontro com a Verdade. Encontro antecipado num encontro de encontro ao sentimento da Arte, que é quando vemos antes de termos visto.

A maior parte das fotografias desse trabalho foram feitas lá. Imagens de *lavouras*, minhas *lavouras*, *arcaicas*.

Eu andava poeticamente tonto, embebido. Do avesso. O demônio é o avesso.

O amor é o avesso dessa matéria ensimesmada que somos nós. Desse não saber, por obrigação moral autoproclamada, olhar pra trás ou aos lados. É um não saber andar que é também se perder. Porque andar é coisa a toa e todo mineiro sabe, mas se perder, ah sim, se perder requer uma dose carregada de força interna. Se perder é uma medida complicada, mirar os lados da estrada, adiante e do avesso, sem encontrar nela a prova viciada de sua presença estática, sem enxergar no Lugar a extensão de si mesmo, que é o mundo que julgamos e carregamos com nossa vigorosa existência.

Não há como, a pedra é alta, os bichos falam, cantam, berram, e o vento muda a cor das coisas. As imagens de Sonho são tão reais quanto as do Mundo.

Isso pode não ser um simples querer dizer. Mas também pode ser, se você o permitir, um querer dizer isso. Pode ser um querer dizer que o Amado de Nassar o mostrou seu deserto. Desertos nos olhos medo daquele Leão que é Boi, mostrados a *André*²⁷ pelos olhos Amados do Pai. Porque o deserto mostra seus olhos de Pai quando queremos fugir.

Porque Você, meu Pai, você mesmo que me lê, que sou eu e você, você, meu Pai, mostra os olhos quando te vejo no deserto.

Meu Pai se chama João, não José, mas Costa é sobrenome que trago dele. Um trazer trazido que ele trás de meu Avô, cigano sem nome. O Pai de *André* não tem nome. Traga a ele o nome que quiser nomear. Traga.

oh meu deus, o que importa, pra essa história, o nome que tenho agora?

Meu Pai se chama João e é meu Pai. Não meu Pai. O Leão é o medo. O que é o Leão não é o medo, mas o medo é o Leão. Como o Pai que não é meu Pai, mas o Pai que é o Pai que existe em mim. Do mesmo modo que agora existo em você. Existimos um no outro.

O que pretendo dizer é que o avesso do deserto é um Lugar – lugares no avesso do deserto – que me estende suas formas de Pai, olhos de Pai, e repete aquelas três perguntas, para as quais não tenho resposta.

Tenho uma imagem.

Tenho uma imagem como tem cheiro de pão no café da manhã. Tenho um não ter a imagem do cheiro do pão:

a imagem que tenho é uma imagem ausente, esquecida na forma lembrada de querer encontrar uma maneira de falar das formas impermanentes e poéticas da memória que figuro nas pessoas de meu Pai, Avô, e outras pessoas memórias que encontro em meus Lugares narrados. É por isso que eu não poderia, numa Palavra, clarear a força que cada um desses personagens memórias evocam quando aparecem em meu texto. É por isso que as lembranças e parábolas me são agradáveis, porquê lhes constroem a alma, e lhes dão o nome que não sei dar. Não posso ver,

²⁷ Personagem narrador das *Lavouras Arcaicas*.

agora que vejo. Dê você um nome a eles. Dê o nome que escolher. Dê o nome que escolher e que lhes combine com os olhos e com seus narizes. Com os seus narizes. Dê a eles o nome que lhe vier na memória. Em seu deserto avesso da memória.

TERCEIRO VALE:
LUZ



*Conhecem a história do menino que pediu ao pai para lhe mostrar uma
floresta?*

*O pai concordou e, quando chegaram, o pai perguntou se o menino
avistava a floresta.*

*Admirado, o menino disse: 'Vejo, mas são tantas árvores na frente que
quase não consigo ver a floresta.'*

Kershavarz: Queria dizer algo sobre esse lugar.

Se você cumprimentar as almas daqui, elas respondem.

Farhad: As almas?

Sim

- Olá.

Se você diz assim, só eu posso responder. Diga bem mais alto.

- Olá!

Você ouviu?

Está me tapeando

Por quê?

É um eco, é evidente.

Se acha que é um eco, diga outra coisa, verá que respondem.

O que posso dizer? – Pouya! – Pouya!

Pouya: - Sim papai?

Farhad: - Eu não estava falando com você!

Kershavarz: Uma outra coisa: só respondem ao 'olá' e a 'até logo'.

*Ouçã: - Até Logo! E se você disser 'até logo' e não for embora, não
respondem. Lembre-se, só 'olá' e 'até logo'.*

(Através das oliveiras)

Puya: Senhor Ruhi!

Ruhi: Sim.

*Por que no filme 'Onde fica a casa do meu amigo?' o senhor parecia
mais velho e tinha uma corcunda?*

*Esses homens é que colocaram a corcunda em minhas costas. Então
eles disseram que eu deveria parecer e atuar como uma pessoa de mais
idade. E eu disse: sim senhor. Mas para lhe dizer a verdade eu não
gostei. Que tipo de arte é essa que mostra as pessoas mais velhas e mais
feias do que elas são?
(E a vida continua)*

*...e ainda uma última coisa: no final
de 'Onde fica a casa do meu amigo?', o velho diz ao menino:
Se não falo, posso caminhar mais rápido.
E o menino responde: Está bem, então não fale.*

Nesse Vale percorreremos a obra da Luz captada e transmutada pelas lentes cinematográficas de Abbas Kiarostami. Aceitando, evidentemente, que esse diretor não as tenha, de forma direta, revivido em seus filmes, mas tentando ver o quê, no trabalho silencioso da Memória, essas Imagens do passado podem nos mostrar no presente. Tentando ver o quanto elas podem aumentar sem mudar de tamanho, não apenas essa obra cinematográfica, mas nossa própria presença nessas imagens, que nos levam pelas estradas do cinema e das idéias de nosso diretor. Ver não só Imagens, mas também nossos desejos e os desejos de nossa Memória sobre elas.

Pelos olhos do projetor, o espectador tende a compreender que aquilo que vê não passa de aparência, uma refração da verdadeira perspectiva. Aqui, porém, insistimos na fala de que o que temos diante da tela é uma *visão*. O percurso prévio, o silêncio, a sala escura, o aguardo, preparam a alma. No decorrer da projeção o corpo se concentra, o sentimento se adensa e a imagem, surpreendente, faz eclodir um saber acumulado que inverte a perspectiva habitual. As imagens assistidas concentram as anteriores, contendo e repondo em questão o seu sentido. A visão revela mais que sua própria imagem. Ela contém um segredo, uma chave para o mundo que a precede. Ela encerra e ao mesmo tempo libera a percepção do assintente.

As visões do cinema consistem tanto no caráter único da imagem percebida como na natureza particular da contemplação dessa imagem. A visão cinematográfica culmina o ponto no qual o olhar e o objeto do olhar se confundem, se iluminam, se revelam. O olhar apreende a intimidade daquilo que vê e inclusive de si mesmo. A visão não se limita a realizar um segredo parcial, ela revela um fluxo, um estar-no-mundo que se mostra: ela é a tradução do vivido em experiência. Conviver com essa forma de presença estrutura uma memória, um elo emanador de imagens e significados, no qual o espectador pode se situar. No cinema de Kiarostami há a expectativa de que esse elo nunca se feche: o elo se abre sobre o silêncio, o espaço enigmático do outro, sob cujo olhar o nosso próprio olhar-espaco se faz enigma.

Esse elo imagem-vidente é uma fonte de presenças memórias e, enquanto modo de estar no mundo, é campo de forças da imaginação criadora. É esse mesmo campo que, na visão intelectual que circunda o mundo do conhecimento, conforma a disposição dos corpos e, com alteridade e natureza, faz nascerem os ritos e mitos, organizando tradições. À medida que esse campo de latências é mediado pelo mundo do conhecimento organizado, a partir da consciência, se forma o sentido literal das coisas. Quando esse se sobrepõe ao fluxo ritualístico do próprio mito, querendo dele sua essência e seu domínio enquanto saber, deixa de guardar dele, mesmo que residualmente, sua força original de fonte e emanção.

As visões de cinema correspondem a um momento radical da vida desse elo num corpo, ao momento em que ele, no impulso de se completar, de se concluir, muda de horizonte e se transforma: salta, impermanentemente, iniciando uma outra memória. E o que se encontra nela? em que consiste sua visão?

No cinema encontramos imagens de luz e de sombras, de fluxo e também de silêncio; não apenas aquele silêncio que separa e confere sentido ao passar de uma cena à outra, mas também no espaço que separa o olhar contemplativo e os sentidos, na realização corporal da cena vista. Plenos de paixão, razões, repletos de histórias, de sentimentos sentidos, na noite densa da sala escura, somos repletos de palavras, palavras eternas como o tempo, como a matéria, palavras que pesam como mãos, cintilantes como estrelas. De nossa cabeça, de nossa carne, de nosso coração, estamos junto das palavras, as palavras necessitam de nós.

Nossas palavras necessitam de nós e nelas somos tristes, amáveis, somos alegres, cheios de esperança, somos corajosos, heróicos, através de nós é que as palavras são homens.



Desse diretor guardo uma profunda identidade, bem como de todas as referências das quais me servi no decurso desse trabalho. Penso que nele eu identifique o mesmo sentimento que me compele a criar. Mesmo que depois me murchem as imagens e que já não me pareçam tão belas, no momento em que surgem manifestam minha liberdade sagrada de imaginação criadora. Penso que, como ele, tudo pra mim tem a ver com um sentimento de inquietude, com o fato de ter de sobreviver de qualquer maneira e reagir a um profundo sentimento de inadequação. Experimento em contínuo a exigência de fazer qualquer coisa de novo que me aceitar melhor. Muitos existem que acreditam que para se realizar algo na vida é preciso primeiro encontrar um sentido para ela. Mas não penso que seja dessa maneira. Ou talvez essa prerrogativa funcione bem como paradigma para o mundo dos negócios. A arte, por outro lado, só me surge por sua natureza de incompletude.

É raro encontrar alguém que, tendo ouvido uma bela música, termine por dizer que não a entendeu. A aceitamos tal como ela é. Com o cinema o processo tende a ser diferente. A incompreensão faz parte da natureza do

cinema. Se nos aproximamos do cinema apenas com nosso intelecto, renegando aos sentidos, e se, no desenvolvimento das cenas, não captamos uma relação, uma conexão, tendemos a dizer que não o entendemos. Penso que, se queremos que o cinema seja aceito como uma forma de arte poética, é preciso garantir a possibilidade de que não seja entendido. É preciso garantir ao cinema sua possibilidade de incompletude, de modo que o espectador possa intervir e preencher os vazios, os silêncios. É preciso considerar um cinema que reserve respeito pelo papel desempenhado pelo espectador.

Em vez de sólida e impecável, a estrutura do filme deveria ser enfraquecida. Um cinema que queira do espectador sua presença. Um cinema que possa fazer *ver* sem se *mostrar*. Nesse tipo de elo o espectador cria a partir de si, cria coisas que não vê para torná-las visíveis.

Se aceitamos que o que vemos no cinema, como nossas memórias, não está restrito apenas ao que se mostra pelas lentes da câmera, numa visão limitada pela cena, então temos liberdade para imaginar, criar e ver aquilo que está além do que os nossos olhos vêem. Temos que intervir para perceber. Não precisamos esperar que o filme nos mostre tudo. Temos idéias diversas uns dos outros e me estranha quando, visto um filme, o entendemos todos da mesma forma. Isso significaria que, ou o filme se pretendeu completo e nos fechou suas portas, formalizando um único entendimento, ou o reduzimos às suas formas de superfície, ou, ainda, que as imagens vistas evocaram de nós as crenças mais cristalizadas que historicamente temos apreendido, e se for assim, automaticamente o completaremos como a mesma forma de imaginação. Não estranha que todas as culturas totalitárias tenham encontrado no cinema uma forma eficiente de dominação, e se servido dele em seu desenvolvimento ideológico, bem como proibido a exibição de cinemas que resistissem às suas formas.

Estou tentando falar do quanto se pode fazer ver sem se mostrar.

Se as imagens nos conferem sua interpretação, se nos carregam com seus sentidos, um sentido não é nosso, se o que nos oferecem é *um* sentido, então a cinegrafia que as desenvolve é vazia em sua completude. Se o cinema independe de nós para ampliá-lo e conviver com ele em nossa

latência de criação imaginativa, essa categoria de cinema seria bem próxima da linguagem publicitária e do mundo dos negócios, seria equivalente a uma propaganda e útil a um sistema de pensamento unívoco e inquestionável. Seria ainda um inquestionável que tem sua força não pela forma violenta como faz calar o diverso, mas pela violência maior de, por sua coesão e coerência incorruptíveis, sequer deixar imaginá-lo.

A arte, num sentido que não está necessariamente no pólo contrário a este, mas que se desenvolve em outro plano, distante, nos reserva o poder de ver com e em nossa intimidade. Como quando o silêncio nos assalta e não dizer nada é como dizer muitas coisas. O poder aí está transferido para nós, onividentes e onividentes.

É uma verdadeira luta a que travamos para estarmos presentes, para não nos esquecermos de que existimos. O que Kiarostami nos diz a respeito de seu próprio cinema é que *tudo o que se vê na tela já está morto, só o olhar do espectador é capaz de insuflar-lhe vida*. Foi nesse espaço que me surpreendi encontrando em todos os seus personagens uma forma de minha existência. Seus personagens me devolveram a mim mesmo com uma violência exata.

Dos filmes produzidos pela indústria cinematográfica sempre guardei a impressão de que aquelas personagens só podiam existir no cinema, nunca em minha vida habitual. Outro dia um amigo me advertiu para o fato de eu ter que assisti-los em sua qualidade mítica, mesmo que apenas por divertimento. Então fiquei pensando que ele queria dizer qualidade lúdica, ao invés de mítica. Não respondi, fiquei com o conselho guardado para pensar melhor. Se é verdade que alguns filmes devem ser vistos apenas por seu potencial de diversão, mesmo que não nos espante o fato da simples diversão ter atingido hoje um nível tão aparelhado e caro que necessite uma indústria encarregada de nos entreter, então podemos pensar um pouco sobre o significado desse divertimento. Os personagens que vemos pirrofoguear na tela, vivendo suas aventuras ou amores, suas tristezas e euforias, e é difícil negar que nos causem grandes comoções com suas formas, se nos divertem, é porque correspondem, de uma forma ou de outra, a desejos pulsantes em nós. Não há qualquer problema nisso. O que me incomoda é o fato dessas formas personagens se pautarem em

desejos que são substratos de nossas vontades de consumo, cuja matriz é a mesma da indústria da diversão. Em seu jogo político, ela nos cria o desejo para depois entregá-lo em sua tela. Suas formas fantásticas nascem muito mais da maneira como nos levam a desejá-las que de sua latência criativa, que poderia, ela sim, nos completar. Então essas personagens jamais resistiriam ao poder do tempo, já que sua consistência está contida não no que suas formas compõem, mas em suas qualidades de objeto de desejo consumo, em formas imagens criadas a partir de uma cultura de aparências e cuja profundidade não se sustenta, porque é feita apenas para ser consumida. Daí que não nos estranhemos com o fato de uma cena, num filme concebido dessa maneira, não perdurar na tela por mais que alguns segundos, nem com o fato de todos, naturalmente mergulhados nessa forma cultural, entenderem as histórias fílmicas da mesma maneira.

Estranha menos ainda que um filme que se demore em suas cenas seja motivo de sonolência. É que estamos habituados à rapidez, à era da rapidez cuja distância espacial se reduziu à tela da televisão, à qual conferimos o poder de nos levar a todas as partes do mundo estando sentados em nossas cadeiras. É que o mundo virou um grande negócio, e no mundo dos negócios o tempo é raro. No cinema negócio, o tempo é algo desnecessário. Aí então podemos entender o conselho de meu amigo para simplesmente assistir ao filme. No mundo comercial de turbulência e velocidade, nada mais razoável que o comércio de um cinema que me faça parar de pensar, ao invés de parar para pensar.

O VALE DAS TRÊS LUZES



Sou um daqueles artistas que cria sua obra a partir de si mesmo. O menino que chora no berço de E a vida continua talvez seja a imagem de minha infância. O homem que bate no menino em O Viajante sou eu adulto. O pai que descuida do seu filho sou eu também. São duas faces de minha figura de pai. Em O Viajante, Qasem, que viajava sempre só, e Akbar, que gostaria de acompanhar o seu amigo, estão ambos muito próximos de minha pessoa. Do mesmo modo, em Close-up, o impostor sou eu.

A obra cinematográfica de Abbas Kiarostami se inicia em 1970 com o curta metragem *O pão e o beco*, atravessa períodos conturbados da Revolução Islâmica do Irã e se estende até o último de seus filmes disponíveis para nós no Brasil, *Dez sobre 10*, também um curta. De sua obra como um todo, o diretor chama atenção ao fato de que, mesmo diante de grande mudanças políticas em seu país, ela não registrou grandes mudanças: *é porque as pequenas coisas que me interessavam não mudaram.*

Não é difícil pretender uma interpretação política das personagens criadas por nosso diretor, mesmo que no momento da filmagem ele não tenha pensado diretamente em política. Mesmo assim, assistindo ao filme, os espectadores podem, como de fato acontece, inferir um conteúdo político de suas cenas. Isso porque qualquer interpretação está sujeita ao momento histórico que o espectador vive.

De fato, quem faz as leis sabe muito bem que, mal tenha legislado, alguém conseguirá evitá-las por meio dos artifícios mais variados. Em *Onde fica a casa de meu amigo*, a primeira cena se passa na sala de aula. O professor entra na sala e ordena que os alunos posicionem seus cadernos sobre a mesa para que ele os veja. Ao aluno que apresenta a tarefa numa folha separada do caderno o professor promete expulsão, caso o fato se repita. Ao final do filme a cena se repete, o menino ameaçado retorna à sala sem a lição, já que esqueceu o caderno com seu *amigo*. Porém, o que se vê é que o *amigo* realizou a tarefa por ele, impedindo a expulsão da escola. A primeira cena do filme é uma porta, azul, através da qual ouvimos um burburinho agitado de crianças. Na cena seguinte entendemos que se tratava da porta da sala de aula. A mim, é como se

aquela sala fosse como a porta para um outro mundo, pela qual as crianças devem entrar para um outro lugar no qual aprendem a aceitar as regras da sociedade, que representa, em certo sentido, um outro mundo.

São essas pequenas coisas que nosso diretor acredita não terem mudado. É a esses pequenos detalhes, que mal percebemos, como se não estivessem ali, que Kiarostami irá ampliar em seus filmes e nos fazer refletir. Se nossa interpretação é política, é porque estamos inundados da necessidade de nos pensarmos politicamente, mesmo que nenhum de seus personagens tenha um caráter necessariamente político. Mesmo porque, nossas menores atitudes, como as do professor e as dos *amigos*, estão imersas num todo de atitudes cotidianas que são inevitavelmente, porém não apenas, atitudes políticas.

Agora iremos nos deter em três dos inúmeros filmes de Kiarostami. Para tornar esse trabalho realizável tive que fazer algumas escolhas, e se escolhi esses três é apenas pela forma como me encantam em suas capacidades infindáveis de dizer com o silêncio. Ficaremos com *Onde fica a casa do meu amigo?*, *Vida e nada mais (E a vida continua)* e *Através das Oliveiras*.

Sinopses

ONDE FICA A CASA DO MEU AMIGO?

[*KHANE-YE DUST KOJAST?*]; 83', 35MM, COR.

A tela escura clareia a imagem de uma porta de madeira velha e gasta. Azul. Ouvimos, em persa, o burburinho crescente das crianças que conversam todas juntas. Os créditos se passam todos sobre o azul da porta.

Mohammed Reza Namatzadeh fez, mais uma vez, seu dever de casa em uma folha solta, em vez de no caderno escolar. Quando entrega o pedaço de papel para o professor, ele fica furioso e rasga o papel. Ameaça expulsar o garoto caso o fato se repita.

Voltando pra casa, Ahmad ajuda a mãe nos afazeres domésticos e rejeita ao convite dos amigos para brincar porque deve fazer os deveres de

casa. É então que, abrindo sua pasta, Ahmad descobre que ficou com o caderno de Mohammed por engano. Ahmad decide então que só tem uma alternativa: ir à casa do amigo. Aproveitando um momento de distração da mãe, escapa da casa rumo ao vilarejo vizinho, Poshteh, sem saber, porém, onde exatamente mora o colega. Para chegar ao vilarejo, Ahmad tem que atravessar morros e um bosque denso e sombreado.

Em Poshteh, percebe que não será fácil encontrar o amigo. Pede informação a um velho, a uma mulher e a um outro colega de classe, mas ninguém sabe onde fica a casa que ele procura. Quando tudo parece perdido, descobre que o senhor Nematzadeh, pai de seu procurado amigo, foi até Koker, vilarejo onde Ahmad mora.

De volta a Koker, Ahmad deve realizar algumas incumbências solicitadas pelo avô e se posta diante do comerciante Nematzadeh que, finalizando suas negociações, monta num burro e ruma novamente a Poshteh, obrigando Ahmad a correr atrás dele. Alcançando o homem, descobre tratar-se da pessoa errada. O ajudante do comerciante, que possui o mesmo e comum nome de Mohammed Reza, aconselha-o a ir perguntar ao ferreiro, um homem velho que conhece todas as pessoas do vilarejo e que talvez possa ajudá-lo. Quando Ahmad chega à casa do ferreiro, já começa a cair a tarde. Este, de fato, conhece Nematzadeh e decide ajudar o garoto, acompanhando-o até a casa do homem. Durante a lenta caminhada, por causa da idade avançada do ferreiro, o homem mostra a ele o fascínio de sua antiga profissão de entalhador de janelas e portas de madeira, mostrando aquelas que ele fez no vilarejo e falando na impossibilidade de entalhar no ferro, que foi adotado no lugar da antiga arte em função de sua maior durabilidade.

Nas proximidades da casa procurada, o velho pára junto a uma fonte, onde apanha uma flor e a oferece a Ahmad, que a guarda rapidamente no caderno do amigo que ele traz nas mãos. Cansado, o velho sugere que o garoto continue sozinho até a casa do amigo, indicando-lhe o caminho. Dobrando a esquina, Ahmad se vê diante da casa do comerciante de portas, homônimo do pai de seu amigo e cujo filho também se chama Mohammad Reza. Não querendo decepcionar o velho, ele esconde o

caderno debaixo do colete e volta. Os dois caminham lentamente até a saída de Poshteh, de onde o velho vigia a volta de Ahmad para Koker.

De volta em casa, Ahmad se recusa a comer, prefere ir terminar os deveres. Lá fora, o vento sopra forte, abrindo com violência a porta do quarto e derrubando no chão a roupa posta no varal.

No dia seguinte, como em todos os dias, o professor passa pelos bancos da sala de aula para verificar os deveres. O lugar de Ahmad dessa vez está vazio. Mohammed se agita, baixa a cabeça a ponto de chorar. Ele aguarda a fúria do professor. Pouco antes de chegar a sua vez, seu colega de banco entra na sala. Ahmad se senta a seu lado e lhe passa o caderno com as lições feitas, livrando-o da expulsão. Ao corrigir o dever de Mohammed o professor fica muito satisfeito. Vira a folha para escrever um elogio e encontra entre as páginas a flor que o velho ferreiro tinha dado a Ahmed na véspera.

VIDA E NADA MAIS (E A VIDA CONTINUA)

[VA ZENDEGI EDAME DARAD]; 91', 35MM, COR.

Num pedágio de rodovia saindo de Teerã só há congestionamento e confusão. Havia chegado a notícia de que um grande terremoto havia atingido a região de Gilan. Como de costume na região de freqüentes terremotos do Irã, várias famílias se dirigem ao local da tragédia com suprimentos. As rádios só falam nisso. Entre os vários automóveis que saem da cidade está o de Fahrads, que intenciona ir com o filho Puya até a região de Koker, procurar os irmãos Ahmad e Babak Ahmadpur, protagonistas do filme *Onde fica a casa do meu amigo?*. Fahrads provavelmente é o diretor do antigo filme, ou ao menos trabalhou nele, e decide ir saber notícias da família dos garotos. O carro segue, pai e filho conversam sobre o terremoto, e também sobre a copa do mundo que estava se passando naquelas dias, na Itália.

O carro entra pelo enorme túnel que separa as cidades, dois Lugares. Puya deita no banco e tenta dormir. Da escuridão do túnel surgem os créditos.

Após um tempo, vemos Gilan: ruínas de casas, deslizamentos, homens trabalhando, pessoas feridas na beira da estrada. Junto dos sinais de

desastre, máquinas, jipes de resgate e ambulância provocam grandes engarrafamentos. Farhad decide pegar uma estrada secundária que sobe o morro. Ao longo do trajeto, encontra muitas pessoas e pede informações sobre o caminho a seguir até Koker e também sobre os garotos, mas ninguém sabe dizer. Ele mostra o cartaz do filme com a foto de Ahmad, o rosto lhes parece familiar, mas sua sorte é desconhecida. Farhad e Puya encontram algumas pessoas conhecidas, como o senhor Ruhi, que havia interpretado o papel do avô de Ahmad em *Onde fica a casa do meu amigo?*. O homem, que aceita a carona oferecida, se queixa da maquiagem do filme que o fizera parecer mais velho do que é. Depois de terminada a filmagem, em vez de voltar para sua velha casa, Ruhi ficou com a que foi utilizada como locação: a primeira desabou, a segunda permaneceu de pé.

Chegando a um vilarejo, Puya e Farhad se separam, pois o menino deseja beber água. Puya vagueia entre os escombros, cata umas coisas aqui e ali, conversa com uma mulher que lava roupa, enquanto o pai conversa com Ruhi e com um jovem, Hossein, que se casou no dia seguinte ao terremoto, iniciando uma nova vida com a mulher, Yahareh, apesar de alguns parentes dela terem morrido.

Continuando a viagem, pai e filho encontram Mohammad, o amigo de Ahmad em *Onde fica a casa do meu amigo?*, mas ele também não tem notícias dos garotos procurados, ele próprio tendo sobrevivido por muita sorte, já que na noite do terremoto tinha ido à cidade para assistir ao jogo de futebol.

Depois de percorrer vários quilômetros, o carro chega a um acampamento. Puya descobre ali que alguns rapazes estão montando uma antena de televisão para assistir Brasil x Argentina e pergunta ao pai se pode ficar com eles. Farhad confia o filho a duas moças e prossegue sozinho. Pouco mais à frente encontra um homem que ajeita uma antena de televisão e pergunta por Ahmad, mostrando o cartaz do filme. O homem o reconhece como filho de Abdollah, de Koker, e diz que passaram por ele há 20 minutos, indo pra casa.

Seguindo, Farhad encontra dois rapazes que se assemelham muito a Babak e Ahmad. Oferece carona a eles, um dos dois ficou sem voz depois de gritar a noite toda chamando o irmão, morto sob os escombros.

Farhad continua a viagem rumo a Koker, apesar da estrada estar impraticável. Passa por uma curva fechada, uma subida acentuada, mas na segunda curva o carro enguiça. A cena – filmada em plano seqüência e em grande plano geral – mostra o Renault 5 recuar, esperar a chegada de um passante e, depois de empurrado, voltar. Enquanto isso, depois de ajudar Farhad, o homem, que carrega um botijão nas costas, segue seu caminho. Quando é de se imaginar que Farhad renunciou definitivamente à sua intenção, o carro reaparece à direita do enquadramento, tentando subir novamente a estrada. Vencida a primeira curva, a segunda, o carro reduz a velocidade para pegar o homem com o botijão e continua em frente.

ATRAVÉS DAS OLIVEIRAS

[Zir-e derakhtan-e zeytun]; 103', 35mm, cor.

Um homem, olhando para a câmera, diz chamar-se Keshavarz e ser o ator que interpreta o diretor do filme *E a vida continua*. Está em Koker procurando uma atriz. Dentre as muitas moças que se apresentam para a seleção, o homem nota duas, ambas chamadas Tahereh.

Créditos através das oliveiras.

Um carro segue por uma estrada de terra. É dia 30 de maio de 1993, ou pelo menos é o que diz o rádio que ouve a senhora Shiva, secretária de produção.²⁸ Depois de dar carona a um professor, que havia interpretado o professor de *Onde fica a casa do meu amigo?*, a senhora Shiva se dirige para a casa de uma das atrizes. A moça comparece ao encontro com um vestido novo, apesar de terem pedido que ela viesse com roupa de camponesa. A secretária pega um vaso de Gerânios e diz a Tahereh Ladanian que voltará mais tarde para buscá-la. No trajeto que a separa do set, a senhora Shiva encontra Ahmad e Babak Ahmadpur, que também iam para o local das filmagens.²⁹

Pouco depois, no set, um jovem ator não consegue decorar algumas falas. O rapaz começa a gaguejar diante da atriz. Depois de repetir a cena

²⁸ *Calendário Histórico*. Hoje é domingo, dia 9 do mês de Khorad do ano 1372 da hégira solar ou dia 8 do mês Zihadjeh do ano 1413 da hégira lunar ou, ainda, 30 de maio de 1993.

²⁹ Ambos protagonistas de *Onde fica a casa do meu amigo?*, e objetos da busca de Farhad em *E a vida continua*.

três vezes, Keshavars decide substituí-lo, por Houssein, o faz-tudo que veio com a equipe.

Mas quando Houssein começa a dizer suas falas, outro contra tempo atrasa a filmagem: Tahereh se encerra num mutismo incompreensível e se recusa a contracenar. No fim do dia Houssein explica ao diretor a razão do silêncio da moça: era causado pelo pedido de casamento que ele havia feito anteriormente aos pais de Tahereh, obtendo em resposta um não taxativo, por ser analfabeto. Mas uma troca de olhares deixara-o convencido de que a moça correspondia ao seu amor. Desde aquele dia, entretanto, Tahereh nunca mais lhe dirigiu a palavra.

Cai a noite, Keshavarz e a senhora Shiva conversam sobre a possibilidade de substituir um dos dois: a mulher aconselha o diretor a renunciar a ambos, o rapaz e a moça, mas Keshavarz não concorda. Apesar dos pesares, as filmagens prosseguirão com os dois. No dia seguinte bem cedo, Houssein e Keshavarz entram no furgão de produção, prontos para voltarem ao *set*. Houssein confessa ter ficado com raiva por Tahereh nem tê-lo cumprimentado. Acrescenta também que não acha justo que as crenças dos pais os mantenha separados. No *set* voltam a surgir problemas. Houssein não consegue dizer uma fala sobre o número de mortos na sua família, e Tahereh, numa outra cena, se negou a pronunciar o nome de Houssein, umas nuvens comprometem a iluminação e impõem mais uma interrupção. No intervalo da filmagem, Houssein tenta convencer Tahereh a se casar com ele, mas a moça não o olha e se limita a ler um livro, já que durante as filmagens ela estudava para os exames. Depois de várias tomadas chega o fim do dia, sem êxito. Desanimado, Houssein deixa a moça ir para casa sem acompanhá-la, mas Keshavarz incentiva-o a tentar outra vez. O rapaz toma coragem e segue a moça pelo campo. Os dois protagonistas estão pela primeira vez a sós, entre as oliveiras. Percorrem uma trilha em espiral. Quando Tahereh passa por baixo de uma única oliveira no alto da colina, Houssein deixa sobre o chão as coisas que traz nas mãos, os dois vão descendo e somem no olival. Não demora muito e os são só pontinhos brancos se movendo no verde. Quando quase somem a música muda. Durante a volta de Houssein surgem os créditos finais.

Qualquer um que assiste a um filme se veste naquele traje de luz. O cinema não nos entrega um único mundo, mas um intramundo que não é uma realidade, mas uma infinidade delas. Assim, eu também estive em Koker, por três vezes estive lá, e Ahmad não me é desconhecido. Também entrei por aquela porta azul e quando me saí dela o mundo também se me estendeu outro. Também eu busquei um *amigo* do qual eu sabia o Nome com um presente para lhe dar, com folhas escritas e uma pequena flor amarela ganhada do velo que não conseguia andar e falar sem ter que reduzir o paço. Fui eu aquele que buscou nas ruas desconhecidas as figuras de Ahmad e Babak Ahmadpur e me deixei guiar por orientações desconhecidas. Foi essa mesma orientação que me fez encontrá-los em suas ausências. Eu ainda corri por através de oliveiras trazendo a resposta que não te contei. Fui eu quem te silenciou minha palavra.

Em *Onde fica a casa do meu amigo?*, o que temos são variações de um menino que anda pelas ruas de um vilarejo. Em *E a vida continua*, as de um homem que quer encontrar um caminho que o leve mais rápido aos meninos que procura. E é bem perceptível que *Através das Oliveiras* gira em torno das filmagens de um filme.

Se quisermos, ainda, ficar com uma cena definitiva dos três filmes, é só fazermos o caminho contrário. *Através das Oliveiras* é um filme que transcorre sobre a filmagem de uma única cena de um outro filme chamado *E a vida continua*, no qual um homem que trabalhou, como diretor ou não, nas filmagens de *Onde fica a casa do meu amigo?*, busca por dois meninos que atuaram nesse filme, pois a cidade deles, que serviu como locação para as filmagens, foi vítima de um terremoto.³⁰ Essa poderia ficar como sendo nossa impressão, mas não seria de todo correta já que *Onde fica a casa do meu amigo?* é anterior a *E a vida continua*, que por sua vez é anterior a *Através das Oliveiras*.

O que temos é um truncamento, palavra que Kiarostami teme e se gosta, de cenas, de memórias, de Lugares. Quando Fhrad percorre as

³⁰ Este último filme, que é o primeiro dos três, foi baseado no poema "Endereço", de Sohrab Sepehri, poeta moderno do Irã e cujos versos são citados pelo Viajante de meus *lugares no avesso do deserto*.

estradas de Koker, em busca de Ahmad e Babak, ele vê os Lugeras que serviram de locação para a busca de Ahmad por Mohammed Reza, de Poshteh a Koker. Essa mesma colina será subida por Tahereh, seguida de Houssein. Em *Onde fica a casa do meu amigo?* temos a impressão de que a colina seja imediatamente posterior à cidade de Koker, mas em *E a vida continua*, num *plano aberto*, vê-se que ela fica bem longe da cidade e é precedida por uma floresta³¹, que em *Através das Oliveiras*, num *plano subjetivo*, acreditaremos estar próximo da cidade de Poshteh, o que não se verificou anteriormente no plano aberto de *E a vida continua*.

Se a questão fosse apenas *metacinematográfica*, ou seja, o filme dentro do filme, as cenas de *E a vida continua*, não teriam sido filmada por três vezes em *Através das Oliveiras*, sem que nenhuma delas tenha sido considerada *boa*. De fato, a cena do casal em *E a vida continua* não é nenhuma das três cenas tentadas em *Através das Oliveiras*, mas aí estaremos escolhendo percorrer o avesso do tempo que separa cronologicamente os dois filmes, no primeiro os dois aparecem apenas como um casal recém casado.

Em *Através das Oliveiras* assistimos à filmagem de *E a vida continua*. Cada tentativa de filmagem da cena de Tahereh e Houssein em *E a vida continua* que observamos em *Através das Oliveiras* é precedida pela claquete que marca as tomadas de filmagem de uma cena, identificando o título do filme, a data, o número do rolo de filmagem, a seqüência, a cena e a tomada à qual aquela filmagem corresponde; toda essa sistematização é necessária para identificação no momento da edição das cenas, e quase nunca as cenas são gravadas na mesma ordem em que aparecem no roteiro. Em *Através das Oliveiras*, a claquete que corresponderia às filmagens de *E a vida continua* não trazem a identificação deste, mas de *Através das Oliveiras*. Isso acontece porque não vejo o último, na cronologia dos três filmes, como uma *representação* da realidade do segundo, mas a *própria realidade*, e o que assistimos em *Através das Oliveiras* é *Através das Oliveiras*.

³¹ A cena mostra Farhad, em sua busca, se deparar com vários Lugares usadas como locação para *Onde fica a casa do meu amigo?* vê um menino que corre pelo mesmo caminho percorrido por Ahmad enquanto ia de Koker a Poshteh.

Ainda assim *Através das Oliveiras* não se mantém como aglomerado dos espaços de *Onde fica a casa do meu amigo?* e *E a vida continua*. Na cena em que Houssein atravessa o bosque atrás da avó de Tahereh, a equipe de filmagens o interrompe e Farhad se afasta da criança na rede. Podemos entender que ali se passava a filmagem de uma outra cena de *E a vida continua*, mas não aquela cujo tema é central em *Através das Oliveiras*. Só que a cena não termina na interrupção das filmagens de *E a vida continua*, já que a equipe de filmagens logo chama Houssein para junto deles, ou seja, aquela cena de filmagens de *E a vida continua* não é *E a vida continua*, é *Através das Oliveiras* num outro Lugar.

Esse espaço tempo, constantemente posto em instabilidade, faz com que as coordenadas não se solidifiquem em nossa geografia. À mim sempre me disse que são elas as da topografia espiritual do deserto.

O que temos é um vazio, não apenas uma ausência mas uma ausência que é buscada. Há ainda outro Lugar me encanta: é o bosque das oliveiras. É o bosque de oliveiras que separa Koker de Poshteh e que Ahmad atravessa em *Onde fica a casa do meu amigo?*, é o bosque de oliveiras que Farhad atravessa acompanhando um choro de recém-nascido entre Teerã e Koker, é o bosque de oliveiras que Houssein atravessa voltando do velório das vítimas do terremoto atrás da avó de Tahereh e no qual recebe do último não da família, Houssein passará também pelo bosque das oliveiras seguindo Tahereh e voltará pelo mesmo bosque antes que as sombras apareçam. É também por uma alameda, mais verde que o sono de Deus, que o cavaleiro deverá passar para chegar à casa do amigo em Endereço, por Sohrab Sopehri, e é, ainda, no bosque que veste o topo das Serras Puiúnas que o Clandestino ouve o canto do Pássaro. Posso até me recordar de que foi nesse mesmo Bosque de Oliveiras que um homem Cristo souou seu sangue.

Não há momento mais silencioso que aquele que paramos para atentar a uma história, às palavras Enviadas.

Sobre *Onde fica a casa de meu amigo?*, assim fala Kiarostami:

Respira-se, no filme, a magia e a incerteza. O vento que abre a porta do quarto de Ahmad possui algo de preocupante e de ansioso: acredito que,

cada vez que há vento, a alma se agita dentro de nós. A porta se abre, o espaço já não é só o quarto e, com o vento, as preocupações do menino chegam até nós.

Sobre *E a vida continua*, ele diz:

Impressionou-me a simplicidade das pessoas. Quando, para filmar, pedi que sujassem novamente as roupas e as casas, muitos deles se recusaram. Até mesmo os figurantes haviam preparado suas roupas novas. Tudo aquilo que se vê num filme está demasiadamente arranjado, mas isso era inatingível para aquelas pessoas naquele momento; e eu respeitei os seus desejos.

E sobre *Através das Oliveiras*, ilumina:

É claro que eu tinha interesse por essas duas pessoas. Julgo que a matéria-primeira de um diretor não é a câmera ou o negativo de uma película, mas a matéria humana. São as pessoas o primeiro trabalho. Parecia-me natural fazer algumas traquinagens para aproximar Houssein de Tahereh.

Toda vez que assisto a esses filmes me noturno. A chave que guardo por baixo das mangas longas da camisa é a verdade de que imagens são o indizível da palavra, que voadora o que a imagem não forma. *Como eu poderia empunhar as lembranças e refazer os silêncios e as tardes na varanda vazia?*³². Como mostrar a busca do que não se encontra? Como rasgar a palavra choro até fazê-la molhar essas páginas com as lágrimas de Mohammed Reza?, ou encontrar pequenas palavras amarelas de um velho ferreiro, postas com cuidado por um amigo desconhecido por entre as páginas de meu caderno perdido? Como eu me sentiria ante a beleza dos silêncios olhados de Tahereh? Ou o qual presença eu criaria pra completar meus desejos de encontrar Ahmad e Babak Ahmadpur?

Talvez eu esteja apenas sofismando uma forma narcísica de me encontrar no outro, talvez minhas palavras sejam essa força vivida no desejo e na angústia me completar e querer das formas e das luzes sons texturas uma maneira de minha própria imagem. Mas é preciso ainda

³² *lugares no avesso do deserto*

lembrar o seguinte: o cinema me responde a outro desejo, diferente e talvez comum, de me tornar um outro.

É verdade que quando escrevi as Sinopses dos filmes, tive de atentar e por várias vezes realizar cortes aqui e ali em minha escrita. Me aconteceu que, ao descrever as cenas, para que você as lesse em você, eu as completava com partes de minha alma e de meu entendimento. Voltei e cortei dos textos as cenas de que mais gosto, e eles ficaram como você leu.

Darei uma delas, aquela minha imagem que é apenas uma e minha imagem. Darei aquele desejo que inventei e que é como uma caixa preta, na qual eu disporia esses meus textos como lâminas transparentes sobrepostas para, a seu fim, acender uma luz. Até que, olhando, possamos ler todas elas a uma só vez.

Darei uma aquela minha imagem. Aquela do alto das Cenas Puiúnas, por onde vi, eu e você, a extensão do Bosque das Oliveiras. Pouco além do bosque uma estrada, o vento sopra e o barulho das árvores deixa ouvir seu canto, só as árvores sabem vibrar os cantos dos poetas. Na estrada um carro pára, um homem desce até o bosque e nós o vemos dentro daquele bosque. É Farhad. Ele se amoita e mija no mato. Do mesmo bosque uma criança chora, posta no íntimo de uma rede. O homem se aproxima e abre o berço. A mãe se mexe pouco abaixo. Um menino Puya grita de dentro do carro, o homem sobe, pega a estrada. Ainda no bosque uma velha caminha e um jovem Houssein a acompanha. Ele se mantém distante, às vezes ao lado, ainda que distante, mas nunca à frente dela. Ele fala, ele fala, ela nega. A criança chora, o jovem vai até ela, vê Farhad abrir um pouco a rede e tentar brincar com o bebê que já não chora. – Corta!, diz a equipe de filmagens alocada no canto do bosque. Um dos homens chama Farhad, outro tenta afastar Houssein do campo de visão da câmera que traz nas mãos. Houssein volta por onde veio, a velha some pelo outro lado.

Ainda por esse bosque, agora vazio, vemos uma menina mulher Tahereh espiralar seu caminho por entre as árvores, seguida da constância do rapaz Houssein. Eles sobem o zigue-zague da colina que Ahmad subiu antes deles, e que é vista por Farhad, mas agora o que vemos é só Tahereh seguida por Houssein numa outra luz de fim de dia.

Agora vemos um Homem que nos olha com um pássaro ao ombro e nos mostra o trançado do tempo, a volição do espaço. Ele nos lança três perguntas: *Onde fica a casa do amigo?*, e *a vida continua?*, *através das oliveiras?*



Por três vezes comecei os agradecimentos dessa página.

A primeira delas traçou um círculo, em branco papel. Quis, em tais imagens, palavreadas, musiquescas, o riscar da superfície, limiar, nem início nem fim, sem lados, dentro ou fora. Uma presença em pleno branco, as serras, o olho circular das serras, o íntimo, o ninho, me mostro nos sinais que lanço sobre árvores e pedras, me apercebo nelas, na força da vida contrária. Um círculo de um dizer: aqui o espaço é vivo, o Deserto.

A segunda consagrou meu trabalho aos três princípios da Substância: o movimento dos Mercúrios, a estabilidade do Sal, a matéria do Fogo, esse espaço Vazio a arder, sopro que nasce a esvair-se e a castrar-se de movimento, a alma da Luz.

Traço círculos de palavras de fogo, fogo reduzido, calcinado.

Morro para mim e me assemelho a tudo que sou.

A última das três escrevo logo. Logo que ler a de agora que não é uma das três. E você poderá dormir com a que escreverei sem que saiba. E ela te dirá em silêncio: quem sou?

Ao cabo, me vanglorio ainda de um mal entendido, um que modifique tudo, um sinal negativo na soma. Quero ter, aqui e ali, uma palavra que se contente com o piscar dos olhos, o harpejo da grama, um arranhão no espelho que me faça recompor tão depressa como se de nada fosse feito.

Um jogo de cartas me sorteia você que me lê. Você que só me acredita me deixando de lado.

O que é o erro?, o sucesso inerte?, a verdade volátil?, que sou eu? triturado no almofariz humano?, de tanto levar minha retorta ao fogo, vi avessos.

A Grande Arte e toda a mecânica elaboram em seus estudos as verdades nos que ensinam nossos corpos, pelos quais o um se faz todo: no além de mim e de você, no além de nós, dos outros.

Cada deserto, grão, cada além, orla, cada parte é um vale que abriga os simples. Nos rochedos, onde dormem os metais, cada um sendo um

momento da Obra, nas palavras trincadas, nos dentes dos mortos, nos deuses, cada um com sua promessa. Nas multidões, cada um é um centro do universo que se separa na encruzilhada seguinte. Meu reino parece-me às vezes um tecido frouxo, fugidio, uma sombra. Seria menos espantoso rever meu avô, morrido, que reencontrar na esquina seu rosto velho, cuja boca sabe meu Nome, mas cuja substância se refez, na qual o tempo alterou cor e forma, cuja substância se refez mais de uma vez, ao longo desses vinte e cinco anos.

Talvez eu queira ser um homem sem alma. Talvez meus ardores sejam transbordamento e forma. Talvez eu seja um ensaio. Ou antes, não passe de atitudes que às vezes são interrompidas por uma paisagem à qual me consinta viver.

Que sinais são esses? que fazem as folhas das árvores escorrerem desígnios? Aqui e ali, uma folha amarelida denuncia no verde o tempo dos metais, das substâncias e das transmutações que opera. Em cada uma delas uma força sobe, outra desce. O sinal do ar, que alimenta o braseiro e nutre os seres de silvo. O vento, que verga troncos e apaga destinos. O fogo, que os homens trazem por dentro e que pode acabá-los. A matéria, o alambique que destila a alma. O sangue que corre nos meandros do corpo é água que circula nas canaletas de um jardim oriental.

Sob os pés, as raízes imitam nas trevas o movimento do astros.

Cedo aprendi, as diferenças pouco valem se comparadas ao fato de que o homem, sob qualquer circunstância, tem sempre dois pés, duas mãos, um membro viril, um ventre, boca e dois olhos, e de nada adianta sacrificar a natureza em nome deste ou daquele dogma.

Não, não seria bastante uma vida para cortejar contigo esse mundo em que estamos, esse mundo que somos.

Tudo isso pode ser dito com uma outra forma.

A força das madrugadas me atrai, morada do dia, lusco fusco, clave do sol. A hora em que a gente sonha, dormidos ou claros, a gente sonha. Nessa hora as almas cercam, perguntam três perguntas, não há resposta: quem é? de onde vem? onde vai?

A obra é a forja, a entre-luz que não consome, a espera, o silêncio avesso à luz, o dia. À hora vazia não há sombras, tudo o que há é um todo. O ar é espesso e a poeira muda as cores das coisas. À essa hora nos vemos, clareados ou noturnos, como nos vê um anjo, como se vê num sonho, sem que notemos, sem entendermos que somos nós nos vendo sonhando, sem sabermos que somos nós, no sonho, que nos olhamos, sonhando.

Somos o deus que não temos Nome. Aqui nada tem Nome.

A existência mais sagrada é existir um corpo. Corpo sonhado de sonhos.

Muito tempo tenho convivido com minhas crianças. A Luz se faz.

Estudantes que não são a-lunos, porque têm Luz aqueles corpos, e sede. Aqueles olhos sonham. São eles, sempre eles, minha espera, minha lembrança. Quando me abraçam, me trocam sonhos.

Meu Amigo, Meu Amado, Miltíssimo querido, fogo, luz, seu sorriso.

Meus Amigos, minha Escola, meu silêncio.

Silêncio que me faz ser um, no outro, eu sendo um contigo. À vocês escrevi e escrevo, para me sonharem em segredo, e mais fico quando parto, como o Avôque trago comigo.

Fotografias de autoria de Alan Victor Pimenta

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Milton José; *Cinema, Arte da Memória*; Campinas, Autores Associados: 1999.
- _____ ; *O Teatro da Memória de Giulio Camilo*; Cotia – SP: Ateliê Editorial e Campinas: Ed. Unicamp, 2005.
- ARABÎ, Ibn'; *Alquimia da Felicidade Perfeita*; td. Roberto Ahmad Cattani; ed. Landy; SP: 2002.
- _____ ; *Le dévoilement des effets du voyage*; td. Denis Gril; Paris, L'Eclat: 1994.
- ATTAR, Farid ud-Din; *A Linguagem dos Pássaros*; td. Álvaro de S. Machado e Sergio Rizek; Attar Editorial, SP:1991.
- BACHELARD, Gaston; *A Terra e os Devaneios do Repouso*; SP: Martins Fontes: 1990.
- BARTHES, Roland; *A Câmara Clara*; RJ, Nova Fronteira: 1984.
- BERNARDET, Jean-Claude; *Caminhos de Kiarostami*; Cia das Letras, SP: 2004.
- BLOOM, Harold; *Presságios do Milênio – Anjos, Sonhos e Imortalidade*; td. Marcos Santarrita, ed. Objetiva, RJ: 1996.
- BOSI, Alfredo; *O Ser e o Tempo da Poesia*; SP, Cultrix: 1983.
- BRAGA, Luiz; *Luiz Braga – Fotoportátil*; SP, Cosac & Naify: 2005.
- CASCUDO, Luis da Câmara; *Dicionário do Folclore Brasileiro*; BH, Ed. Itatiaia: 1988.
- CORBIN, Henry; *Alchimie comme art hiératique*; Paris, L'Herne: 1986.
- _____ ; *en islam iranien, aspects spirituels et philosophiques – le shî'isme duodeciman*; ed. Gallimard, 1971.
- _____ ; *L'Homme et son ange – Initiation et chevalerie spirituelle*; Paris, Fayard: 1983.
- _____ ; *L'Imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn' Arabi*; Paris, Entre Lacs.
- _____ ; *Suhrawardî d'Alep – Fata Morgana*; ed. Hermes.
- GRABAR, Oleg; *Mostly Miniatures – An Introduction to Persian Painting*; Presses Universitaires de France: 1999.
- JUNG, C. G.; *Mysterium Coniunctionis*; Petrópolis, Vozes: 1997.
- _____ ; *Psicologia e Alquimia*; Petrópolis, Vozes, 1991.

- _____ ; *Psicologia e Religião Oriental*; Petrópolis, Vozes, 1986.
- KIAROSTAMI, Abbas; *Abbas Kiarostami*; td. Nasrin Hadad Battaglia; Cosac Naify, SP: 2004.
- AL-KINDI; *De Radiis – Théorie des Arts Magiques*; Paris, Allia: 2003.
- KUNTZMANN, R. e DUBOIS, D.; *Nag Hammadi, O Evangelho de Tomé*; td, Álvaro Cunha; SP, Ed. Paulinas: 1990.
- LÉRY, Jean de; *Viagem à terra do Brasil*; td, Sérgio Milliet, SP, Ed. USP: 1980.
- LISPECTOR, Clarice; *Água Viva*; Ed. Rocco, RJ: 1998.
- _____ ; *A paixão segundo G.H.*; Ed. Rocco, RJ: 1998.
- _____ ; *Perto do coração selvagem*; Ed. Rocco, RJ: 1998.
- _____ ; *A via via do corpo*; Ed. Rocco, RJ: 1998.
- MACHADO FILHO, Aires da Mata; *Arraial do Tijuco, cidade Diamantina*; BH, Ed. Itatiaia: 1980.
- NASSAR, Raduan; *Lavoura Arcaica*; Livraria José Olimpio Editora, RJ: 1975.
- _____ ; *Um copo de cólera*; Cia. Das Letras, SP: 1992.
- _____ ; *Menina a caminho*; Cia. Das Letras, SP: 1997.
- NEZÂMÎ; *Lês Cinq Poèmes de Nazâmî*;
_____ ; *Lês Espt portraits*; ed. Fayard.
- NOVAES, Adauto (org); *O Olhar*, SP, Cia. Das Letras, 1988.
- OMAR, Arthur; *Antropologia da Face Gloriosa*; SP, Cosac & Naify: 1997.
- ROSA, João Guimarães; *Grande Sertão Veredas*; RJ, Nova Fronteira.
- _____ ; *A hora e a vez de Augusto Matraga*; RJ, Nova Fronteira.
- _____ ; *Manuelzão e Miguilim*; RJ, Nova Fronteira: 1984.
- _____ ; *Noites no Sertão*; RJ, Nova Fronteira: 1988.
- _____ ; *Primeiras Estórias*; RJ, Nova Fronteira: 1988.
- RULFO, Juan; *O Galo de Ouro*; td. Eric Nepomuceno; Civilização Brasileira, RJ: 1999.
- _____ ; *El llano en llamas*; Cátedras Letras Hispánicas, Madrid, 2001.
- _____ ; *Pedro Páramo*; td. Eliane Zagury; Paz e Terra, RJ: 1977.
- RUMI; Jalal ud-Din; *Divan de Shams de Tabriz – Poemas Místicos*; td. José Jorge de Carvalho; Attar Editorial; SP: 1996.
- RUSHDIE, Salman; *Os versos satânicos*; td. Misael H. Dursan; Cia das Letras, SP: 1998.

- SARAMAGO, José; *Levantado do Chão*; SP, Difel: 1982.
- SCHAMA, Simon; *Paisagem e Memória*; td. Hildegard Feist, SP, Cia das Letras: 1996.
- SHAYEGAN, Daryush; *Henry Corbin, La topographie spirituelle de l'islam iranien*; Paris, Éditions de la différence: 1990.
- SIMÕES, Inimá; *Roberto Santos, a hora e a vez de um cineasta*; SP, Estação Liberdade: 1997.
- SOHRAVARDÎ; Sihâboddin Yahyâ; *L'Archange Empourpré – quinze traités et récits mystiques*; td. Henri Corbin; ed. Fayard.
- _____ ; *El encuentro cón el ángel*; td. Agustín L. Tobajas; Editorial Trotta, 2002.
- _____ ; *Le livre de la sâjese orientale*; Ed. Verdier: 1986.
- STADEN, Hans; *A verdadeira história dos selvagens, nus e feroces devoradores de homens, encontrados no Novo Mundo, a América, e desconhecidos antes e depois do nascimento de Cristo na Terra de Hessen, até os últimos dois anos passados*; td. Pedro Sússekind; Ed. Dantes.
- TARKOVSKI, Andrei; *Esculpir o Tempo*; SP, Martins Fontes: 2002.
- WALTHER, Ingo F. e WOLF, Norbert; *Masterpieces of Illumination*; Taschen: 2005.
- WELCH, Stuart Cary; *Persian Painting*; NY, George Braziller: 1996.

PERIÓDICOS

- Kiarostami, le magnifique – Kiarostami ou l'art de l'enfance*; Cahiers du Cinema; juillet-aout, n. 493.
- Raduan Nassar – Cadernos de Literatura Brasileira*, Instituto Moreira Salles; n.2, set, 1997.

FILMOGRAFIA

- KIAROSTAMI, Abbas; *O pão e o beco* [*Nan va kuche*]; 11', 35 mm, PB: 1970.
_____ ; *Onde fica a casa do meu amigo?* [*Khane-ye dust kojast*]; 83',35mm, cor; 1987.
_____ ; *Close-up* [*Close-up – namay-e nazadik*]; 90', 35mm, cor, 1990.
_____ ; *Vida e nada mais, e a vida continua* [*Va zendegi edame darad*]; 91', 35mm, cor; Irã: 1992.
_____ ; *Através das oliveiras* [*Zir-e derakhtan-e zeytun*]; 103', 35mm, cor; Irã: 1994.
_____ ; *Gosto de Cereja* [*Tam'e-ghilas*]; 99',35mm, cor, 1997.
_____ ; *O Vento nos levará* [*Bad ma-ra khahad bord*]; 118', 35mm, cor, 1999.
_____ ; *ABC África* [*ABC África*]; 84', DV, cor: 2001.
_____ ; *Dez* [*Ten*]; 91', DV, cor, 2002.